

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

A NECESSIDADE DA PRÁTICA DA CRIATIVIDADE E DA MELHORIA DOS
RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS NO PROCESSO ENSINO -
APRENDIZAGEM:
UM ESTUDO DE CASO

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Engenharia da Produção da
Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre
em Engenharia de Produção

FLORIANÓPOLIS

2000

DIONE ESTRELA VIDAL

**A NECESSIDADE DA PRÁTICA DA CRIATIVIDADE E DA MELHORIA DOS
RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS NO PROCESSO ENSINO -
APRENDIZAGEM:
UM ESTUDO DE CASO**

FLORIANÓPOLIS

2000

DIONE ESTRELA VIDAL

**A NECESSIDADE DA PRÁTICA DA CRIATIVIDADE E DA MELHORIA DOS
RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS NO PROCESSO ENSINO -
APRENDIZAGEM:
UM ESTUDO DE CASO**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a
obtenção do título de **Mestre em Engenharia de Produção** no **Programa de Pós -
Graduação em Engenharia da Produção** da
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 24 de outubro de 2000

Orientadora: Prof^a. Aline França de Abreu , Dr

Co-Orientador : Prof. Gesinaldo A Cândido , Msc

Coordenador do Curso : Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D.

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof^a. Aline França de Abreu, Dr.

.....
Prof. Gesinaldo A. Cândido, Msc

.....
Prof..Bruno Hartmut Kopittke, Dr.

.....
Prof. Álvaro Guillermo Rojas Lezana, Dr.

*A todos os que me incentivaram a
seguir em frente e me fizeram
acreditar que eu seria capaz .*

Meu sincero agradecimento

Este estudo me deu a oportunidade de conviver com muitas pessoas que passaram a fazer parte do mundo desta pesquisa ; mesmo sem saber nem suspeitar , foram os personagens com os quais eu trabalhei , durante esses dois anos, como numa grande peça teatral. Entretanto, eles é que escreveram o roteiro, construíram o cenário, foram os sonoplastas e interpretaram muito bem os seus papéis. Alguns viveram "vilões", outros, "valentes mocinhos" ; porém , todos os papéis foram importantes. No elenco , apareceram algumas "estrelas" que , a seu modo, também deram uma valiosa contribuição. Sem a participação de todos - artistas, cenógrafos, produtores, auxiliares de direção e, principalmente, "extras" - este estudo jamais poderia ter sido feito . A todas essas pessoas , deixo o meu sincero agradecimento, pois na realidade, foram elas que escreveram toda a história desta pesquisa.

*A você, Gil, amigo que ganhei
com este trabalho, obrigada pela
força que sempre chegou no
momento certo.*

EDUCAÇÃO

"A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não somente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores inventores, descobridores. A segunda meta é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo o que a elas se propõe".

Jean Piaget (1890 - 1980).

RESUMO

Análise crítica da situação do trabalho didático-pedagógico do professor da escola de ensino superior que atualmente, concorrendo com novas tecnologias de informação e comunicação, precisa utilizar uma didática altamente eficiente. Para essa pesquisa foi utilizado, pela facilidade da coleta de dados e observação de uma série de experiências, o curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, na cidade de Curitiba, Paraná, com o objetivo de se retratar o pensamento do estudante com relação às aulas de seu curso e a atuação de seus professores. Os resultados da pesquisa mostraram alunos que clamam por aulas dinâmicas e criativas e por um maior relacionamento interpessoal com os seus professores. No entanto, esses mesmos alunos demonstram falta de preparo para um trabalho voltado para a reflexão, pesquisa, pensamento crítico e se conservam ainda muito presos à reprodução e memorização de conhecimentos e noções já estruturados. Por outro lado, alguns professores resistem à idéia de se adaptarem aos novos tempos, receosos de, ao se afastarem da sua forma habitual de trabalho, perderem o controle da disciplina na turma e a autoridade frente à classe. Outro fato bastante interessante é que os próprios professores que apontaram o tipo de aluno criativo como aquele que mais chances tem de vencer na vida futura, não os citaram, de um modo geral, como que gostariam de ter em suas classes. Parece que ambos professores e alunos não têm um conhecimento perfeito do que seja trabalhar com mais criatividade e competência interpessoal, o que deixa clara a necessidade de um treinamento efetivo nesse sentido, tanto para o corpo docente como para o discente.

ABSTRACT

A Critical analysis was made about the situation of didactic and pedagogic education by university professor. Since there is, at the present time, a continuous need to updating knowledge and communication technologies, it is important to have an efficient method.

Due to the compliance in collecting data and observing a great number of experiences, the investigation was made in the Course of Pedagogy (Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná). The purpose of this survey was to reveal what students think about their course as well as their teachers' ability.

The outcomes have shown students are asking for dynamic and inventive classes and a major interpersonal rapport with their teachers. Nevertheless these own students have demonstrated to not be ready to contemplative activities, research and critical thoughts. They still conserve imitation practices, memorizing and pattern beliefs.

On the other hand some professors resist to change . They seem to be afraid to deviate their usual practices and, consequently, lose control and authority.

Another interesting fact was that professors who have pointed out creative students would have more opportunities to be victorious in their future lives, they had not quoted to wish them in their classes.

It seems that professors and students have not an accuracy knowledge in what means working with more creativity and interpersonal connection. These results proved it is necessary an effective training on such topics for both of educators and students.

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	01
1.1 Considerações gerais sobre a dissertação.....	01
1.2 Estrutura e delineamento da pesquisa	03
1.3 Justificativa do trabalho	03
1.4 Asseveração do problema	05
1.5 Escopo do problema	11
1.6 O que há de errado?.....	12
1.7 O problema da pesquisa	12
1.8 Objetivos	15
1.8.1 Objetivo geral	15
1.8.2 Objetivos específicos.....	15
CAPÍTULO II – ASPECTOS METODOLÓGICOS	16
2.1 Método de abordagem	17
2.2 Método de procedimento	17
2.3 Técnica de pesquisa.....	17
2.3.1 Entrevista não diretiva.....	18
2.3.2 Questionários.....	20
2.3.3 Exercícios	21
2.4 População e amostra	22
CAPÍTULO III – SOBRE O PROFESSOR E SUAS APTIDÕES E COMPETÊNCIAS	23
3.1 O novo milênio e a universidade.....	23
3.2 O professor universitário e sua formação	27
3.2.1 Requisitos legais	28
3.2.2 Requisitos pessoais	29
3.2.3 Conhecimento especializado da matéria.....	30
3.2.4 Competência técnica versus competência interpessoal	31
3.2.5 Aulas desinteressantes, desinformação didática ou descaso?	33

CAPÍTULO IV - CRIATIVIDADE	37
4.1 Componentes do pensamento criativo	44
4.2 Características da pessoa criativa.....	46
4.3 Criatividade dentro da universidade: mola propulsora no processo ensino-aprendizagem.....	47
4.4 Aprendizagem humana	50
4.5 Resistência do professor ao potencial criativo em sala de aula.....	53
4.6 Barreiras emocionais.....	56
4.7 Barreiras culturais	58
4.8 Barreiras do desenvolvimento da criatividade na escola	60
4.9 Como usar a criatividade em sala de aula	63
4.9.1 Ninguém dá aulas para ninguém.....	64
4.9.2 Deixe os alunos “mataram” a charada.....	64
4.9.3 O aluno não deve receber nada “pronto”	66
4.9.4 Professor poliglota	66
CAPÍTULO V – CRIATIVIDADE E COMPETÊNCIA INTERPESSOAL NA SALA DE AULA.....	70
5.1 Competência interpessoal – Onde e como se aprende?.....	73
5.2 Aptidões	77
5.3 Uma conversa franca que funciona: dar e receber “feedback”	79
5.3.1 Estrutura da reunião	80
5.4 A competência interpessoal na escola	82
CAPÍTULO VI – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	87
CAPÍTULO VII – CONCLUSÃO FINAL.....	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	131
ANEXOS	135

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1.1 Considerações gerais sobre a dissertação

É assustador o fato das escolas se empenharem tanto em ensinar apenas os saberes científicos, e serem incapazes de lidar com as habilidades, com as emoções, com a criatividade, com a capacidade de transformar os sonhos de seus alunos em realidade. Sim, pois toda criação já foi um dia, um sonho.

Enquanto isso, os meios de comunicação especialmente a TV sagazes e profundos conhecedores do mecanismo do ser humano, vão seduzindo, a cada dia, mais e mais adeptos, numa desenfreada concorrência pela conquista do poder de formação de consciências.

O mais grave é que os sonhos propostos por esses meios são, na maioria das vezes, bestiais, pequenos, inúteis ou nenhuma relação têm com educação.

Ainda que se tenha reduzidíssima bibliografia sobre o tema dentro das Escolas de 3º grau, não estaria na hora da escola acordar de sua hibernação, levantar-se dos seus louros, descer de seu pedestal e se conscientizar de que toda a bagagem técnica, científica e cultural que ela abraça é da maior importância, mas, que se não se amoldar aos novos tempos, deixará de ser atrativa e conseqüentemente, desinteressante?

Não seria interessante fazer, com a maior urgência possível, uma análise crítica e criteriosa sobre o "**novo no velho**" e o "**velho no novo**", com relação às novas tecnologias de informação e comunicação, dentro do trabalho pedagógico?

Porém, é preciso deixar bem clara uma coisa: o que não se pode permitir é o endeusamento do "complexo teleinfocomputrônico" na teoria, quando os trabalhos em sala de aula continuam nos moldes pré-skinnerianos.

A escola de hoje precisa ser dinâmica e os professores devem provocar os alunos, por meio de trabalhos desafiadores, que os motivem para a ação, que os incentivem a ousar, a refletir, a inovar, a criar, a inventar sempre em busca de novas soluções mesmo que aparentemente utópicas, de avaliar fatos, conceitos, idéias e princípios, de

forma crítica, de levantar questões e testar hipóteses, desenvolvendo e tendo liberdade para explorar todo o seu potencial criativo, sem perder de vista a realidade.

No entanto, não é isso que temos encontrado. De um modo geral, em todas as escolas, a queixa mais comum dos alunos sobre a forma como os temas de aula são tratados em classe, por grande parte dos professores, é constantemente a mesma:

- a) metodologia ultrapassada, que cria até um certo desconforto nos alunos;
- b) uso, durante todo o período letivo, de uma mesma e única técnica de aula;
- c) substituição da antiga aula expositiva pelo ensino por meio de textos xerocados de algum artigo de revista ou livro. Na realidade, hoje em dia existe uma febre de xerox que assusta os alunos pelo gasto que lhes acarreta, além do que, trata-se de uma forma legalmente incorreta de se proceder. Os alunos prefeririam adquirir livros ao invés de enfrentar, muitas vezes, filas intermináveis à frente do serviço de xerox. Mas, o mais grave é que alguns professores se perdem ao distribuir tarefas e chegam a determinar várias vezes o mesmo texto em xerox ou então, a cada aula, determinam novos textos, sem nem ao menos terem trabalhado o anterior;
- d) professores temerosos em modificar a sua forma de atuar em sala de aula, com receio de parecerem diferentes ou de perderem a autoridade perante seus alunos; por isso, mantêm uma atitude austera de distanciamento, evitando técnicas dinâmicas de aula, receosos de perderem o controle da disciplina em classe;
- e) insegurança do professor que talvez se sinta inseguro em permitir uma aproximação maior com os alunos, receoso de ver diminuída a sua autoridade e ter dificuldades em retomá-la. Assim, não admite interrupções em suas aulas, nem solicitações de esclarecimentos e muito menos de contra-argumentações sobre o que está sendo tratado em classe. Esse tipo de atitude levanta uma barreira entre o docente e a turma, vindo a dificultar bastante o entrosamento com a classe, gerando uma clima desagradável que impede os alunos de se manifestarem e que, aos poucos, os vai inibindo, até que eles passam a não mais ter interesse nas aulas, uma vez que não podem tirar dúvidas, pedir esclarecimentos ou expor suas opiniões, com receio da atitude do professor que não vê com bons olhos esses procedimentos.

Diante desse quadro, é mister que se procure fazer um planejamento dentro da escola, com o apoio irrestrito da direção e dos escalões superiores, insistindo na importância de se manter um bom clima de liberdade toda instituição, e que se possa

perseguir idéias inovadoras e criativas, em que a estrutura do projeto pedagógico seja flexível, com destaque na confiança e cooperação mútuas, num trabalho em que se possa manter a autonomia, a flexibilidade e a vitalidade, com responsabilidade e respeito.

Para tanto, este trabalho pretende retratar o pensamento do aluno de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, com relação às aulas de seu curso, para verificar se o ponto de visto desses alunos é o mesmo da maioria das escolas, analisando os problemas apontados, tanto pelo corpo discente como pelo docente, e sugerir mudanças nas relações interpessoais a nível de sala de aula, além de propor maior abertura para as atitudes criativas e inovadoras, para tornar mais fácil o processo ensino-aprendizagem.

1.2 Estrutura e delineamento da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa **empírico-analítica**, onde se fará a utilização de técnicas de coleta de dados marcadamente quantitativos, por meio de estudos práticos e da análise dos resultados obtidos pelos instrumentos utilizados (questionários e exercícios) e da análise do grau de significância e sistematização das respostas das entrevistas realizadas.

1.3 Justificativa do trabalho

À frente da coordenação do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, na cidade de Curitiba, tem-se um contato muito próximo com os alunos de todas as turmas que, diariamente, procuram a sala da coordenação para trazer os seus problemas, dúvidas, reivindicações, reclamações e até elogios. Adotando uma sistemática de trabalho bastante aberta, ouvindo com atenção a todos e, principalmente, analisando os seus relatos com muito critério e bom senso, tem-se a oportunidade de acompanhar o dia-a-dia de todas as

turmas, por meio de seus depoimentos que, na grande maioria das vezes, se traduzem como queixas quanto à atuação didática do professor em sala de aula e o seu relacionamento com os alunos.

Os anos de experiência em trabalhos com jovens estudantes, ensinaram que se deve ouvi-los com todo o respeito e atenção, e a somente tomar alguma atitude para solucionar os seus problemas ou atender às suas reivindicações se vierem sob a forma de uma solicitação por escrito. Isso porque, muitas vezes, o aluno procura a coordenação apenas para um desabafo, para externar o que o aflige e, nesse caso, quase sempre ele precisa de alguém que o escute; porém, toda e qualquer medida tomada pela coordenação precisa ser muito bem pensada e nunca feita de forma intempestiva.

Além disso, somente quando se trata de um problema realmente verdadeiro é que o aluno irá passá-lo para o papel e colocar a sua assinatura, assumindo a responsabilidade da reivindicação ou reclamação.

Conforme o caso, quando o problema está afetando a uma turma inteira, é necessário que a solicitação venha assinada por todos os alunos da classe, para que só então, se tome qualquer providência.

A grande maioria das reclamações refere-se porém, à falta de uma boa atuação didática do professor em classe e de um melhor relacionamento interpessoal.

Esse fato traz o seguinte questionamento: até que ponto o desenvolvimento da competência interpessoal do professor e a utilização de estratégias criativas e inovadoras têm influência no processo ensino-aprendizagem? Desse questionamento, advém outro, foco desta análise: Qual a importância da prática da criatividade e da capacidade de desenvolver competências interpessoais para a geração de melhorias no processo ensino-aprendizagem?

Já havia na coordenação, um vasto material com depoimentos de alunos e de professores que, durante muito tempo, foi sendo coletado, complementados com observações referentes à visão da coordenação sobre o assunto levantado, quais as providências tomadas, a forma como foram feitas e, finalmente, quais resultados foram conseguidos. Seria necessário então, aprofundar o problema, na busca de uma resposta mais exata, por meio de questionários específicos, não só para alunos como também para professores.

A partir dessa fase começaram infalivelmente a aparecer, como resultado das pesquisas levantadas, dois fatores considerados como extremamente importantes e que não só eram associados ao professor de qualidade como também, estavam relacionados com o sucesso do processo do ensino-aprendizagem da turma: a **criatividade do professor em sala de aula** e o **seu bom relacionamento com os alunos**.

O interessante é que, apesar de toda a queixa existente contra a falta de criatividade, nos questionários feitos, pode-se verificar que os próprios alunos, muitas vezes, deixaram de relacioná-la às suas atividades, e quando relacionaram qualidades que gostariam de ter ou de ver nos seus colegas, esqueceram-se dela.

A mesma coisa se deu com relação às respostas dos professores: a criatividade dos alunos não foi, de um modo geral, a qualidade tida como a mais importante no aluno. Parece que o professor qualifica como bom aluno, aquele que estuda sempre, que não o contesta, que se mantém atento durante as aulas e que é assíduo. A criatividade parece estar associada a um aluno irrequieto, que está sempre fazendo muitas perguntas, que não se contenta com apenas uma resposta e que, em resumo, parece dar muito trabalho ao professor.

É claro que tal situação é, até certo ponto, normal, uma vez que o estudo do processo da criatividade e da competência interpessoal mostra como esses dois fatores estão ligados a uma série de outros fatores que norteiam o conceito que se faz deles ainda hoje, e às dificuldades de se vencer algumas barreiras criadas pela sociedade, por meio de hábitos socialmente estabelecidos ou até de marcas deixadas por uma educação extremamente rígida.

O interessante é que, apesar de nem todos saberem como agir com criatividade ou conseguirem desenvolver a sua competência interpessoal, não há uma só pessoa que não goste de atitudes criativas, que não se extasie diante de inovações e que não se sinta extremamente bem diante de um ambiente agradável, criado por um bom relacionamento interpessoal.

1.4 Asseveração do problema

A presente pesquisa está muito relacionada com um fenômeno extremamente interessante e que merece uma nova revisão: a **motivação**. Apesar de se estar constantemente falando sobre ela, muitas pessoas desconhecem como é que a motivação acontece ou, como se poderia dizer, como é que esse fenômeno "explode".

O que se sabe é que **motivação é o resultado da interação entre o indivíduo e a situação**. É claro que os indivíduos diferem em seus impulsos motivacionais básicos, pois "o mesmo empregado que se sente entediado por abaixar a manivela da sua furadeira pode ficar horas a fio abaixando a manivela de uma máquina de caça-níqueis em Las Vegas, sem se sentir nem um pouco entediado" (Robbins:1999,109). Se olharmos por esse prisma, não é necessariamente a pessoa que está causando a motivação, mas a situação. Portanto, pode-se definir motivação como a vontade de empregar altos níveis de esforço em direção a metas organizacionais, condicionada pela capacidade do esforço de satisfazer alguma necessidade do indivíduo.

Muitas são as teorias que tentam explicar o fenômeno da motivação, entre as quais (ROBBINS: 1999,109) :

a) **Teoria X e Y** - também chamada de teoria de hierarquia das necessidades e, apesar de muito utilizada na década de 50, ela representa a base pela qual as teorias contemporâneas nasceram. Gerentes em exercício geralmente usam esta teoria e sua terminologia para explicação a seus empregados.

b) **Teoria da hierarquia das necessidades**, de Abraham Maslow, segundo a qual, todo ser humano possui uma hierarquia de cinco tipos de necessidades: fisiológicas, de segurança (física e material), sociais, do ego e de auto-realização.

c) **Teoria de determinação de metas** de Edwin Locke. Essa teoria defende que metas claras e difíceis levam o indivíduo a níveis mais altos de produtividade e assinala que as principais fontes de motivação no trabalho são as intenções de se trabalhar em direção a uma meta. São as metas que dizem a um indivíduo o que precisa ser feito e quanto esforço será necessário ser empregado.

d) Teoria motivação – higiene, proposta pelo psicólogo Frederick Herzberg., que qualifica como fatores intrínsecos da motivação e relacionados com a satisfação no trabalho, a realização, o reconhecimento, o trabalho propriamente dito, a responsabilidade, o progresso e o crescimento. Por outro lado, qualifica os fatores extrínsecos, a política, a administração da empresa, supervisão, relações interpessoais, condições de trabalho e salário como fatores de higiene.

e) Teoria ERC - Clayton Alderfer, da Universidade de Yale, baseado na hierarquia das necessidades de Maslow, fez um estudo para combiná-las melhor com a pesquisa empírica, que denominou teoria ERC. Alderfer agrupa as cinco categorias de Maslow em três apenas: o **grupo existência**, o **dos relacionamentos** e o do **crescimento**.

f) Teoria de necessidades de David McClelland - Essa teoria enfoca três tipos de necessidades: **realização, poder e afiliação**. Segundo essa teoria "indivíduos altamente **realizadores** não são jogadores; eles não gostam de ter sucesso por acaso. Preferem o desafio de trabalhar num problema e aceitar a responsabilidade pessoal pelo seu sucesso ou fracasso, em vez de deixar o resultado para o acaso ou para as ações dos outros [...] Precisam sentir que seu sucesso (ou fracasso) é devido às suas próprias ações." (Robbins: 1999, 113) . A necessidade do **poder** é o desejo de ter impacto, de ser influente e de controlar os outros. Quanto à **afiliação**, trata-se do desejo de ser aceito e apreciado pelos outros.

g) Teoria de avaliação cognitiva - Essa teoria explica que quando se usam recompensas extrínsecas nas organizações, como pagamento para um desempenho superior, as recompensas intrínsecas que são derivadas de os indivíduos fazerem o que gostam, são reduzidas. Em outras palavras, quando recompensas extrínsecas são dadas a alguém por desempenhar uma tarefa interessante, elas fazem o diminuir o interesse intrínseco na tarefa.

i) Teoria do Reforço - Baseada na abordagem behaviorista, argumenta que o reforço condiciona o comportamento. Ela ignora o estado interior do indivíduo e se concentra apenas no que acontece a uma pessoa quando ela faz alguma coisa. Parece que

essa teoria está mais voltada para condicionar comportamentos que a conseguir estados de motivação.

j) Teoria da Equidade de J. Sacy Adams. A motivação está relacionada diretamente ao papel da equidade, dentro de um trabalho e a comparações de insumos e resultados de trabalhos relativos aos de outros.

Existem muitas outras teorias sobre motivação. Sabemos que ela é a mola propulsora de todas as nossas ações. Daí, o nome: **motivo em ação**.

Mas, como provocar motivação, baseando-se apenas em motivos?

É uma tarefa praticamente impossível, pois eles são essencialmente intrínsecos, individuais, muitas vezes até mesmo desconhecidos pelas próprias pessoas. Cada indivíduo carrega dentro de si, uma infinidade de motivos que o levariam à ação. A tentativa de se fazer com que as pessoas se motivem procurando-se trabalhar os seus motivos próprios, está totalmente descartada. É impossível detectar os motivos das outras pessoas.

Motivação também tem muito a ver com **interesse**. Agora, a tarefa fica um pouco mais fácil, pois os interesses individuais podem ser agrupados, selecionados e classificados de acordo com o sexo, idade, cultura, usos e costumes, hábitos, gostos etc. Entretanto, ainda se está muito longe de se ter sucesso com motivação, trabalhando-se somente com o interesse das pessoas. Eles ainda diferem bastante e se diversificam dentro de um mesmo grupo. Gostar de esportes, por exemplo, não significa que seja por todos os tipos de atividades esportivas e mesmo que seja por um só tipo de esporte, quem garante que os times preferidos sejam os mesmos?

Ainda é inseguro partir para a motivação baseada em interesses. Sobra um único elemento capaz de poder dar ajuda na conquista da motivação de uma pessoa ou um grupo de pessoas.

Trata-se das **necessidades básicas** do ser humano que, por serem básicas, são as mesmas, ou pelo menos, muito parecidas em quase todas as partes do mundo.

Dentre as muitas teorias e classificações vistas acima sobre motivação, a que parece mais simples, mais completa e que mais se adapta a este estudo é a teoria das necessidades básicas, explicadas por Abraham Maslow.

Maslow explica tais necessidades, comparando-as à figura de uma pirâmide, dividida em cinco partes, no sentido horizontal; cada uma dessas divisões corresponde a um dos tipos de necessidades do indivíduo.

A primeira divisão, na parte da base da pirâmide, refere-se às **necessidades fisiológicas**. É o tipo de necessidade mais simples, mais rudimentar, pois todo indivíduo já as apresenta ao nascer, e que, no entanto, são as mais fortes. Por exemplo, a necessidade de se alimentar, de saciar a sede, de descanso, de atividade física, de abrigo, de sexo, de oxigênio etc. Nem é necessário provar a força desse tipo de necessidade que afeta a todos os seres humanos.

Na subida da escala da pirâmide de Maslow, o segundo degrau refere-se às necessidades de **segurança física e material**. Todos os seres humanos se sentem desestruturados quando são afetados em sua segurança física (como, por exemplo, quando as turbulências durante um voo parecem maiores e mais duradouras do que deveriam), ou material (quando o nosso ralo saldo bancário, muito antes do próximo pagamento se reflete em nosso semblante).

O terceiro grupo da escalada refere-se às **necessidades sociais**. É interessante reparar que à medida que os grupos das necessidades básicas se elevam (da primeira à quinta divisão), eles vão se sofisticando, mas perdendo em força.

Este grupo, é o das necessidades sociais e o que faz o indivíduo se sentir mais seguro ou forte quando não está só. O grupo dá força ao indivíduo; sem ele, a pessoa se sente desamparada. Por isso, os trabalhos feitos em grupo, os planejamentos a quatro mãos, as decisões com várias cabeças, podem produzir melhores resultados.

O quarto grupo é o que se refere às **necessidades do ego**, que pode ser subdividido em **auto-estima** e **reputação**. A auto-estima é o nosso auto-conceito, a idéia que temos sobre nós mesmos, nossas atitudes, atos e pensamentos. É interessante ressaltar que só existem dois níveis de auto-estima: o **normal**, que à semelhança do nível do óleo nos carros tem um lugar determinado, e a **baixa** (quando ela despenca para os pés). Não existe alta auto-estima. Portanto, estão com a auto-estima baixa, tanto as pessoas que se consideram as mais infelizes, as mais azaradas, as que cometem os maiores erros como as que se acham as melhores e as mais perfeitas. Estas, costumam apregoar as suas qualidades aos quatro ventos. Na realidade, fazem isso porque elas próprias precisam

ouvir o que estão dizendo, porque sabem que não são nada disso. Desconfiem das pessoas que continuamente fazem "propaganda" de si próprias.

Já a reputação, está meio ligada ao fator "status". Os indivíduos com personalidade fraca e insegura ou com um certo grau de imaturidade, precisam de algo uma "bengala" ou "muleta" para lhes dar amparo ou servir de "status". Nesse caso, uma boa "bengala" poderia ser um bonito carro importado e do ano ou uma namorada que seja ou tenha sido "top model", ou até mesmo, a fama de grande conquistador.

A última divisão da escala, no ápice da pirâmide, refere-se à **necessidade de auto-realização**. É a mais sofisticada e a mais fraca de todas elas. Essa necessidade subdivide-se em: a) **realização das potencialidades individuais**; b) **conscientização do autodesenvolvimento** e c) **criação no sentido mais amplo**.

Realmente, realizar trabalhos podendo utilizar as potencialidades de que dispomos e que possuímos, sabendo que se está progredindo cada vez mais e adquirindo maior crescimento, no sentido de criar algo inédito, traz ao indivíduo, com toda a certeza, a inquestionável sensação de auto-realização.

*"Só pode ser considerado realizado, o ser humano
que tiver escrito um livro, plantado uma árvore,
tido um filho".*

Provérbio chinês

Percebe-se que ninguém se interessa pelo que não tem necessidade. É um princípio básico: a necessidade é que cria o interesse no indivíduo e esses dois elementos fazem brotar o "motivo para". Pronto, está demonstrada a fórmula mágica da motivação. É tão fácil e simples essa fórmula que às vezes, estranha-se o fato de alguns professores e por que não todas as pessoas, nas diversas situações de vida, no cotidiano não a utilizam?

Acontece que sempre houve aulas e aulas; professores e professores.

O que os diferencia ?

Quantas vezes o aluno passa a gostar, ou a detestar, de determinada disciplina, simplesmente por causa do professor e suas aulas. O que havia nelas de tão especial? Toda pessoa tem gravada no seu passado a figura de professores, alguns bons, outros nem tanto. Mas há alguns especiais, que encantavam com suas aulas, que arrastavam a classe para o estudo, que tornavam a aula um momento muito agradável.

O segredo está no modo como ele conduzia a aula, como tratava dos assuntos, como deixava interessante um tema até meio desgastado... E isso, não era feito com nenhuma varinha de condão. Era técnica, era ciência, era arte de facilitar a construção do conhecimento do aluno. Os ingredientes usados naquela época longínqua, ainda existem hoje para serem utilizados e não custam caro.

De início, pode parecer que aulas desse tipo sejam mais cansativas e exijam muito tempo para a preparação. Pelo contrário. O retorno que traz é extremamente compensador.

1.5 Escopo do problema

À guisa de ajuda, algumas considerações sobre o assunto podem ser feitas. É claro que, para se ter sucesso na atividade docente, o professor precisa, acima de tudo, **gostar do que faz** e, principalmente, **acreditar que a sua profissão** é a grande solução para a educação dos indivíduos; só por meio da educação é que os povos podem se desenvolver e resolver seus problemas.

Em segundo lugar, o professor precisa conhecer profundamente a disciplina que leciona e os temas a ela relacionados.

Além disso, ele precisa manter um excelente **relacionamento interpessoal** com os alunos, ter **espírito criativo**, ser inovador e **disciplinado**, o que significa, ser organizado com a sua disciplina e com suas obrigações docentes (com os alunos e com a escola).

Também precisa ser disciplinado consigo mesmo, mantendo assiduidade e pontualidade não só nos horários de aula, como na devolução dos trabalhos verificados, e ter um bom desempenho em classe.

E aqui, poder-se-ia relacionar, indefinidamente, uma série de itens que poderiam variar, dependendo do grau, da série, da disciplina e do tipo de escola. Mas, toda essa lista não vai, necessariamente, fazer com que uma aula seja brilhante, alegre, divertida, interessante ou que mantenha os alunos motivados o tempo todo. É preciso muito mais. O professor precisa conhecer bem o significado de dois termos: **criatividade** e **relacionamento interpessoal**. Isso sim ajuda o professor na sua tarefa de dirigir os trabalhos pedagógicos e alcançar sucesso e realização na sua profissão.

Os mestres desconhecem , na maioria das vezes, como se consegue criar, em sala de aula, o fenômeno da motivação; como é importante a utilização variada de recursos auxiliares e técnicas, como se pode variar as formas de avaliação, como é imprescindível fazer "feedback" para se sentir o eco de suas aulas, como é imperdoável desprezar as dúvidas surgidas e ignorar qualquer atitude reflexiva que os alunos possam querer demonstrar. Parece incrível que, em pleno século XXI , ainda exista, mais vivo do que nunca, esse tipo de aula em nossas universidades.

Onde fica a preocupação com a capacidade reflexiva do jovem, do desenvolvimento de seu sentido crítico, da sua sede de investigação, da sua busca de soluções e respostas, do seu empenho em responsabilidades sociais, da sua capacidade de criar, de inovar, de transformar seus sonhos em realidade?

1.6 O que há de errado?

Na realidade, o problema do trabalho do professor em sala de aula, está ligado a dois fatores muito importantes, mas que parece não ter recebido ainda a devida importância e valorização que merecem. São eles a criatividade e competência interpessoal. Sem criatividade, o processo pedagógico torna-se enfadonho, mormacento e desinteressante. Sem um bom relacionamento interpessoal entre professor e aluno, como o aluno poderá tirar dúvidas, como se desenvolverá a capacidade reflexiva no grupo, como alguém aprenderá a pensar ? Essa é uma iniciativa que deve partir principalmente do professor. Caso contrário, num ambiente tenso em que não se permitem interrupções à fala do "mestre", quem terá coragem de se manifestar? Como o garoto ingênuo da velha fábula que , em pleno desfile, berrou do meio da multidão:

"Vejam: o rei está nu ! ..."

1.7 O problema da pesquisa

Diante do exposto, surge o seguinte problema para este estudo refere-se à: QUAL A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA CRIATIVIDADE E DA CAPACIDADE DE DESENVOLVER COMPETÊNCIAS INTERPESSOAIS PARA A GERAÇÃO DE MELHORIAS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM?

Em todo e qualquer espaço pedagógico, seja em classes de educação infantil ou em universidades, a criatividade e a competência interpessoal não recebem ainda a importância devida.

Com relação aos primeiros tempos da educação, ainda temos alguma literatura que reforce a importância do cuidado com esses dois fatores. Porém, quando se trata de terceiro grau, há muito pouco material sobre o assunto. Existe mesmo muita gente que acredita que criatividade e relacionamento interpessoal devem ser preocupação apenas no trabalho com crianças; universitário, deve simplesmente assistir a aulas "dadas" e estudar para aprender.

Os que afirmam isso, esquecem-se que em todo ser, ainda vive e mora aquela criança que ele foi um dia. E, da mesma forma que uma criança, o universitário, como todos os indivíduos, também é movido pela motivação. Na escola, a aprendizagem só se dá se houver necessidade e interesse em aprender. E isso nunca vai acontecer num ensino sem criatividade ou competência interpessoal.

Hoje em dia, o ensino, na grande maioria das escolas, ainda está voltado sensivelmente para a **reprodução do conhecimento**. Muito pouco é feito com a intenção de preparar o aluno para a **produção de idéias e construção do conhecimento**. Parece que existe a intenção de fazer uma educação voltada para o **não pensar**, pois geralmente o aluno recebe informações prontas para serem memorizadas.

Outra característica da nossa educação é o fato dela ser baseada em fatos voltados para o passado, esquecendo-se que a maioria dos alunos irá passar a maior parte de suas vidas no desconhecido mundo do século XXI, em que pouco ou nenhum valor terá a sua capacidade de reproduzir conhecimentos memorizados. Sua sobrevivência vai depender de sua habilidade em enfrentar eficazmente os desafios e problemas, num futuro imprevisível, e do desenvolvimento de sua capacidade de pensar.

Além disso, a escola, de um modo geral, não dá muito valor às "descobertas do aluno", às suas explorações, ao seu pensamento criador e também, à sua capacidade de refletir. Quanto ao incentivo à fantasia, aos sonhos, ao jogo de idéias, é algo desconsiderado por ser utopia.

Há até uma hipótese de que se fosse dado mais valor e importância à fantasia e imaginação nas escolas, não se precisaria gastar tanto em outros recursos. No entanto, pode ser facilmente percebido no sistema educacional brasileiro, uma formação desequilibrada, pois além de se desenvolver apenas uma parcela muito reduzida das habilidades cognitivas do aluno, ignora-se totalmente outras habilidades que, sendo deixadas de lado, vão aos poucos sendo inibidas e definham.

Já que o sistema educacional está meio adormecido em relação a esses problemas, cabe ao professor, a nível de escola, modificar o quadro apresentado. A responsabilidade é efetivamente sua, e ele é uma peça muito importante no processo de aprendizagem. Dentro da sala de aula, cabe-lhe tomar iniciativas e propor inovações para reverter esse quadro.

O professor não faz idéia, nem de longe, do enorme poder e influência que tem sobre o aluno, de como pode ajudá-lo a crescer e a expandir as suas habilidades, além de exercer uma influência significativa na manutenção da sua auto-estima e na construção de um auto-conceito positivo, como também, ao contrário, de como pode prejudicá-lo na descoberta de si mesmo, de suas habilidades e de seu potencial.

Sabe-se muito bem que, muitas vezes, o professor faz o conceito do aluno por determinados parâmetros: a sua postura, forma de agir em classe, seu exemplo, sua didática, sua criatividade, em aulas dinâmicas, permitindo e incentivando as participações do aluno, ouvindo com atenção suas reivindicações, esclarecendo as dúvidas, orientando-o na busca da verdade, ajudando-o (sem paternalismos) em suas maiores dificuldades e criando um clima descontraído que lhe permita fazer sugestões ao professor e até mesmo de uma troca de técnica ou estratégica, sem constrangimentos ou ressentimentos.

Mas, será que os professores se preocupam em fazer uma constante autocrítica? Será que eles têm real consciência de como é o seu desempenho em sala de aula? Será que ele está interessado em mudar, em melhorar, em se atualizar ou acredita que o tema

das suas aulas pode ser tratado sempre do mesmo jeito, ano após ano, baseado nos mesmos esquemas tirados de fichas amarelecidas e quase rotas de tão manuseadas por esse tempo todo?

É preciso que o professor tenha em mente que as novas tecnologias da comunicação deverão substituir o ensino burocratizado. Aquele que não inovar, que repetir sempre as mesmas aulas ou não perceber os novos padrões que se baseiam na relação professor e aluno, irão desaparecer.

É imprescindível que esse professor tenha sensibilidade para captar a situação interpessoal em classe, em manejar as suas variáveis relevantes e respectiva inter-relação, além de ser capaz de resolver quaisquer problemas que envolvam outros interpessoais, de modo que todos os envolvidos possam continuar a conviver juntos e a produzir de forma perfeitamente eficaz.

Finalmente, com esta pesquisa quer-se levantar tanto o perfil do professor que atua no curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, como conhecer o conceito que os alunos têm de seus mestres e descobrir a relação que existe entre o desempenho do professor em classe e os resultados do processo ensino-aprendizagem.

1.8 Objetivos

1.8.1 Objetivo geral

Retratar o pensamento do aluno do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, sobre as aulas de seu curso e a atuação dos docentes, baseado no levantamento da percepção dos professores e alunos sobre o tema.

1.8.2 Objetivos específicos

- Investigar o conceito dos alunos sobre as aulas do seu curso;
- Levantar qualidades e deficiências do corpo docente do curso , apontadas pelos alunos, de acordo com cada faixa etária;
- Demonstrar quais os comportamentos docentes são tidos pelos alunos, como indispensáveis, importantes ou indiferentes;
- Mostrar a relação entre o tipo que o aluno gostaria de ser e o de ter como colega em sala de aula;
- Demonstrar a dicotomia existente entre o bom aluno em sala de aula e o que triunfará mais tarde, na vida futura, segundo a opinião do corpo docente;
- Ressaltar a diferença dos conceitos de criatividade e de competência interpessoal vistos pelo professor e pelo aluno;
- Mostrar as vantagens e limitações do assunto, dentro da prática pedagógica, com repercussão no processo ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO II - ASPECTOS METODOLÓGICOS

A coleta de dados para o estudo da pesquisa começou em julho de 1999, quando a autora assumiu a coordenação do curso de Pedagogia, tendo continuado até a conclusão do trabalho.

O trabalho do coordenador deve ser essencialmente aberto e muito próximo não só do corpo docente do curso, como também do discente, pois isso favorece o desenvolvimento de um trabalho produtor, permitindo que se possa vivenciar uma farta experiência didático-pedagógica, mas principalmente humana, uma vez que um contato desse tipo, permitirá ao coordenador uma visão mais clara e definida do funcionamento da estrutura do curso e, acima de tudo, dos problemas que por ventura

possam ocorrer e que, se forem conhecidos a tempo, na maioria das vezes, podem ser evitados.

O trabalho que tem sido desenvolvido junto à coordenação, não se caracteriza apenas como um sistema próprio, mas também pela crença de que é dessa forma que se pode realizar um excelente trabalho de laboratório.

2.1 Método de abordagem

No caso do presente estudo, o método de abordagem utilizado foi o **hipotético-dedutivo**, em virtude da pesquisa ter nascido do problema ocasionado pela queixa constante de alunos descontentes com o modo de atuação de alguns docentes em classe. A partir desse quadro, foram levantadas algumas hipóteses sobre as possíveis causas do problema. Nesse sentido, todos os instrumentos utilizados procuraram corroborar ou não com as conjecturas formuladas. (SILVA :2000,27).

2.2 Método de procedimento

O método utilizado nesta pesquisa foi o **estruturalista**, na medida em que procura, através de um determinado mecanismo, a decodificação dos dados levantados e a compreensão do contexto, tornando mais explícita uma realidade anteriormente latente. (SILVA : 2000, 27).

2.3 Técnicas de pesquisa.

O levantamento de dados para a presente pesquisa, foi feito por meio de vários instrumentos de investigação, a seguir descritos.

2.3.1 Entrevistas não diretivas

A entrevista não diretiva ou não dirigida baseia-se no depoimento espontâneo de um indivíduo ou pequeno grupo de indivíduos, cujo resultado pode dar uma idéia da situação-problema e também, servir de estudo exploratório para a preparação de questionários ou exercícios a serem, posteriormente, utilizados na pesquisa. A maioria das conversas ocasionais no gabinete da coordenação, são caracterizadas como **entrevistas não diretivas**, de onde se podem colher dados muito importantes para o estudo. (SILVA: 2000, 33).

De qualquer forma, deve ser aproveitada toda oportunidade para se fazer um levantamento dos itens apontados e observar de forma clara os que se repetem com uma certa frequência e que evidenciam certa significância.

É preciso que a pessoa que está coordenando a entrevista, o depoimento ou uma simples conversa, seja extremamente coerente, responsável, ciente da necessidade de absoluto sigilo sobre o que se vai tratar e, principalmente, procure estar bastante atenta à forma como o trabalho se desenvolve, desde o modo como os fatos são relatados, quais os termos utilizados de um modo geral e, essencialmente, o clima e a emoção que acompanham tais relatos.

A observação atenta pode evidenciar detalhes muito interessantes e que servirão de parâmetros para o acompanhamento do trabalho como por exemplo, até que ponto o que está sendo ventilado é real ou fruto de imaginação, ou talvez, chantagem emocional ou ainda resquícios de alguma tentativa de vingança ou, quem sabe, uma catarse de mágoas guardadas.

Enquanto os depoimentos estão aflorando espontaneamente, a pessoa que estiver coordenando o trabalho deve anotar palavras-chave, termos importantes que se repetem, reivindicações e reclamações, para que não sejam esquecidos e que sirvam de comparação, por ocasião do levantamento de dados ou para o encaminhamento do problema e procura de soluções.

Os depoimentos, que podem ser espontâneos ou sugeridos, servirão como amostragem de uma situação-problema, servindo ainda de base para a construção dos

itens dos exercícios e perguntas dos questionários que serão usados na coleta de mais dados.

É importante que se diga que como medida ética e de bom senso, não se devem tomar quaisquer medidas logo após os depoimentos, uma vez que eles podem não retratar fielmente a realidade. A não ser em casos de extrema necessidade ou nos que exija a tomada de uma medida urgente, é recomendável aguardar a confirmação do problema pela pessoa ou pessoas envolvidas no depoimento, e ainda procurar ouvir todas as partes envolvidas para se ter uma melhor visão do problema.

Passado o tempo necessário (de dois dias a uma semana no máximo), se o problema continuar se mantendo, solicita-se à parte interessada um depoimento por escrito, relatando a reivindicação ou queixa. Só então, poder-se-á tomar alguma atitude mais séria, conforme o caso. Essa medida, que a princípio pode parecer demasiadamente morosa, evita precipitações incorretas ou impensadas. Isso, sem contar que os problemas que são colocados para a coordenação de curso, na maioria das vezes, passado o tempo chamado "necessário", resolvem-se normalmente, sem ser necessária qualquer interferência.

Contata-se assim, que na grande maioria das vezes, a pessoa ou grupo de pessoas que procuram a coordenação para fazer alguma queixa ou reclamação, na realidade está sentindo necessidade de fazer um desabafo, uma catarse sobre o "problema" e nem percebe que, após o seu depoimento, a situação conflitante começa a ser vista sob outro prisma.

Os dados colhidos nas entrevistas ou conversas informais (até mesmo em observações ou queixas feitas rapidamente, no corredor da escola), após devidamente anotados, deverão ser separados por categorias, uma vez que seria impossível trabalhar com uma infinidade de dados. Além disso, muitos deles se repetem, apenas usam outros termos. No caso da presente dissertação, os dados colhidos foram selecionados em cinco categorias, quais sejam: **criatividade** (capacidade de inovar, de resolver problemas inéditos, criar situações que levem à motivação), **atuação didática** (a forma de tratar os temas em aula), **desempenho teórico** (o conhecimento técnico do assunto), **relacionamento interpessoal** (a facilidade ou não de se relacionar com as outras pessoas) e **comportamento ético** (atitudes, caráter, postura).

O resultado das entrevistas não diretivas, em que se pode observar os comportamentos dos professores, apontados com maior frequência pelos alunos, pode ser visto no **anexo 2**. Quanto aos itens apontados pelos professores com relação aos alunos ou ao sistema, estão no **anexo 3**.

2.3.2 Questionários

Os questionários podem levantar elementos quantitativos (dados numéricos) ou qualitativos (qualificações, conceitos, referências, modelos etc.), dependendo do que se quer demonstrar dentro da problemática.

Nesse tipo de instrumento, as perguntas são escolhidas dentre algumas opções propostas, para que não haja uma variação muito grande levando o que questionário a perder o seu real valor.

As respostas podem estar associadas a uma ou mais variáveis dentro de um mesmo questionário, o que dá um resultado mais exato, apesar de se tornar mais complexa a conferência de seus resultados.

Para se obter o indispensável rigor científico da pesquisa, é necessário que se identifiquem as principais variáveis da situação-problema que estão sendo estudadas. É preciso descobrir, para cada uma delas, o nível de especificidade, de mensuração e a posição que ocupa em determinada relação. Como variáveis, podem ser usados dados como idade, faixa etária, série cursada, sexo, religião e outros.

Conforme MARTINS (1989: 31), *"quanto à especificidade, podem-se ter variáveis gerais: não podem ser imediatamente mensuradas, e variáveis empíricas: indicam diretamente os elementos e/ou características a serem observadas e medidas"*.

Com relação ao nível de mensuração, pode-se usar uma variável com uma escala de **mensuração nominal**, isto é, quando se rotulam os possíveis valores da variável. Por exemplo: estado civil, profissão, cor, sexo etc.

Num nível um pouco mais elevado, pode ser usada a **escala ordinal**, isto é, para rotular, hierarquizar ou ordenar, segundo determinados possíveis critérios como por exemplo, nível sócio-econômico, nível de escolarização etc.

Há ainda variáveis, cujo nível de mensuração é **intervalar**. Segundo MARTINS (1994: 32) quando *"possuem as características das variáveis anteriores e são*

apresentadas por intervalos cujas distâncias têm significado. Tais variáveis provêm de contagem ou de medição por alguma unidade física. São exemplos de variáveis com nível de mensuração intervalar: idade, salário, renda familiar, número de faltas, número de acidentes”.

Os questionários utilizados para a presente pesquisa basearam-se nos dados colhidos nas entrevistas e depoimentos, tendo sido usada apenas uma variável: **faixa etária dos alunos**.

Na presente pesquisa foram utilizados dois questionários. O primeiro encontra-se no anexo 4 e foi destinado a alunos e respondido de forma anônima. O único dado exigido foi a faixa etária, procedendo-se do seguinte modo:

- alunos com menos de 20 anos : 30% da amostra , ou seja, 267 alunos;
- alunos com idade entre 20 e 39 anos: 47% da amostra, ou seja, 418 alunos;
- alunos com idade entre 40 e 59 anos: 19% da amostra, ou seja, 169 alunos;
- alunos com mais de 60 anos: 4% da amostra, ou seja, 36 alunos.

Esse questionário é constituído por duas perguntas fechadas, de múltipla escolha, baseado no levantamento feito entre os próprios alunos da amostra, e duas perguntas abertas, nas quais o aluno deveria enumerar, em ordem decrescente de importância, as três qualidades e defeitos no comportamento de um professor. O resultado desses questionários estão no final da conclusão da dissertação.

O segundo questionário (anexo 5), também destinado a respostas de alunos, apresenta uma relação de comportamentos que se espera de um professor em sala de aula, devendo associar cada um deles a um destes três critérios: **a) indispensável; b) importante; c) indiferente**, conforme a opinião do aluno.

Os exemplos de comportamentos esperados do professor também foram extraídos do resultado das entrevistas não diretas.

2.3.3 Exercícios

O **Exercício 1** (anexo 6) é baseado em Getzels e Jackson e é destinado a alunos, apresentando uma lista com a descrição de dez alunos hipotéticos, cada um deles exemplificando uma qualidade pessoal desejável, para que se indique, em ordem decrescente de preferência, os tipos que ele gostaria de ter como colega e, num segundo momento, indicar os tipos que ele mesmo gostaria de ser.

O **Exercício 2** (anexo 7) é exatamente o mesmo que o anterior, apenas a escolha é que deve ser diferente. Em primeiro lugar, os docentes devem enumerar, dentre os citados tipos de alunos, os que preferencialmente ele gostaria de ter em sua classe, em ordem decrescente e, em segundo lugar, indicar quais desses tipos, ele acredita que venceria na vida com maior facilidade.

2.4 População e amostra

O Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, possuía, no momento da pesquisa, 52 (cinquenta e dois) professores e 1.155 (um mil, cento e cinquenta e cinco) alunos nas três séries e nas duas etapas (verão e inverno), assim distribuídos:

	ETAPA VERÃO:	ETAPA INVERNO:	TOTAL:
1ª SÉRIE:	200	160	360
2ª SÉRIE:	251	145	396
3ª SÉRIE:	255	144	399
TOTAL:	706	449	1.155

A presente pesquisa foi realizada com **50 professores e 890 alunos**, das três séries das duas etapas (verão e inverno), pertencentes aos três turnos (manhã, tarde e noite).

A amostra dos professores é composta de 09 doutores, 29 mestres e 12 especialistas, com idades variando de 28 a 66 anos de idade.

Quanto ao regime de trabalho, existem 32 professores com Tempo Integral (40 horas semanais), 6 professores com Tempo Parcial (20 horas semanais) e 12 professores contratados sob o regime de horista.

CAPÍTULO III – SOBRE O PROFESSOR E SUAS APTIDÕES E COMPETÊNCIAS

3.1 O novo milênio e a universidade

Quase toda literatura fala sobre o final do Século XX e lança previsões e alertas sobre o novo milênio chamando a atenção para as inúmeras mudanças que estão ocorrendo no mundo de hoje, tão rápidas que acabam se tornando verdadeiros desafios.

ALENCAR (1997:4) cita o filósofo grego Heráclito (século V. a .C.), que afirmava "*que a única coisa permanente no universo é a mudança*" e que na atualidade, ela é marcada pela forma como começa a transformar a vida das pessoas, seus negócios e as instituições, dentro de uma rapidez e profundidade incríveis. A modernidade caminha num ritmo temporal tão intenso que acaba por esmagar a temporalidade humana. Não se pode negar que a vida hoje está sob o estigma da pressa, da urgência. De repente, os indivíduos chegaram à conclusão de que não podem esperar uma reunião acabar, nem

esperar para chegar em casa e fazer um telefonema. Eles precisam ter um celular à sua disposição, ao alcance da mão.

Mesmo nessa vida apressada, em que todos parecem correr, tensos, lembrando motores "turbinados", não se tem garantias de que estão perfeitamente atualizados. Como diz FRANCO (1997:85):

a expressão marxista 'tudo o que é sólido se volatiliza' e de Caetano Veloso 'aqui tudo parece que é construção e já é ruína' parecem estar conhecendo a sua mais complexa concretização. Até mesmo o valor da experiência e da memória é colocado em xeque, pois, quando ocorrem constantes transformações, é muito mais útil descobrir o que está surgindo do que conhecer o obsoleto.

A ciência e a tecnologia enfrentam, nas áreas mais diversas, um progresso sem precedentes. Tudo o que o homem sabe e conhece pode estar, de um momento para outro, ultrapassado. Como muito bem afirmam EVANS & RUSSEL (apud ALENCAR,1997:5).

Dentro em breve, o reconhecimento da voz e software de alto nível dispensarão as secretárias tradicionais; sistemas especializados da pesquisa científica; filmes produzidos por computador colocarão Hollywood de lado; banco de marketing; a inteligência artificial reduzirá a necessidade de advogados, contadores, funcionários públicos e de muitos outros serviços essenciais à sociedade industrial. Praticamente todas as profissões, como concebidas atualmente, serão afetadas, e muitas delas serão eliminadas pela Revolução da Informação. Pelo menos 75% do trabalho como o conhecemos hoje poderá ter sido eliminado na virada do século.

Em quanto tempo **o atual** se desatualiza? Sente-se a emergência de novos conceitos, da ruptura de paradigmas, de desmitificações. Tudo isso traz conflitos para o ensino nas escolas.

Como ensinar os saberes se eles podem se desvanecer ou serem ultrapassados por outros saberes, a qualquer momento? Além disso, está nascendo um novo conceito de saber: a importância do saber vai cedendo lugar a uma geração que processa o saber. Segundo BERNSTEIN (1996: 62):

há um novo conceito de conhecimento e de sua relação com aqueles que o criam, um conceito verdadeiramente secular conhecimento deve fluir, tal como o dinheiro para qualquer lugar onde possa criar vantagens e lucros. Na verdade

o conhecimento não é apenas similar ao dinheiro ele é o dinheiro. O conhecimento é divorciado das pessoas, de seus compromissos, de sua dedicação pessoal, pois esses fatores se tornam impedimentos, restrições sobre o fluxo do dinheiro e introduzem deformações no funcionamento do mercado. Nessa visão movimentar e regulamentar o dinheiro. O conhecimento, após quase mil anos, é divorciado da interioridade e é literalmente desumanizado. Uma vez que o conhecimento é separado da interioridade, do compromisso e da dedicação pessoal as pessoas podem ser movimentadas, substituídas e excluídas do mercado.

Na medida em que tais fatores se tornam determinantes na sociedade contemporânea, haverá uma mudança radical no mundo do trabalho. Formas tradicionais de trabalho vão sendo substituídas por outras.

Primeiro, a fase da industrialização; depois a era da informática e mais recentemente, com o incrível desenvolvimento da ciência e tecnologia, a robótica enfraqueceu a força do trabalho humano.

Esse fenômeno assume dimensões cada vez mais gritantes. A qualificação profissional terá de ser redimensionada, tanto para os que pretendem ingressar no mercado de trabalho como para aqueles que precisam manter-se em seus empregos.

Neste momento, é preciso que se faça uma análise sobre a estrutura da universidade na sociedade contemporânea, perguntando-se se ela está preparada para os tempos atuais ou se pode vir a ser uma instituição decadente, fadada a desaparecer nas próximas décadas, por sua inapetência, substituída por outras formas de formação de profissionais para o futuro.

É evidente que não se pode negar a importância do ensino, da pesquisa e da extensão, mas preocupa a seguinte dúvida, levantada por RAYS (199:11):

A universidade ainda tem potencial para responder às necessidades de uma sociedade envolta em transformações tão profundas que lhe dão contornos completamente novos tanto na sua estrutura, quanto na organização e relacionamentos sociais. Sobretudo o modo de produção parece nunca antes imaginada? Além da gravidade em si destas transformações, elas acontecem num ritmo por todos considerado alucinante.

A partir da crise atual, existe a necessidade de que a universidade repense sua própria identidade, passando a contribuir para o desenvolvimento científico-tecnológico, da informática e robótica, que irá infalivelmente substituir a mão-de-obra pelo maquinário. A universidade precisa, com urgência, dar o devido valor à capacidade reflexiva de seus alunos.

É imprescindível à universidade, "ensinar" a refletir criticamente, por meio da graduação, da pesquisa e da extensão. Ela deve preparar o universitário para uma formação científico-técnica, aliada a uma formação ético-política. Todo conhecimento científico e sua aplicação técnica só têm valor em si, quando legitimados às necessidades objetivas e interesses da sociedade.

Conhecimento e verdade devem caminhar juntos para poderem vivenciar uma sociedade justa e emancipada. A ciência, que é uma conquista social, é imprescindível para o desenvolvimento de uma sociedade emancipada.

Portanto, os conhecimentos que se ensinam e que se aprendem nas universidades, não são fruto de uma ação subjetiva; antes, são resultados de um processo de produção social e coletiva.

Um conceito pode ser fruto de muitas gerações de intelectuais e pesquisadores que o construíram, sustentados pela comunidade. Como diz RAYS (1999: 24), *“Não se pode pensa, que freqüentar uma universidade, mesmo paga [...] é como ir a um supermercado onde se adquire um produto mediante pagamento para exclusivo usufruto próprio. Freqüentar uma universidade equiivale a assumir responsabilidades sociais. A ciência, nunca pode ser apenas absoluta, positiva e neutra”*. Ela necessita ser constantemente renovada, a partir da realidade social e cultural em que está inserida.

BATTRO e DENHAM (apud RAYS, 1999 :.247), fazem uma comparação muito interessante, falando sobre a questão da mudança e permanência :

Se por um passe de mágica um médico de algumas décadas atrás fosse transportada para uma sala de cirurgia neste final de século, certamente ele teria dificuldades ou até seria incapaz de lidar com as modernas tecnologias disponibilizadas para procedimentos cirúrgicos. No extremo ele poderia ter a possibilidade, inimaginável na época em que foi formado e atuou, de fazer, via telemedicina , uma intervenção cirúrgica por controle remoto. Em contrapartida, se um professor do século passado fosse (tele) transportado para uma sala de aula do final do século XX, certamente se moveria com muita familiaridade por entre as centenárias mesas, cadeiras e quadros.

Parece que a universidade está passando pelo que se pode chamar de **crise de identidade**. Ante essa nova realidade, a universidade precisa urgentemente, repensar sua função e o seu papel no contexto da sociedade atual, no sentido de conquistar de vez sua

autonomia e não de "engolir" uma autonomia imposta. É a conquista de sua identidade no contexto em que está inserida.

Em outros momentos de crise por que passou, ela usou principalmente como deve usar agora audácia, coragem, versatilidade e acima de tudo, criatividade, para alcançar novo destaque em sua história.

Todas essas transformações que a universidade está enfrentando se refletem na estrutura das faculdades, nos diversos cursos, nos projetos pedagógicos, nas grades curriculares, nas metodologias adotadas, nos recursos empregados e nas disciplinas, repercutindo nos temas estudados, nas pesquisas, no acervo bibliográfico, na preparação do professor chegando à sala de aula onde se encontra ao elemento mais importante que é o aluno.

Fazendo o caminho inverso, pode-se questionar se ele, o aluno, não deveria ser o primeiro elemento a ser analisado em suas necessidades, objetivos, interesses, anseios, pretensões, no que ele espera do 3º grau, para servir de guia para as transformações que viriam a seguir. Há necessidade de um modelo de ensino superior centrado no estudante.

Segundo a Declaração Mundial Sobre a Educação Superior do Século XXI: Visão e Ação, da UNESCO (Paris, outubro de 1998), *"as instituições de educação superior devem formar os estudante para que se convertam em cidadãos bem informados e profundamente motivados, providos de um sentido crítico e capazes de analisar os problemas da sociedade, buscar soluções para os que se colocam para a sociedade, ampliar estas e assumir responsabilidades sociais"*.

3.2. O professor universitário e sua formação

Há uma grande preocupação com a formação pedagógica do professor. Os cursos de Magistério incluem em seus currículos, disciplinas como Psicologia da Educação, Didática, Metodologias de Ensino e Práticas, sob a forma de estágio supervisionado.

Mesmo assim, todo esse rol de disciplinas interessantes não farão do estudante, por si só, um bom profissional. O período dedicado às disciplinas práticas ainda é insuficiente como respaldo para enfrentar a realidade "lá de fora". Por mais longo que seja o período de prática de ensino, tudo ainda é irreal e, até certo ponto, apenas uma

simulação, uma espécie de peça teatral ensaiada. Mas o aluno ainda pode se apoiar na orientação do professor-supervisor, que o ampara em suas inseguranças.

Sabemos que, por mais perfeito que seja o período dedicado aos estágios em escolas, mesmo com o acompanhamento de orientadores experientes e capacitados, essa prática não habilita o profissional para suas futuras funções docentes; apenas tenta chegar o mais próximo possível da realidade.

É sabido que pais e professores não conseguem ensinar nada a filhos ou alunos. Só a vida ensina. "A teoria, na prática, é outra", diz o ditado popular. Só mais tarde, quando ele estiver sozinho, frente a frente com a sua classe de alunos e longe dos professores e supervisores que o ajudavam nos planejamentos, dando-lhe idéias para as formas de avaliação ou o alertando com "dicas" sobre manejo de classe e controle de disciplina, é que ele pode dizer que está no "comando" do processo e adquirindo prática. Aí sim, estará aprendendo a aprender. Com a vida.

Mesmo assim, ele traz em sua bagagem todos os ensinamentos mastigados e digeridos durante os anos de bancos escolares, em que as aulas, para ele, não passavam de um amontoado de noções teóricas e "inúteis", que jamais seriam utilizadas e por isso mesmo, lhe pareciam tão maçantes.

Porém, quando a brincadeira se torna realidade, quando a vida imita a arte e a sua aula, que antes era de mentira e **agora é pra valer** e não se trata de mais uma "encenação", aqueles ensinamentos teóricos assumem um valor muito grande e algumas vezes, é com alegria que se volta às suas anotações, no momento, tão valiosas.

Mas, e quanto ao professor universitário? O que se exige dele para assumir as funções de professor dentro de uma universidade? Que preparação didático-pedagógica se espera dele? Sobre isso, fala-se apenas: Ele deve apresentar requisitos legais, pessoais e técnicos.

3.2.1 Requisitos legais

Segundo a Resolução do Conselho Federal de Educação nº 20/77, publicada no Diário Oficial da União de 6/1/78, em seu Art. 4º, *"a qualificação básica e indispensável do docente será demonstrada pela posse do diploma de graduação expedido por curso*

superior em que se ministre matéria ou disciplina idêntica ou afim, pelo menos no mesmo nível de complexidade daquele para a qual é indicado".

O Art. 5º estabelece ainda que *"para a aceitação de docentes, além da qualificação básica, serão considerados , entre outros, os seguintes fatores relacionados com a matéria ou disciplina para a qual é feita a indicação:*

- a) título de Doutor ou Mestre, obtido em curso credenciado no País, ou em instituição idônea no País ou no exterior, a critério do Conselho, com carga horária comprovada, de pelo menos 360 (trezentas e sessenta) horas;*
- b) aproveitamento em disciplinas preponderantemente em área de concentração do curso de pós-graduação "senso strictu", no País, ou em instituição idônea no País ou no exterior, a critério do Conselho, com carga horária comprovada de pelo menos 360 (trezentas e sessenta) horas;*
- c) aproveitamento, baseado em freqüência e provas, em cursos de especialização ou aperfeiçoamento, na forma definida em Resolução específica deste Conselho;*
- d) exercício efetivo de atividade técnico - profissional ou de atividade docente de nível superior comprovada, durante no mínimo 2 (dois) anos;*
- e) trabalhos publicados, de real valor.*

3 2.2 Requisitos pessoais

São muito vagas e difusas as características pessoais exigidas para o desempenho das funções educacionais do professor universitário. Além disso, dão margem a muitas interpretações e considerações valorativas. Aprofundar-se nesse campo pode levar a divagações ideológicas.

A função do professor é tão complexa que qualquer esforço em relacionar atributos físicos/ fisiológicos, psicotemperamentais e intelectuais criaria uma tabela incompleta e discutível, apesar de muito extensa.

Cabe aqui ressaltar que a vocação para o magistério, existente em muitos profissionais e estranhamente não listada entre os requisitos exigidos, é muito importante e se manifesta pelo entusiasmo à profissão, pelo prazer em estar em contato com os educandos em todas as situações pedagógicas e pela eficiência com que exercem o magistério, num perfeito relacionamento interpessoal com os seus alunos, mesmo que não possuam alguns dos atributos enumerados em pretensas listas.

3.2.3 Conhecimento especializado da matéria

Como requisito técnico, para ministrar aulas sobre alguma disciplina, exige-se do professor que ele tenha profundo conhecimento dela, de seus aspectos fundamentais e de sua aplicação na prática, e, em casos de disciplinas de cunho prático, que ele tenha uma sólida experiência na área. O professor da disciplina de Prática de Ensino na Educação Infantil, por exemplo, nos cursos de Pedagogia, precisa ter um grande conhecimento não só dos fundamentos e metodologia dessa faixa etária como também, conhecer a psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem. E, o mais importante, já ter atuado, como regente em classes de educação infantil.

Além desse conhecimento especializado, o professor precisa possuir cultura geral, uma vez que todas as áreas se interrelacionam. Exige ainda, conhecimentos e habilidades pedagógicas (como sobre Estrutura e Funcionamento do Ensino, sobre Planejamento de Ensino, Currículos e Programas, Psicologia da Aprendizagem, Métodos de Ensino, Medidas Educacionais, etc.), que podem ser obtidos e aperfeiçoados por meio de leituras e cursos específicos.

A necessidade da preparação pedagógica do professor universitário é preocupação do Conselho Federal de Educação (indicada na Resolução 12/83), que determinou aos cursos de especialização uma carga horária mínima de disciplinas de conteúdo pedagógico (precisamente um sexto do total), com o objetivo de preparar e capacitar o professor a ministrar aulas.

Entretanto, é sabido que muitos professores universitários tiveram pouca ou nenhuma preparação didático-pedagógica. Nem parece ser um item tão importante assim, pois, ao se contratarem professores para o 3º Grau, exige-se títulos, certificados de experiência, mas nenhuma comprovação de bom desempenho didático em sala de aula.

Parece que, em se tratando do 3º Grau, em que a clientela discente já é adulta (ou deveria ser), com maturidade suficiente (ou deveria ter) para ser um universitário, motivado pelo curso (ou pelo menos, interessado), certo dos objetivos que o levam às aulas, ao mestre (ou doutor) basta conhecer profundamente os temas a serem tratados em sua disciplina, manter o seu *status* de professor universitário e fazer discursos intermináveis ou palestras monótonas que embalam os cochilos dos estudantes.

Claro que tudo o que ele diz em sua fala é importante – não é isso o que está em jogo agora. Mas, da forma como está sendo feita, será que vai chegar até os ouvidos de jovens passivos, aparentemente atentos, mãos em concha segurando queixos pesados? E que certeza se é que isso interessa ao professor – ele tem de que o que está expondo em classe está sendo registrado, digerido, entendido, pelos seus pupilos? Será que ele sabe para que serve o "feed-back", como se cria um clima de motivação ou se preocupa em variar técnicas, recursos, medidas educacionais ou ainda ignora qualquer atitude reflexiva que os alunos possam demonstrar?

3.2.4 Competência técnica versus competência interpessoal

É evidente que não se podem colocar essas duas capacidades numa balança com o objetivo de medir e avaliar o peso de cada uma delas, em benefício da educação. Todo profissional precisa ter competência na área específica em que trabalha. Ela pode se adquirida de várias formas (estudo, leituras, experiência). Baseia-se em idéias (ideologias), conhecimentos, atualizações, informação e reciclagens. Sua missão é técnico-científica.

Já a competência interpessoal está ligada não a idéias ou coisas, mas à habilidade de se lidar eficazmente com as pessoas, de acordo com as necessidades de cada um e às exigências da situação. Essa é uma missão humana e para isso necessita-se de treinamento.

Quanto à habilidade de se lidar com as pessoas é preciso que três critérios sejam observados, como explica MOSCOVICI (apud RAYS, 1999:156): *“Percepção acurada da situação interpessoal, de suas variáveis relevantes e perspectiva inter-relação, habilidade de resolver realmente os problemas interpessoais, de tal modo que não haja regressões, solução alcançada de tal forma que as pessoas envolvidas continuem trabalhando juntas tão eficientemente, pelo menos, como quando começaram a resolver seus problemas”*. Ambas são indispensáveis e mantêm relações de complementaridade. Uma não consegue atingir a finalidade da educação sem a outra.

A competência técnica precisa aflorar, fluir, ser apreciada, saboreada, ingerida. Isso quer dizer que todo o mundo científico do professor, toda a sua riqueza cognitiva, tem de ser absorvida, degustada por todos. Não se quer que o aluno apenas tome

conhecimento das informações. É preciso muito mais. Ele necessita apreender (mas, antes, aprender a apreender), que implica em compreender.

Para que o círculo se feche, há necessidade ainda que esse conhecimento do aluno, essa sua compreensão sobre o aprendido e apreendido possa se transformar em ação, em realidade, se fundir com a práxis, de acordo com o seu cotidiano.

Não basta falar sobre educação para que haja educação. É preciso algo novo, diferente, inovador. Como diz FREIRE (1989), ao se referir ao novo: *"é preciso compreender o interjogo dialético entre duas importantes instâncias: adaptação ativa à realidade e sua modificação pela experiência"*. É o que ele chama de aprendizagem transformadora, baseada na experiência vivencial.

Não se trata de uma disputa pela maior importância de cada um desses setores do contexto educacional. Pelo contrário, o fortalecimento da competência interpessoal vai permitir uma visão mais transparente do conhecimento científico.

Ao se inquirir os alunos sobre o que pensam dessas duas competências, eles reconhecem que é tão importante o professor conhecer muito bem sua disciplina, ter segurança nos conceitos tratados e teorias estudadas, como o perfeito entrosamento em sala de aula. Sem isso, aquela ciência vai ficar perdida no ar e escapar pela janela.

Devido a inúmeros fatores existentes nas escolas atuais, como classes superlotadas, pouca ou total ausência de condições materiais, volume de matéria a ser vencido a cada bimestre, grande número de turmas e disciplinas diferentes que precisam ser assumidas, deixam ao professor, pouco tempo para os procedimentos docentes de relacionamento interpessoal. Além disso, o sistema educativo caracteriza-se por uma rígida estrutura hierárquica e acima de tudo, o professor não está e nem foi preparado para essas situações. Nunca foi treinado para esse trabalho desafiador.

Alguns até iniciam na profissão, confiantes e motivados, mas com o passar dos dias, percebendo que esse procedimento lhe exige mais do que ele consegue carregar e que ele é o único a agir dessa forma na escola, desanima, frustra-se, sente-se incompetente, acomoda-se e volta ao antigo trivial.

É urgente que os professores tenham ciência e consciência do que proporciona o bom relacionamento interpessoal e, principalmente que saibam lidar com essa competência, se não quiserem ter outros problemas mais graves em suas classes, além de

não estarem cumprindo sua missão e de permanecerem neste mundo de transformações, marginalizados da realidade vivencial de nossos dias.

Para conseguir aprendizagem, o professor precisa, como diz ASSMAN (apud RAYS, 1999: 154): "*... desaprender coisas por demais sabidas e re-sabê-las re-saboreá-las um modo inteiramente novo e diferente*". Do professor atual se deve exigir que entenda mais de **lidar com gente** do que **lidar com coisas**.

SNYDERS (apud RAYS, 1999: 154), propõe uma alternativa pedagógica bastante otimista:

É ambição da nossa pedagogia que os alunos tenha acesso a conteúdos verdadeiros e que, ao mesmo tempo, os interessem e sejam sentidos como um auxílio ao seu próprio esforço para viverem e para conhecerem. E então, o professor há de parece-lhes também uma instância auxiliadora e não uma potência hostil. Para que os conteúdos proporcione assim ao aluno elucidação, esclarecimento, explicação do que sente, a condição essencial é situarem-se em continuidade com a própria experiência.

3.2.5 Aulas desinteressantes, desinformação didática ou descaso?

Os alunos querem ação, movimentação, jogos, recreação, discussão sobre as suas experiências no trabalho, no lazer, na escola. A professora quer silêncio, ordem, execução de exercícios, que os alunos se interessem por Cristóvão Colombo, por relações 'de contém' e 'está contido' etc. Dificilmente ela consegue estabelecer pontes entre as experiências dos alunos e o conteúdo que está sendo transmitido".(ANDRÉ & MEDIANO, 1986:102).

Porque será que, para a criança, um objeto novo, desconhecido, exerce um fascínio tão grande? Principalmente se esse objeto guarda em seu interior um certo segredo, algum mecanismo, alguma engrenagem escondida lá dentro; aí o coração se alvoroça e os dedos se inquietam na aventura de desmontá-lo, de desarmá-lo, de desmitificá-lo, de desmontar para descobrir, para saber, para aprender. "Toda criança que por natureza é sábia tem, inconscientemente, consciência que "só sabe aquele que desconstrói e constrói depois" (ALVES, 1999: 132).

Acontece que essa criança continua morando no interior de todo adolescente e adulto pelo resto de suas vidas. Ainda há no interior de todas as pessoas aquela criança

que existiu um dia. *"As pessoas não param de brincar crescem. Elas crescem porque param de brincar"* (Oliver Wendell Homes).

Sobre isso, FOSTER (1997: 63), cita JEAN PIAGET: *"se deseja ser mais criativo, permaneça uma criança parcialmente, com criatividade e inventividade que caracterizam as crianças antes de serem deformadas pela sociedade adulta"*.

Muito se fala sobre a necessidade de ensino concreto, diversificação de técnicas, correlação com o real etc., para o ensino infantil e fundamental. Mas quanto ao 3º Grau, parece que o universitário tem outra forma de compreender os ensinamentos, que os professores não precisam mais se preocupar com a construção dos conhecimentos dos discentes, pois na fase em que estão, têm obrigação de entenderem tudo o que se lhes "passam", sem discussões. E pronto!

Os professores necessitam refletir bem sobre isso. Os universitários que se sentam nas carteiras de sala de aula, são as mesmas crianças de anos atrás, só um pouco mais velhos.

Quando se fala em classe sobre um tema "pronto", verdade absoluta, dogma indiscutível, sem possibilidades do aluno duvidar, discutir, contra-argumentar, perguntar, tentar novas alternativas ou outras modificações, o assunto assim "imposto", mata o interesse, pois não dá margem a que se possa esmiuçá-lo, abri-lo, investigar a fundo, pô-lo à prova, desmontá-lo, desconstruí-lo para construir depois. Como a criança que quebra o relógio apenas para saber, e só então vai saber o que há lá dentro.

Citando ALVES (1999: 105), que nos conta que particularmente, ele fica horrorizado quando escuta alguém começar uma frase com um *"Estou convencido de que.."* Para ele, isso é assustador, pois é sinal que se está à frente de um inquisidor em potencial. Segundo suas próprias palavras, *"convicções são entidades mais perigosa que os demônios"*, uma vez que não conseguirão ser expulsas, já que são consideradas pelos próprios fanáticos, como dádiva dos deuses.

O "convicto" tem absoluta certeza de que conhece toda a verdade. E se assim é, seus olhos, ouvidos e coração se fecham para tudo o mais. Ao contrário, quando não se está convicto de algo, é preciso escutar com atenção, observar atentamente as coisas à volta, é preciso aprender.

NIETZSCHE afirmava que *"as convicções são piores inimigos da verdade que as mentiras"*, pois o mentiroso sabe que está mentindo e o convicto pensa que as bobagens que diz são sabedoria.

Basta lembrar que as inquisições foram feitas por pessoas convictas. Ao inquisidor, não interessava as razões da pessoa inquirida. Apenas, se suas idéias eram iguais às dele: *"se forem iguais, está absolvido. Se forem diferentes, vai arder na fogueira"*. Quantas pessoas inteligentes e boas, durante a Idade Média, arderam até a morte, simplesmente pelo fato de pensarem diferente. Graças à mentira, Galileu saiu ileso.

Mas os demônios da convicção não estão presentes apenas na religião; emigram para a política, para os dogmas da ciência, para o dogma do método que produz devastações na inteligência e, o que é pior, no caráter das pessoas. O professor precisa tomar muito cuidado ao falar aos alunos sobre as "suas verdades" e examinar melhor a verdade de seus métodos de aula.

Costuma-se dizer que as aulas são "dadas" aos alunos como se fossem mangas ou pêssegos, durante um certo tempo. E pronto! Missão cumprida (que se torna "comprida" para o aluno. Às vezes, interminável, para todos).

Isso parece coisa do passado, contada por nossos avós. Mas, não é. Acontece ainda e bem mais perto do que se possa imaginar. O que aconteceu com a didática, tão falada nos cursos de formação de professores?

Todos os professores universitários tiveram conhecimentos didático-pedagógicos? Acredita-se que a maioria saiba disso tudo, só que com o tempo e hoje, quem tem tempo? seus ideais vão se enferrujando, seu ânimo de primeiros tempos vai se dobrando de cansaço, a dedicação começa a agonizar. Aos poucos, todos tendem a cair na rotina cinzenta e mofada do dia-a-dia. Fica mais fácil "levar" para os alunos um texto extraído de algum capítulo de livro, para que eles providenciem o xerox e arquivem em sua coletânea de textos. A cada aula, um novo texto xerocado. E quanto ao da aula anterior, nenhuma referência; ficará esquecido no fundo da pasta.

Mas, a consciência docente se tranqüiliza. Afinal, até a prova bimestral, o professor já "passou" um vasto material sobre a sua disciplina. Agora, é só o aluno estudar (ou "decorar") para o exame.

Às vezes, o texto xerocado é substituído pela leitura do professor, em voz alta, do trecho de um livro qualquer, que ninguém chegará a saber o título, encoberto por papel kraft verde. Para os alunos "auditivos", o desastre não é tão grande; mas, para os demais pobres visuais ou cinestésicos é um verdadeiro suplício. A leitura é feita de cabo a rabo, sem nenhuma interrupção para explicações, observações, exemplos. Continua sendo pecaminosa, mas um pouco menos sonífera.

Essa estratégia de aula ainda não é o que há de pior. Há os ditados. Pode parecer incrivelmente impossível que isso exista numa universidade, em nossos dias, em pleno século XXI.

A verdade é que existem professores que ainda costumam ditar aulas. Os alunos são controlados por um ditado ininterrupto, que cansa o braço e as costas e fere os ouvidos e os brios da Didática. E quem ousaria interromper o mestre em sua "aula", para lhe fazer críticas, quanto à técnica utilizada?

É claro que esses exemplos aparentemente exagerados não são a regra; porém ainda, mesmo em minoria, existem. Quanto a esse tipo de professor, vamos por enquanto, deixar de lado. Não merece comentários e muito menos o título de professor.

Há também os professores exemplares. Os verdadeiros professores, como diz Cunha (1997 : 137). Não se precisa ser um coordenador de curso ou ouvir atrás das portas nem perguntar indiscretamente aos alunos, para reconhecê-los. Eles são facilmente identificáveis. Eles trazem no semblante a própria manifestação de alegria pelo magistério. Ministras aulas para eles é satisfação, não obrigação.

Vivem rodeados de alunos que os acompanham pelos corredores, sempre com mais alguma pergunta ou reivindicação ou, simplesmente, pelo prazer de caminhar ao lado do professor a quem, sem dúvida alguma, admiram. Suas aulas são movimentadas, as carteiras quase sempre estão fora daquela sistematizada forma de álbum de fotografias: umas atrás das outras, em fila.

Os alunos falam livremente durante os debates, costumam contra-argumentar, não receiam pedir novas explicações, estão sempre prontos a vencer os desafios que o

professor lhes lança, numa inquietude disciplinada e quase sempre não vêm a hora passar. Admiram-se quando percebem que o tempo da aula acabou.

Algumas vezes, discordam da técnica que o professor está usando e têm liberdade de sugerir outra melhor, que é considerada e muito bem aceita pelo professor. É um prazer ter aulas desse tipo. Pena é que esse tipo de professor o único que deveria existir é a minoria.

Merece um estudo mais profundo a grande maioria de professores, que não cometem imperdoáveis pecados mortais em suas aulas, nem grandes absurdos, e por isso não vão arder no fogo do inferno, mas também não irão para o céu.

Apenas precisam um reexame, um repensar, uma reanálise de suas aulas, um boa dose de autocrítica, dos porquês do seu desinteresse, do seu cansaço, da indiferença dos alunos pelas suas aulas e pela impaciência de todos inclusive a dele para que ela termine.

O que há de errado com esse professor e o que não está dando certo? Por que alunos e professor sofrem tanto e os minutos se arrastam demoradamente até a aula terminar?

CAPÍTULO IV – CRIATIVIDADE

“Criatividade é característica da espécie humana. O homem criativo não é o homem comum ao qual se acrescentou algo; o homem criativo é o homem comum do qual nada se tirou” (Abraham Maslow)

Criatividade é um termo usualmente utilizado com muita frequência, em todos os setores da vida humana, sempre que queremos nos referir a algo surpreendente, relacionado com os processos e mecanismos do pensamento, associados ao novo, à imaginação, ao entusiasmo, ao inusitado, à inovação, originalidade, inspiração, capacidade intuitiva, ousadia, "insight", desapego, iluminação, algo inédito brotado do

nada, ligado à curiosidade, ao paradoxo, à invenção, a uma certa dose de mistério, complexidade, enigma, improvisação, imprevisibilidade.

Na realidade, o conceito de criatividade ainda aparece um pouco difuso, envolto em um certo véu de misticismo, em certos aspectos, apresentando-se como uma grande charada, um complicado quebra-cabeças ou, para outros, um estranho mistério.

Além disso, não podemos negar que para todos nós, o que é "novo" ou "desconhecido", nos deixam precavidos e um tanto receosos, até como uma forma de nos preservarmos. Toda modificação, toda quebra de rotina, toda interrupção no curso normal das coisas, toda mudança, é recebida com uma certa dose de desconfiança e descrédito.

"Resistir à mudança é muito comum no ser humano. Só uma pessoa gosta de mudanças: o bebê, quando está com as fraldas molhadas" (Roy Blitzer, educador).

Muitas idéias novas não chegam nem a vingar: são abafadas antes mesmo de nascerem. É mais fácil tachar de "erradas" e "sem valor", idéias que podem nos ameaçar por serem desconhecidas.

Além disso, esse fenômeno está ligado a uma forma diferente e original de se pensar e agir, de se "jogar com a idéias", de se mesclar de uma forma perfeita, elementos aparentemente não conciliáveis. Uma forma diferente de ver o mundo.

Os próprios dicionários se quanto ao termo criatividade omitem; limitam-se a associar "criação" ao ato ou efeito de criar, dar existência a, tirar do "nada" (Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, 11ª edição, p. 344).

Um fenômeno que é conceituado dessa forma, parece cientificamente inaceitável e tampouco impossível de ser completamente entendido, tão paradoxal ele se apresenta. Talvez por essa razão, a criatividade é, em algumas situações, associada a dons divinos, intuições especiais, inspirações românticas, instantâneas, principalmente porque elas podem ocorrer quando menos se espera, sem aviso prévio ou época determinada.

Há ainda uma conceituação sobre criatividade que a entende como uma "combinação original de idéias conhecidas", o que nos leva a imaginar que tais idéias não poderiam ser combinadas normalmente, a não ser de um modo extraordinariamente interessante.

Como se pode ver, criatividade é uma palavra freqüentemente usada, mas cujo significado ainda é entendido como um fenômeno extremamente complexo e que toma formas e dimensões diferentes, uma vez que está diretamente ligado a diversos aspectos que têm relação com o momento e/ou a pessoa, como cultura, hábitos, clima psicológico, valores, aspectos da personalidade; enfim, as influências internas e/ou externas, que podem modificar, intensificar ou enfraquecer o fenômeno.

"Há algo de extravagante no ato de criar, embora a tarefa seja séria. E é igualmente extravagante escrever a respeito desse ato pois, se há um processo silencioso, é o processo criativo. Extravagante, sério e silencioso" (Jerome Bruner).

Atualmente, o estudo da criatividade tem causado um fascínio muito grande entre cientistas, executivos, gestores, empresários, educadores, artistas. Ela passou a ser assunto indispensável em programas de treinamento e cursos de especialização, como uma das habilidades das mais imprescindíveis no momento atual. Mas, já desde os tempos da Grécia antiga, a criatividade era preocupante, sempre vista de uma forma mística, como se fosse uma dádiva dos deuses oferecidas a pessoas muito especiais. Ainda hoje, muita gente acredita que só determinadas criaturas predestinadas possuem o dom do potencial criativo. Costuma-se associar o poder da criatividade a seres extraordinários, com capacidade de, como num passe de mágica, transformar uma idéia batida e desacreditada, na novidade mais incrível.

Quando se fala em combinar coisas que anteriormente não combinavam, ao se referir à criatividade, é necessário que se reforce que não se trata de simples mescla de substâncias, conceitos, símbolos ou idéias. É preciso que o produto dessa mesclagem seja reconhecida publicamente como excepcional, por pessoas reconhecidamente competentes.

Segundo Dore Schary, escritor e produtor cinematográfico, durante a 15ª Conferência Anual sobre Educação Superior, em Chicago (1960). *"O espírito criativo gera-se na mente, cristalizando uma experiência particular, individual que só pode ter sentido, expressão e importância, quando é depois partilhada"*.

Costumam-se associar "pessoas criativas" a nomes de especialistas em desenvolvimento de programas de computação, de diretores ou produtores de cinema TV,

de estrategistas de Mercado, eficientes aplicadores da Bolsa, cientistas, "designers", grandes compositores, arquitetos famosos, artistas de um modo geral.

Há uma crença de que a criatividade está mais ligada a padrões pouco normais de comportamento e comumente ela é associada à genialidade. Criatividade é coisa de gênio, acreditam alguns. Van Gogh, Einstein, Da Vinci, são considerados gênios criativos.

Parece que o espírito criativo está ligado a uma capacidade que só as pessoas "diferentes" têm.

Já HANS SALYE, um médico pesquisador, aceita como criativo, algo "*verdadeiro, generalizável e surpreendente*", o que torna complexa e limitada a conceituação sobre o fenômeno, pois o que pode ser verdadeiro numa sociedade, pode não o ser em outra.

Não raras vezes, a criatividade e a loucura têm sido associadas, acrescentando-se que a natureza irracional, involuntária e complexa da criação teria origem nos distúrbios mentais e que serviria para compensá-los ou até explicar problemas e conflitos do mundo inconsciente das pessoas. Segundo esse ponto de vista a criatividade estaria mais próxima da loucura ou das neuroses do que do talento.

Precisa ser especificado se a criatividade é um dom inerente aos indivíduos ou se poderia treiná-la; estaria ligada indiscutivelmente à inteligência ou não tem nenhuma relação com ela; as criações são espaçadas "insights" instantâneos ou se sucedem continuamente?

Pode-se dizer que as pessoas criativas são seres privilegiados ou apenas fora dos padrões da normalidade dos indivíduos? Ou perícia?

"O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que leva a sério, enquanto o separa nitidamente da realidade" (Howard Gardner - out.1999).

Mesmo sem saber com nítida exatidão o perfeito conceito do fenômeno da criatividade, como ele tem origem, quais são as engrenagens mentais que se articulam para dar início a esse processo no indivíduo, todos nós entendemos um pouco do assunto e somos capazes de identificar, em certos setores ou campos de ação, quando algo é criativo ou não.

Os desafios e as exigências do novo milênio, apresentam de uma forma surpreendente e constante, mudanças radicais e incertezas, que se sucedem à uma

velocidade estonteante, exigindo cada vez mais dos indivíduos, esquemas criativos de ação que lhes permita acompanhar esse desenvolvimento gritante dentro de uma atuação efetiva, em busca da construção de uma ação consciente, na busca para redescobrir significados na vida e lhes permitir a expansão da consciência, rompendo barreiras e abrindo a mente para os novos tempos.

Nesse campo, tornam-se necessárias muitas competências, principalmente as relacionadas à capacidade de pensar, de achar a melhor e a mais objetiva solução para os problemas, a mais eficiente forma de inserir novas ações originais.

Conforme defendem GUILFORD, FRUCHTER e KELLEY, em seu artigo "Development and Application of Tests of Intellectual and Special Aptitudes, Review of Educational Research", a estrutura do intelecto é altamente complexa. Testes de natureza aberta estão revelando um conjunto de operações mentais, que os pesquisadores chamam de "pensamento divergente", ou pensamento que sai à procura, muda de rotas e produz respostas múltiplas. Discute ainda a relação muito próxima do comportamento dos indivíduos com pensamento divergente e as que apresentam um comportamento criativo.

DE BONO (1997: 51) fala sobre "*pensamento lateral*", que, segundo ele, seria um "*outro tipo de pensamento*", uma outra forma de pensar e agir, não linear, sequencial ou lógica; mas um jeito até certo ponto ilógico de procurar "*lateralmente*", como se buscássemos o objetivo por uma estrada paralela, através de outra visão, a solução do problema. Seria tentar através de outras abordagens de alternativas diferentes.

P. E. VERNON (apud BODEN 1999:204) define criatividade como "*a capacidade de uma pessoa para produzir idéias, concepções, invenções ou produtos artísticos novos ou originais, que são aceitos pelos especialistas como tendo valor científico, estético, social ou técnico*". Já BRANDÃO (1998:13), conceitua criatividade como "*uma experiência espiritual e psíquica, que integra diversos níveis da ação humana em direção ao novo, ao inusitado, ao que se encontra além do limite*".

Percebe-se, entretanto, que a criatividade pessoal não se manifesta espontaneamente de uma forma violenta, de uma hora para outra, nem se cria com exercícios ou receitas miraculosas. O que se tenta fazer são exercícios para desinibir e desconstrair as pessoas em certas situações, em treinar e desenvolver o potencial criativo

que já existe junto à Psicologia do indivíduo, da mesma forma que o comportamento se liga à personalidade. Mas nada garante que tais medidas transformem uma pessoa passiva em criativa, nem que o seu potencial criativo seja ativado. Isso vai depender do seu desejo e da sua auto confiança em querer criar e, principalmente, na conscientização sobre o seu potencial criativo.

Esse exercício, aos poucos, cria na pessoa, o que PREDEBON (1997:34) chama de "*vício pelo novo*", que seria o hábito e o costume de enfrentar os desafios do cotidiano, imaginando transformações em tudo, procurando ver o que todo mundo vê, só que de uma forma diferente.

Com o tempo, essa forma de pensar e agir criativamente, começa a fazer parte da personalidade do indivíduo, como um elemento inseparável de sua personalidade. Suas ações, pensamentos, idéias, atitudes, enfim, todo o seu ser passa a agir dessa forma.

Por isso, podemos dizer que a criatividade é muito mais que uma característica do ser humano; é muito mais que uma capacidade. É mais abrangente e o envolve completamente. É uma visão de vida, um estado de espírito, uma forma de ver o mundo e de assumir um papel dentro dele. É, acima de tudo, um estilo de vida.

"O mundo está mudando de dono. Está deixando de pertencer aos que conhecem os fatos e caindo sob o domínio dos que sabem lidar com fatos desconhecidos" José Predebon (1999:18).

Não podemos e nem tempo mais temos para fazer belos discursos e planejamentos para os novos tempos, pois eles já estão, há muito tempo, regendo os nossos passos.

Os progressos da Ciência e da Tecnologia avançam de forma desenfreada. A sociedade atual se caracteriza principalmente pelas mudanças rápidas e muitas vezes imprevisíveis, em todos os campos. Não basta esta a par dos avanços observados nos diversos setores da medicina, genética, informática, engenharia, eletrônica. Tudo o que se sabe sobre a atualidade pode, em pouquíssimo tempo, ficar desatualizado.

É preciso procurar cultivar melhor o talento e o potencial de cada pessoa, com o objetivo de preparar indivíduos que não apenas "conheçam e saibam", mas que, acima de tudo, sejam capazes de resolver problemas novos, desconhecidos e da melhor forma possível.

Criatividade supõe "*uma atitude, uma perspectiva, que leva a pessoa a procurar idéias, manipular conhecimento e experiência*" (OECH, 1998:18).

ALENCAR (1997:3) conceitua criatividade como *"um fenômeno complexo e multifacetado, que envolve uma interação dinâmica entre elementos relativos à pessoa, como características de personalidade e habilidades de pensamento, e ao ambiente, como o clima psicológico, os valores e normas da cultura e as oportunidades para expressão de novas idéias"*.

"A criatividade é uma grande arma para a descoberta das oportunidades e esta, por sua vez, é a melhor arma para melhorar a qualidade de vida... o uso do pensamento criativo é encontrar melhores maneiras de se fazer as coisas. Seria errado assumir que o pensamento criativo significa só riscos. Criatividade também significa discernimento e novas percepções que fazem sentido imediatamente"
(PREDEBON, 1997:XVIII).

Existem muitas outras colocações com referência à criatividade: ou ela é vista como sendo um processo onde "se relacionam previamente coisas não relacionadas", ou então, afirma-se que algo para ser criativo precisa "ser verdadeiro (no sentido de ser construtivo), precisa ser generalizável e precisa ser surpreendente (isto é, novo, inédito)".

Também é vista como "o processo que resulta na emergência de um novo produto (bem ou serviço), aceito como útil, satisfatório e/ou de valor por um número significativo de pessoas em algum ponto no tempo".

ALLESSANDRINI (apud BRANDÃO, 1998:13), classifica criatividade como *"uma experiência espiritual e psíquica. Ela integra diversos níveis da ação humana em direção ao novo, ao divino e inusitado, ao que se encontra além do limite..." Ser criativo é realizar-se como pessoa"*.

Carl Ally (fundador de Ally & Gargano, uma agência de publicidade da Madison Avenue, conhecida pela excelência de suas criações), quando perguntado, certa vez, o que faria uma pessoa com potencial criativo, criar, respondeu: *"O criativo quer ser um sabetudo, quer saber todo tipo de coisas: história antiga, matemática do século XIX, técnicas modernas de produção, arranjos florais, preço do porco no mercado futuro. Porque nunca se sabe quando as informações vão se juntar para formar uma nova idéia. Pode acontecer dali a seis minutos, seis meses ou seis anos. Mas ele tem certeza de que vai acontecer"*.

Parece que a pessoa criativa é um ser ávido de vida, pronto a olhar o mundo com os olhos de curiosidade, da ânsia de aprender e de estar sempre preparado para uma

resposta certa para todo e qualquer eventual problema, mesmo para aqueles para os quais ele não foi treinado.

BODEN (1999:81) define criatividade como *"um quebra-cabeças, um paradoxo, para alguns um mistério"*. Continua dizendo que as pessoas (cientistas, inventores, artistas ou pessoas comuns) não conseguem explicar como suas criações, oriundas de idéias originais surgem.

Alguns chegam a falar em "intuição", porém pouco se sabe como ela funciona. Há quem acredite que jamais haverá uma teoria científica da criatividade, uma vez que seria impossível a ciência explicar novidades fundamentais. Temos também que considerar que o Caráter aparentemente imprevisível da criatividade não permite uma explicação sistemática, histórica ou científica.

Quando BODEN define criatividade como "... um mistério", quer se referir ao paradoxismo do seu conceito : como definir o indefinível?

MIEL (1999:43) assim define o ser criativo: é "estar aberto", o que significa ser capaz de envolver todo o próprio eu em tudo que não é o eu, mas dentro do ponto de vista próprio. *"Exige a queda das defesas usuais e o abandono, no momento, das definições usuais"*. Não é uma ação tão fácil, pois abandonar defesas usuais é correr o risco de se expor e sentir-se ameaçado.

"O navio é seguro quando está no porto. Mas não é para isso que se fazem navios" (Grace Hopper, inventora).

4.1 Componentes do pensamento criativo

"Pensar criativamente pode significar a mera constatação de que não há mérito algum em fazer as coisas do jeito como sempre foram feitas"
(Rudolph Flesch, educador).

Criatividade é uma característica da espécie humana, tão natural como os instintos. Pode-se observar que, indistintamente, todas as crianças são criativas. O seu potencial inato, vai sendo depois bloqueado no processo de socialização e de entrada no mundo dos adultos.

Um garoto que, no fundo do quintal inventa um brinquedo com sucata, é tão ou mais criativo que o mais habilidoso engenheiro de criação do setor de invenções de uma

fábrica de brinquedos, ao fazer um robô sofisticado que se move, conta piadas e chega a jogar xadrez com perfeição.

"Todas as crianças nascem gênios e nós passamos os seis primeiros anos de suas vidas, tentando 'desgenealizá-las' " (Buckminster Fuller).

A criatividade se manifesta até mesmo em pequenos detalhes: na melhor solução dada para um problema; na forma de harmonizar um conflito de idéias; na perspicácia de detectar boas oportunidades; na percepção em se oferecer para ajudar num dilema ou impasse; até mesmo inovando velhas receitas culinárias, ou achando a palavra certa no momento crucial ou mesmo, retirando alguém da sala, cuja presença pudesse ocasionar uma desastrosa confusão.

Enfim, a pessoa criativa está sempre disposta a desafiar o que é ritual, os "mesmismos", a rotina, os paradigmas, os dogmas e, principalmente, sendo o suficientemente ousada para quebrar tabus, passar por cima de regras carcomidas, ter coragem para enfrentar medos e inseguranças próprios, o que, pode-se dizer com toda a segurança, é uma das coisas mais difíceis de se fazer.

Ela está sempre atenta a todo tipo de "dados" sejam eles relevantes ou não com o intuito de selecionar os interessantes, os que têm valor, para armazená-los e poder trabalhar com eles, transformando-os em "informações que, possuindo significado, valem muito e passam a fazer parte do seu arquivo de conhecimento".

De um modo geral, todas as pessoas fazem isso. O verdadeiro sinal para o indivíduo se mostrar criativo está no que ele fará com o conhecimento que tem.

Assim, consegue-se encontrar pessoas com um engajamento total para o exercício da criatividade, numa já quase determinação (ou hábito), o que, por vezes, leva algumas pessoas a confundir a criatividade com uma tendência inata, própria apenas de poucas pessoas.

Até algum tempo atrás, criatividade era pouco mais que uma competência mais ou menos inútil do ponto de vista científico, uma vez que ela estaria associada apenas às artes e aos valores mais refinados da sociedade ou à utilização do pensamento intuitivo e suas manifestações em ritos místicos.

Hoje, sabe-se que todas as pessoas são criativas em algum grau, mas que certamente essa característica está abalada por uma série de circunstâncias que serão vistas mais adiante.

Para ser criativo basta apenas querer ser e tentar sê-lo. O resto, virá automaticamente. Muitos são os componentes do pensamento criativo. De qualquer forma, pode-se enumerar uma série deles:

- fluência e imaginação, que é a facilidade de se ter idéias diferentes para um mesmo assunto;
- flexibilidade pessoal, que é a capacidade de multiplicar diferentes categorias de respostas e estar sempre aberto a todas as experiências e atento às ambigüidades;
- originalidade, que é a habilidade de achar respostas incomuns, infrequentes, originais e de ter iniciativa;
- elaboração, que é a facilidade de detalhar em minúcias as idéias;
- sensibilidade para os problemas, que se traduz pela inteligência de questionar o óbvio;
- de reconhecer erros e deficiências e de captar sinais, antes mesmo deles serem emitidos.

DE BONO (1997: 69) , um dos líderes do movimento do pensamento criativo, diz que resolver problemas *"requer uma visão fresca, uma visão usualmente não oferecida pelo pensamento lógico"*. É o que ele chama de *"pensamento lateral"* , mais intuitivo e menos lógico.

4.2 Características da pessoa criativa

Vários são os atributos da personalidade dos criativos, apontados pelos pesquisadores. Alguns dos mais citados, são:

- a) estar plenamente envolvido no trabalho a ser realizado. "Vestir a camisa", estar realmente interessado em saber mais, em produzir melhor, porque esse perfil é para o criativo , uma motivação intrínseca;
- b) ser otimista e ter coragem para correr riscos. O otimismo revela confiança na capacidade de vencer sem se amedrontar, sem temer correr riscos;
- c) ser flexível e estar sempre pronto e receptivo às novas idéias;

- d) ter confiança de enfrentar desafios e iniciativa de enfrentá-los, mesmo ciente dos riscos;
- e) ser persistente. Poucas coisas na vida se realizam e se concretizam da noite para o dia.

O processo criativo pode ter uma longa duração.

"Nada neste mundo pode substituir persistência. Nem o talento pois nada é mais comum do que talentos fracassados; nem a genialidade pois o gênio incompreendido é quase sempre pleonasma; nem a educação pois o mundo está cheio de pessoas cultas marginalizadas. Só a persistência e a determinação tudo podem." (Anônimo, citado por OECH,1999:89).

4.3 Criatividade dentro da Universidade: mola propulsora no processo ensino-aprendizagem

Nos tempos atuais, as transformações são apresentadas de uma forma tão acelerada como jamais o foram em nenhuma época anterior. Esse fenômeno está produzindo rápidas, contínuas e profundas mudanças econômicas, políticas e sociais.

Um progresso assustador está sendo sentido principalmente na área científica e tecnológica, impulsionado, de forma bastante marcante, pelo avanço da informática. A rede Internet ou similar, tem permitido a troca de informações técnico-científicas de forma global, em questão de segundos.

EVANS & RUSSEL (1989:129) chegam a preconizar para este século, num lampejo de criatividade, mudanças e transformações que podem parecer exageradas mas não impossíveis:

Dentro em breve, o reconhecimento da voz e software de alto nível dispensarão as secretárias tradicionais; a sistemas especializados assumirão grande parte do trabalho rotineiro da medicina, da educação e da pesquisa científica; filmes produzidos por computador colocarão Hollywood de lado; bancos de dados orientados para vendas substituirão os departamentos de marketing; a inteligência artificial reduzirá a necessidade de advogados, contadores, funcionário público e de muitos outros serviços essenciais à sociedade industrial.

Praticamente todas as profissões serão afetadas, e muitas delas serão minadas pela Revolução da Informação. Pelo menos 75% do trabalho, como o conhecemos hoje poderá ter sido eliminada na virada do século .

De repente, as pesquisas feitas em intermináveis visitas a bibliotecas, cansativas e enfadonhas, sempre acompanhadas de inesperadas e difíceis traduções de textos científicos, tornaram-se coisas do passado.

Hoje, passaram a fazer parte do cotidiano, o raio laser, a fibra ótica, os avanços da robótica, as clonagens, as recentes descobertas na área da psicofarmacológica (como a pílula da criatividade ou o spray da memória).

Parece que o mundo acelerou a vida de forma assustadora, fazendo com que os indivíduos precisem adaptar-se cada vez mais e continuamente, para poderem enfrentar essa aceleração desenfreada e chegarem a sobreviver aos novos tempos. O mundo atual exige do indivíduo um desempenho muito maior do que lhe foi exigido até agora. Não basta ser bom; é preciso ser cada dia melhor.

As pessoas precisam estar preparadas não só para solucionar problemas previsíveis como, principalmente, para resolver qualquer tipo de implicação ou obstáculos imprevisíveis que possam surgir. Pessoas com capacidade de pensar, de implementar novas ações ainda não testadas e, essencialmente, indivíduos com ousadia e coragem para enfrentar todo e qualquer desafio surgido.

"O homem comum enxerga cada obstáculo como um problema; as pessoas criativas , vêem em cada obstáculo um desafio" (Citado por Oech)

O problema se agrava ainda mais quando se fala do desempenho pessoal nas estruturas educacionais. Parece que o desenvolvimento da capacidade de pensar de um modo criativo e inovador dentro do contexto educacional não tem sido uma preocupação importante, muito menos nas Universidades. De um modo geral, as instituições escolares, e também os professores, não oferecem as condições necessárias (ou mínimas) para a expressão da criatividade.

O aluno mais criativo não é, de um modo geral, considerado. Pelo contrário, às vezes é até reconhecido como um aluno de mau comportamento, que costuma perturbar o andamento da aula e que os professores preferem deixar de lado, por se tratar de um indivíduo que difere dos demais ou, quem sabe, até por não saberem como lidar com ele.

Se for feita uma investigação junto aos professores das organizações educacionais, consultando-se sobre os comportamentos desejáveis nos seus alunos, aparecerão, com

certeza, adjetivos como obedientes, atenciosos, simpáticos, educados, trabalhadores, populares e bem aceitos pelos colegas.

Algumas características ligadas ao processo da criatividade como independência de pensamento, ousadia, coragem, curiosidade, capacidade de julgamento, intuição e absorção nas tarefas que realiza não serão citadas, pois, no pensamento do professor, tendem a atrapalhar seu trabalho rotineiro em sala de aula. Parece que a grande parte dos mestres prefere lidar com alunos obedientes, conformados, disciplinados, que aceitam tudo sem contestação, que conseguem memorizar com certa facilidade os ensinamentos mas apresentam pouca habilidade em solucionar problemas.

ABRAMOVICH (1983) , em interessante estudo sobre a literatura infantil, cujos contos e histórias vêm norteando há muito tempo a educação das crianças, chamou a atenção para a ênfase dada aos personagens obedientes, passivos, conformistas, "bem- educados", que não contra-argumentam e que não discutem ordens. No entanto, atitudes de curiosidade são condenáveis e a desobediência é sempre punida com castigos.

Logo, as crianças desde muito cedo, já trazem enraizada no seu inconsciente essa tendência de seguir os padrões estabelecidos pelas histórias infantis e que continuam a ser reforçados na escola.

A criatividade dificilmente vai se manifestar num ambiente ou num clima em que a pessoa se sinta ameaçada, fiscalizada, questionada, observada, criticada. Porém, tal situação leva o indivíduo a se tornar excessivamente crítico com relação a si próprio e, dificilmente conseguirá efetuar tarefas que exijam produção criativa ou atitudes inovadoras. Segundo ALENCAR (1995: 94), *" da escola de primeiro grau à universidade tende-se a exigir do aluno, especialmente, a reprodução do conhecimento , sendo-lhe propiciadas poucas oportunidades para fazer uso de suas habilidades criativas"*.

Em pleno século XXI, grande parte das universidades continua dentro dos moldes da primeira metade do século passado, preparando parcialmente os alunos para os novos tempos. Pode-se sentir a ênfase dada ao desenvolvimento da reprodução e memorização dos conhecimento.

Parece que há intenção de se louvar a ignorância, a incompetência, a obediência cega a dogmas preestabelecidos, de internalizar a idéia da incapacidade e anulação das potencialidades individuais.

Esse quadro torna a universidade mesmo que tentando acompanhar o avanço da modernidade uma instituição desajustada à realidade atual. Ela precisa renovar-se,

além de assumir consciente e criticamente sua responsabilidade social, em busca da conquista da sua autonomia, da sua identidade.

Essa mudança vai se estender ao projeto pedagógico, à estrutura curricular, aos programas das disciplinas, à preocupação com a preparação para o mercado de trabalho, às pesquisas, aos planejamentos de extensão e fatalmente à sala de aula, aos procedimentos didáticos, aos recursos utilizados e ao relacionamento professor-aluno.

Como são as aulas, em nossas universidades hoje em dia? O processo educacional não é repetitivo. Pelo contrário, as situações de ensino-aprendizagem, passam por mudanças e transformações contínuas e por isso mesmo as aulas precisam ser extremamente dinâmicas, vivas e interessantes.

A criatividade vai ajudar o professor nesses tempos de constantes mudanças. Mas é preciso que ele faça uma auto-análise sobre seu estilo de aula, seu relacionamento com os alunos, sua atenção às dúvidas da classe, sua preocupação em se atualizar constantemente.

4.4 Aprendizagem humana

Parece inacreditável que nesta época em que o mundo sofre um processo de mudanças tão rápidas e velozes e que a ciência e a tecnologia demonstram um avanço fantástico, as instituições de ensino, especialmente as universidades, ainda mantenham as mesmas antigas falhas e distorções do sistema educacional do início do século.

O ensino é voltado essencialmente para a repetição de dados, reprodução de informações, para a memorização do que se lê e se ouve. As informações que são passadas aos alunos já vêm prontas para serem absorvidas, memorizadas e, se possível, guardadas por algum tempo, de preferência, até o dia da prova.

O termo mais grave da frase anterior é “prontas”. Se o aluno se depara com “verdades prontas”, realmente só lhe cabe “engoli-las”, sem pestanejar. *“É a educação voltada ao não pensar”*, como cita ALENCAR (1999: 9).

Nem se quer mesmo que o aluno pense, pois é muito mais trabalhoso e incômodo trabalhar com alunos pensantes. Enfim, ele vem à Escola para receber ensinamentos e não para pensar.

O absurdo do pensamento acima é tão evidente que nem mereceria comentários. Entretanto, cabe ressaltar que o que o aluno mais deve fazer na escola é pensar, refletir, duvidar, discordar, perguntar, descobrir, investigar, experimentar, fazer sugestões, liberar sua curiosidade, discutir e "manusear" pensamentos abstratos. Ninguém vai à Escola para "receber ensinamentos". Aulas, lições e ensinamentos não são coisas que se possam dar. A aprendizagem, como o conhecimento, é uma questão de construção e não de recebimento. Ela se dá dentro da mente das pessoas.

Aquele professor que se contenta em dizer que **dá aulas** pode, no máximo, ter mostrado aos alunos dados, que são registros a respeito de um determinado evento (um sinal), para o sistema.

Abordando "Considerações preliminares sobre a Gestão do Conhecimento", mais especificamente sobre "Fundamentos sobre a Concepção de um Sistema de Gestão do Conhecimento" (SGC), SANTOS (1998: 38) diferencia algumas definições fundamentais:

- **SABER** - é um conjunto de **conhecimentos** a respeito de um determinado tema utilizado para a resolução de problemas no sistema.
- **CONHECIMENTO** - é a **informação** que, devidamente tratada, muda o comportamento do sistema.
- **INFORMAÇÃO** - é um conjunto de **dados** com um determinado significado para o sistema.
- **DADO** - é um **registro** a respeito de um determinado evento (sinal) para o sistema.

Apenas dados (sinais) não fazem uma aula nem são conhecimentos. Muitos passam despercebidos. Muitos nem serão captados. Daí a importância do "feedback". Um conjunto de dados que contenha um determinado significado para o sistema pode aí se transformar numa informação.

A cor verde é uma das cores do arco-íris. É bonita, causa uma certa sensação de tranquilidade, há vários tons de verde, lembra as matas, as florestas. Mas, em si, **o verde** é simplesmente uma cor. Um **dado**.

Se lhe agregarmos algum valor, esse dado se transformará em **informação**: a cor verde num semáforo significa que o sinal está aberto, o caminho está livre, pode-se passar.

52

A água (um dado) em ebulição (outro dado) é o sinal de que já atingiu 100° (informação) e está fervendo (informação). Isso ainda não é conhecimento. Para a informação se transformar em conhecimento é preciso que ela seja devidamente tratada, burilada, para que chegue a mudar o comportamento do sistema. A criança pode ver a

água dentro da caneca sobre o gás no fogão, pode perceber que, aos poucos, a superfície da água na caneca começa a oscilar, cada vez com mais intensidade, até formar bolhas e sair uma leve fumaça de dentro dela. Ela pode perceber uma série de dados. Mas, se ela não tiver outras informações (a água da caneca está fervendo porque atingiu uma temperatura muito alta e pode machucar e queimar as pessoas), não se pode dizer que adquiriu conhecimento.

O sujeito que atravessa com seu carro sinais de trânsito que não mostram a cor verde, pode ter a informação e dados, mas não adquiriu conhecimento. Segundo K. E. SVEIBY (apud SANTOS, 1999) *"o conhecimento é tácito, é orientado para a ação, é baseado em regras e está em constante mutação"*.

Mas, **conhecimento** é diferente de **saber**. Saber é um conjunto de conhecimentos a respeito de determinado tema utilizado para a resolução de problemas no sistema. O saber exige:

- ⌚ conhecimento explícito, adquirido pela educação formal;
- ⌚ habilidade, conseguida pela prática e treinamento;
- ⌚ experiência, adquirida pela reflexão sobre erros e fracassos anteriores;
- ⌚ rede social, formada pelas relações do indivíduo com outros seres;
- ⌚ humanos dentro de um ambiente e uma cultura, transmitidos pela tradição.

Saber não é competência, não é saber fazer, não é saber como fazer. A competência é algo extremamente individual, não pode ser copiada com exatidão, uma vez que cada pessoa desenvolve a sua própria competência, por meio da experimentação, de treinamento, da prática, dos erros e acertos, da reflexão e da descoberta.

"Ser bom em ciência, como ser bom em senso comum, não é saber soluções e respostas já dadas. Estas podem muito bem serem encontradas em livros e receituários" (Rubens Alves).

A aprendizagem fundamentada na memorização de determinadas regras não pode ser validada, uma vez que não permite ao aluno pensar na melhor resposta, pois há uma

53

resposta certa e se ele ousar uma diferente daquela estabelecida pelo sistema, será punido. O que ocorre de fato, não é uma aprendizagem, mas um adestramento, ou, em linguagem mais psicológica, um condicionamento. Chega-se a pensar que em algumas situações educacionais, o aluno é domesticado pelo mestre, que o impede de constituir-se em sua plenitude potencial.

O que caracteriza a aprendizagem, para Piaget, é o movimento de um saber fazer a um fazer, o que não ocorre naturalmente, mas por uma abstração reflexiva, processo pelo qual o indivíduo pensa o processo que executa e constrói algum tipo de teoria que justifique os resultados obtidos. O aprender a aprender ocorre quando se automatiza esse processo de abstração reflexiva, que nos leva a pensar o nosso próprio pensamento, ou, nas palavras de Maturana e Varela, quando observamos, de forma sistemática, nossos próprios estados internos.

4.5 Resistência do professor ao potencial criativo em sala de aula

Todos os indivíduos já trazem, ao nascer, a essência da criatividade dentro de si. Basta lembrar o bebê que, mesmo tão pequeno e indefeso, já se agita incessantemente, em suas descobertas. A ânsia por descobrir o mundo à sua volta o faz ficar inebriado com tudo que vibra, que brilha e que se movimenta: o ruído dos sinos, o esvoaçar da cortina ao vento, o brilho da tela da TV. Tudo ele parece devorar com todos os órgãos dos sentidos. Ele nunca se cansa de sair em busca de tesouros escondidos em gavetas, caixas de papelão, latas de lixo. Essa insaciável curiosidade o impulsiona para a frente, numa busca incessante de novos estímulos.

Porém, o mundo e as pessoas que o rodeiam vão lhe tirando o estímulo até mesmo através de punições e sua fome pelo "novo" começa, aos poucos, a declinar sensivelmente. Ao chegar à escola, a criança que já traz de casa um código de regras e normas de comportamento bastante rígidos, sente-se nesse novo ambiente, ainda mais pressionada e inibida a quaisquer manifestações de espontaneidade.

O ensino, por suas características, raramente canaliza a curiosidade da criança para explorar, para questionar, levantar hipóteses, duvidar ou para refletir. Como não há um esforço sistemático para o treino de habilidades criativas e do pensamento crítico, os

54

professores costumam se queixar de que seus alunos não sabem pensar, que preferem aulas onde tenham apenas que memorizar ensinamentos para repetir nas provas.

Os alunos, por sua vez, alegam ter dificuldades em definir problemas e argumentar com clareza, em expor seus pensamentos, em dar sua opinião em trabalhos de grupo, preferindo engolir tudo o que o professor fala à frente da classe a interrompê-lo em contra-argumentações ou em apenas pedir mais explicações. Isso tudo é reflexo dos

valores dominantes em nossa escola, em que o traço dominante é a **reprodução do conhecimento e a memorização de fatos e conceitos**.

Na escola, raros são os momentos em que o aluno é treinado a pensar de forma crítica e criativa ou a ter soluções para um problema novo. É desse tipo de treinamento que os indivíduos precisam para enfrentar um mundo complexo e cheio de desafios.

Entretanto, não é isso que se vê dentro das salas de aula, em que vários fatores tolhem no aluno, a expressão de sua criatividade. Dentre muitas, pode-se citar:

- ⊗ a valorização exagerada da **reprodução**, ao invés da **produção do conhecimento**;
- ⊗ desinteresse em desenvolver no aluno, um **auto-conceito positivo e conscientização de competência escolar**;
- ⊗ descrença no **potencial criador do aluno** e respeito à sua **habilidade de análise, síntese e avaliação**;
- ⊗ a preocupação excessiva com os **prazos** para o **cumprimento dos programas**;
- ⊗ o **comodismo** traduzido por **aulas rotineiras e desinteressantes**;
- ⊗ a **hostilidade e demonstrações autoritárias do professor** diante do **aluno** que **questiona, que pergunta, que critica, que contra-argumenta, que discorda**.

Para facilitar o comportamento criativo do aluno, é interessante que o professor procure também cultivar em si mesmo, as características da pessoa criativa como **originalidade, fluência** (verbal e de idéias), **inventividade, humor, inconformismo, persistência e capacidade de elaboração**. Além disso, é muito importante que o professor esteja sempre preocupado com a **motivação dos alunos em classe** e que

55

consiga **aguçar e manter a curiosidade da turma** pelo que se está tratando em aula, sempre **relacionando os assuntos com o mundo à sua volta** e fazendo com ele perceba que **muitas perguntas e problemas comportam várias respostas** e ainda, conscientizá-lo de que os **erros devem ser aproveitados como experiência nas futuras aprendizagens**.

Por isso tudo é preciso repensar os projetos pedagógicos dos cursos de formação de professor, nos quais **a capacidade de promover a criatividade em sala de aula**

deve ter o mesmo peso que os conhecimentos específicos de cada área, dentro da Pedagogia. Estamos em tempos de transformações e de redefinições de papéis e objetivos.

Apesar disso, ainda se vive em uma sociedade onde se ensina e se vivencia o **controle das emoções**, a noção de que **só pessoas especiais podem privilegiar o direito de fazer coisas diferentes, de inovar, de inventar, mas também, têm de enfrentar o desafio de parecer ridículo ou louco.**

Ainda que a grande preocupação da educação agora seja *"capacitar o indivíduo a assumir responsabilidades sobre seu próprio futuro e adquirir conhecimento básico que viabiliza suas necessidades de reaprender continuamente e com maior rapidez"* (VIANNA, 2000:10) e que todos os envolvidos no processo educacional estejam cientes dessa realidade, porque alguns professores esta é a grande pergunta continuam a dar aulas, a amestrar alunos, a desgenializar indivíduos? Talvez três sejam as razões: **insegurança, medo de se expor e comodismo.**

Todos os indivíduos e, principalmente os professores, os gestores e os empreendedores, precisam estar preparados para os desafios e as mudanças que se atropelam dentro da estrutura da nova sociedade.

Hoje, mais do que nunca, é preciso exercitar a ousadia, a coragem de vencer desafios, o desprendimento de ir além do que é apenas "obrigação" dentro de uma filosofia em que o comodismo não tem lugar. Isso tudo pode traduzir-se com um único termo: criatividade. Atos criativos são atos de coragem.

O criativo inova; desliza por campos desconhecidos; expõe-se a críticas de todos os tipos; precisa vencer desequilíbrios causados pelas idéias conflitantes sobre o valor de uma nova idéia; resiste à oposição ou hostilidades ao apresentar suas sugestões; e, acima de tudo, deve estar preparado para os possíveis fracassos, pois atos criativos também falham. Como se pode ver, a criatividade, mesmo sendo um dom inerente a todo ser humano, parra a florar, exige muito dele.

56

Sair da rotina é algo muito temerário. Não é fácil quebrar a resistência a mudanças, eliminar hábitos inadequados de comportamento e acostumar o indivíduo a lidar com o medo e o desconforto que acompanham qualquer ato que exija mudanças.

Desde muito cedo, os indivíduos são bloqueados pela vida, com frases como: " - Cale a boca! Engula! Não toque! Tire a mão! Não seja ridículo! Não faça papel de bobo! Não pise na grama! Não teime! Obedeça!... Reagir a essas ordens pode significar não ser aceito no grupo o que contribui para desestimular experiências e bloquear ou retardar o crescimento da pessoa.

Desde cedo a criança aprender que tanto na família como na Escola, os comportamentos que levam à exploração, à descoberta e ao crescimento não são valorizados. Pelo contrário, perdem em valor para os que induzem ao conformismo e à passividade. *"Se o Criador teve algo em mente quando nos deu pescoço, certamente foi a intenção de que nós o arriscássemos"* (Arthur Koestler, *estudioso da natureza humana*).

Em casa, os pais têm cada vez menos tempo ou paciência para responder às permanentes perguntas dos filhos. Na escola, o conteúdo das disciplinas do currículo não dá margem ao professor de "perder tempo" com as indicações do aluno, para valorizar as sugestões apresentadas por ele, muito menos de incentivar a imaginação e atos criativos. Assim parece que a curiosidade pelo novo, o interesse por explorações incomoda as outras pessoas, pois dá um certo trabalho e ocupa um bom tempo. Logo, o bom aluno ou bom filho é o que não incomoda com perguntas ou propostas complicadas.

Da mesma forma como alunos de séries iniciais, os de ensino médio e terceiro grau sentem-se inseguros em utilizar toda a sua imaginação para criar. Por outro lado, os professores e numa proporção bem maior evitam fugir do que já está determinado, receosos de sofrerem a influência de determinados bloqueios ou barreiras.

4.6 Barreiras emocionais

Esse tipo de bloqueio é o mais difícil de se detectar e de se romper, uma vez que é interno e que muitas vezes, o próprio indivíduo desconhece que ele está profundamente enraizado no seu íntimo. Algumas barreiras são:

57

A) Apatia

Muitos professores sofrem de apatia docente, ou seja, uma desmotivação natural pelo seu trabalho, uma descrença e uma preguiça mental de fazer coisas novas, de planejar atividades dinâmicas e interessantes, talvez com a idéia de que não valha a pena. Ele prefere continuar do mesmo modo enfadonho e mofado de administrar as aulas, pois de qualquer forma, é muito mais cômodo para ele.

B) Insegurança

Há docentes que temem inovar, sair muito do convencional, com receio de ser traído por alguma pergunta do aluno ou projeto que lhe possa trazer dúvidas ou que possa ficar evidente que ele não domina com perfeição sua disciplina.

Convém destacar aqui que, o fato do professor não saber responder a alguma pergunta do aluno ou não conseguir solucionar alguma dúvida, não quer dizer que ele seja incompetente. O professor não tem obrigação de saber todas as respostas, ele tem o dever de pesquisar e trazê-las na aula seguinte. Mas a idéia de não ter a resposta certa lhe traz insegurança e ele prefere não arriscar sua segurança como docente.

C) Medo de parecer ridículo

Aulas criativas exigem dinamismo, incentivo, maior movimentação física (de alunos e professor) e principalmente esforço mental. Esse tipo de aula precisa de docentes ágeis, "jovens" e atualizados. Muitas vezes, é preciso "dramatizar", abandonar os antigos estilos passivos de aula com os quais estão acostumados.

Essa nova postura, de uma hora para outra, por parte do professor, depois de tanto tempo no antigo modo, e precisando tomar atitudes ou trabalhar num processo totalmente novo para ele, pode fazê-lo sentir-se meio ridículo, não só perante os alunos como também perante os colegas. Ele fica receoso de sofrer críticas ou ser alvo de deboches, o que irá desencorajá-lo a tentar qualquer nova idéia.

58

D) O medo do fracasso

É claro que a idéia de fracasso assusta a todos, em todos os setores, mas, se não se tentar, aí então se fracassará fatalmente. O fracasso faz parte do processo e deve ser entendido como aprendizagem para que não se repita mais uma vez.

Desde que não se dê muita importância à possibilidade de uma idéia ou projeto, fracassar, mesmo tendo-se feito todo o empenho para o sucesso, diminui sensivelmente o medo.

E) Auto-conceito negativo

A baixa auto-estima leva o indivíduo a vivenciar termos negativos, não se valorizando, sentindo-se incompetente e incapaz, o que é reforçado pelo próprio meio em que ele vive.

F) Desconhecimento de si próprio

Refere-se ao não conhecimento que a pessoa tem de suas próprias habilidades e potencialidades, reforçado pelo baixo conceito que tem de si mesmo, achando-se sempre "...incapaz de..." , "... não ter jeito ou habilidade para ...". Tal conceito sobre si mesmo o desanima a seguir, a fazer qualquer tentativa ou sugerir alguma mudança. O pior é que, em todas essas afirmações, a maioria das pessoas fala por puro preconceito, por pura imaginação, sem ter a menor fundamentação.

4.7 Barreiras culturais

As pressões culturais advém do meio em que o indivíduo vive. Por exemplo, trabalhar a imaginação, estimular a intuição e o sentimento e treinar a reflexão, são, em alguns pontos, considerados como perda de tempo. Eis algumas barreiras culturais:

59

A) Respeito às normas

Não agrada à sociedade, indivíduos que divergem das normas estabelecidas. Eles não são bem aceitos em seu grupo social. Como diz ALENCAR (1999: 50): "*Todo o processo da socialização é no sentido de uniformidade de comportamento e de expressão e de desencorajar a diversidade e originalidade*". Claro que a sociedade prefere cultivar a obediência às normas, pois assim, não se vê ameaçada pela perspectiva de mudança, de divergências e de questionamentos.

B) Obrigatoriedade em não falhar

A sociedade dá tal relevância à busca da segurança que desestimula qualquer tentativa de se realizarem atividades em que se possam correr riscos de perdas ou fracassos. Nesse caso, muitos indivíduos preferem continuar em situações que não o agradam, mas que representam segurança, a ter de enfrentar um campo desconhecido em que as chances de sucesso não estão asseguradas.

C) Medo da rejeição

Segundo a pirâmide de Abraham Maslow, vista no início deste trabalho e que representa as necessidades básicas do ser humano, em sua terceira escala, está a necessidade social, que predispõe as pessoas a se sentirem bem dentro de um grupo e, principalmente, a serem aceitas dentro dele, ao ponto de, às custas de sua individualidade, passarem a agir e a pensar de acordo com as normas desse grupo. Muitas vezes, no grupo, o indivíduo deixa de demonstrar algum comportamento inovador ou original, com receio de receber críticas ou sanções do grupo.

D) Expectativas para cada sexo

Dentro de cada sociedade existem papéis distintos para cada um dos sexos. Em nossa sociedade, no que se refere às grandes realizações, espera-se menos das mulheres do que dos homens. Reza ainda a sociedade, que as mulheres devem ser mais dóceis e

60

submissas, ao passo que aos homens, cabe a produção, a iniciativa, coragem e independência. Certos traços de personalidade ou certas profissões são associados mais apropriadamente para um ou outro sexo. Como afirma ALENCAR (1999:52): *"Esta divisão tende a limitar o comportamento exploratório e a bloquear o desenvolvimento de determinadas direções. Uma ênfase exagerada na diferenciação dos papéis sexuais limita, pois, certas áreas de experiência e de pensamento, reduzindo a possibilidade de crescimento do sujeito e o uso de seu potencial"*.

Quanto às barreiras, a resistência do professor à criatividade em sala de aula é tão maior quanto menor for a sua coragem para criar. Para isso, ele precisa não só de força intrínseca para a auto-realização; há as pressões externas da sociedade que nem sempre possibilitam à pessoa a liberdade de escolha e de ação, o que dificulta a exploração de idéias inovadoras, dentro do potencial criador de cada indivíduo.

ROLLO MAY (apud ALLENCAR, 1999:52), fala que *"de fato, vivemos em uma sociedade por vezes tão castradora, tão repressora, que é preciso com frequência, coragem para expor as próprias idéias e para ousar novas propostas"*.

4.8 Barreiras do desenvolvimento da criatividade na escola

A) Visão tradicional do ensino

Apesar de todos os esforços dispensados para se reformularem currículos, aperfeiçoarem projetos pedagógicos, incluir recursos auxiliares modernos nos planejamentos, equiparem escolas com laboratórios de informática, em muitas instituições o ensino continua tradicionalmente sendo feito apenas por meio da informação oral do professor em suas aulas expositivas, auxiliadas, em algumas vezes, por anotações no quadro de giz ou por leituras do livro-texto. Entretanto, tanto a exposição do professor como os textos são apenas informativos e raramente levam o aluno a pensar, a refletir ou a raciocinar. A memorização impera sobre a reflexão e a compreensão na construção do conhecimento.

61

B) Ênfase à memorização

O fato do sistema educacional em grande parte basear a cobrança do conhecimento na memorização do aluno, aos poucos, o vai habituando a responder somente o que lhe foi passado anteriormente. Ele fica com a noção de que só há uma resposta certa para cada pergunta e nem se detém para pensar na possibilidade de outra alternativa. É a síndrome da resposta certa. OECH (1999:32) dá um exemplo bem interessante sobre esse assunto, abaixo descrito:

- **APRENDENDO A PENSAR:**

Exercício: Há cinco figuras abaixo. Selecione a que for diferente de todas as outras.

a)



b)



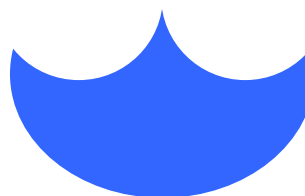
c)



d)



e)



Como se aprende a pensar? Uma fonte importante são os estudos formais na escola. Por meio da educação, aprende-se o que é adequado e o que não é. Aprende-se muitas das perguntas que usadas para sondar seu ambiente. Aprende-se onde buscar

62

informação, a que tipo de idéias prestar atenção e como pensar sobre elas. Em suma, seu treinamento educacional fornece muitos dos conceitos que usados para ordenar e compreender o mundo.

E por falar em educação, como foi que você se saiu no exercício das cinco figuras da página anterior? Se apontou a figura B, parabéns, você escolheu a resposta certa. A figura B é a única que só tem linhas retas. Cumprimente-se com uma palmadinha nas costas.

Pode ser, porém, que você tenha escolhido a figura C, por ser a única assimétrica. Se for isso, também está certo. C é a resposta certa. A figura A também é defensável, pois é a única sem pontos de ruptura. Portanto, A é a resposta certa. E que tal a D? Só ela tem uma linha curva e uma linha reta. Portanto, D também é a resposta certa. E a figura E? Entre outras coisas, ela é a única que parece a projeção de um triângulo não-euclidiano sobre o espaço euclidiano. Também é a resposta certa. Em outras palavras, todas são certas, dependendo do ponto de vista.

Quase todo o nosso sistema educacional, porém, objetiva ensinar às pessoas uma única resposta certa. Na época em que a média das pessoas termina a faculdade, o rapaz ou a moça terá feito mais de 2.600 testes, exames e provas muito semelhantes ao exercício que você acabou de fazer. É dessa maneira que a abordagem da resposta certa fica profundamente enraizada em nossa maneira de pensar. Isso poder ser ótimo em alguns problemas de matemática, que realmente só têm uma resposta certa. O problema é que a vida geralmente não é assim. A vida é ambígua. Nela, existem muitas respostas certas , e todas dependem do que está-se procurando. Mas, se pensar que só existe uma resposta correta, é óbvio que a pessoa vai parar de procurar outras e, portanto, só vai encontrar uma. *"Nada é mais perigoso do que uma idéia quando ela é a única que você tem "* (Anônimo, citado por Oech).

C) A visão deturpada de disciplina

Sala disciplinada é confundida com sala onde estão alunos silenciosos. Há uma noção geral de que sala disciplinada é aquela em que os alunos permanecem quietos e calados, ouvindo o professor com aparente atenção. Os alunos apenas ouvem, não questionam , não criticam nem sugerem novas abordagens. O silêncio é tal que se pode ouvir o ruído das moscas voando.

63

Ledo engano. Esse tipo de classe não significa que seja realmente uma classe disciplinada. Os alunos podem estar sonolentos demais para conversar, principalmente durante as aulas do período da noite, e o fato de olharem aparentemente atentos para o professor à frente da classe não significa que estejam necessariamente ouvindo o que ele está dizendo. Pode tratar-se também de uma classe atemorizada pelo mestre e, portanto, sabiamente silenciosa.

A disciplina não combina com silêncio sepulcral. Sala disciplinada é aquela em que existe sempre uma certa ondulação de conversa, de busca de informações, de cenhos franzidos, de questionamentos, etc.

Os alunos procuram trocar idéias, vão em busca de respostas em outros livros ou em consulta a outros professores. No entanto, apesar de parecer que a sala se desorganiza, o professor mantém tudo dentro do mais perfeito ambiente disciplinado.

D) Baixa expectativa do professor com relação ao aluno

O professor, como certos pais, não confiam que seus alunos ou filhos sejam capazes de ser responsáveis, além de terem pouca confiança na grande capacidade que eles têm de proporem novas idéias, de inovar, de sugerir alternativas ou novas soluções. Com essas falsas idéias, os mestres criam rótulos para seus alunos, que, inconscientemente, passam a agir como tal.

De um modo geral, os adultos têm baixas expectativas em relação aos mais novos, tanto em seu potencial criador quanto às habilidades do jovem fazer análise, síntese e avaliação.

4.9 Como usar a criatividade em sala de aula

“A juventude do coração, a energia do espírito e a coragem de recomeçar sempre que necessário, são as armas mais poderosas que um homem pode desenvolver para participar, com dignidade, deste maravilhoso mistério que é a vida ”.

A *juventude do coração*, a *energia do espírito* e a *coragem* parecem ser excelentes ingredientes para a criatividade do professor. O professor que é "jovem de

64

coração", estará sempre muito mais próximo de seus alunos, saberá falar a linguagem deles, procurará ver o mundo pelos olhos dos jovens, tentará entender suas angústias e incertezas e seus medos, e dentro dessa empatia, conseguirá orientá-los, incentivá-los e liderá-los. A "energia do espírito" lhe dará força e ânimo diante das incertezas da vida, dos perigos eminentes, das violências do mundo atual e saberá passar isso para seus alunos. A "coragem" de enfrentar desafios, de ignorar críticas desdenhosas ao defender as suas idéias, levará à coragem de vencer. Só assim se consegue chegar, com dignidade, a desvendar o grande e "maravilhoso mistério, que é a vida". Que não é fácil, já se sabe; mas, por outro lado, sabe-se também que não é impossível.

"O sucesso na vida não depende de receber boas cartas, mas de jogar bem com cartas ruins" (Warren G. Lester). Diante disso, aqui vão algumas recomendações aos professores, mas que podem servir para qualquer pessoa, no seu cotidiano, em outras situações do dia a dia.

4.9.1 Ninguém dá aulas para ninguém

Pode-se dar parabéns a alguém pelo sucesso alcançado em determinada tarefa ou pela comemoração de algum evento, ou então, pode-se dar prêmios, castigos, pêsames, congratulações, presentes, bombons ou flores. Menos aula. Pode ser que seja uma simples forma de expressão, um jogo de palavras. Mas, muitas vezes, é a expressão da verdade. Aulas, como conhecimento, não se dão, não se impõem. São construídas.

4.9.2 Deixe os alunos "matarem" a charada

O professor deve evitar começar a aula com a famosa frase: " - Hoje , vamos dar uma aula sobre..." Ele simplesmente comete um assassinato: mata a aula. É quase a mesma coisa que contar a piada, começando pela risada final. Ou então, recomendar um filme de suspense e revelar quem é o assassino. Abraham Maslow, ao falar sobre as

65

"necessidades básicas do ser humano", destaca a força e a importância de se explorar o suspense e seu efeito na platéia. Portanto, professor , inverta a ordem das coisas.!

Certa vez, nos tempos de faculdade, um professor de Língua Portuguesa, ao começar sua aula, sem qualquer explicação , escreveu no quadro de giz, sem fazer qualquer comentário, a frase : **"O MOSCA ESTRAFEGOU AS PODERES"**. Em seguida, preocupou-se com a frequência dos alunos, que permaneciam abobalhados, cenho franzido, boca aberta , sem entender nem decifrar o que estava escrito. O professor então "perdeu" boa parte da aula desafiando a platéia a descobrir o que queria dizer a frase, escrita em bom e claro português, apesar da dúvida de toda a classe.

Ele incentivava as respostas, duvidava de algumas, fazia parecer mais um jogo com charadas e só depois de um bom tempo é que, pouco a pouco, com a ajuda de dicionários que os alunos foram buscar na biblioteca é que eles conseguiram "traduzi-la". Na realidade, os termos significavam:

- **MOSCO** - (moscho) s.m. - Indivíduo dos Moscos, antigo povo oriental entre o Cáspio e o mar Negro; adjetivo relativo a esse povo (Flex.: mosco, moscos, moscas).
- **ESTRAFEGAR** - v.t. - Estraçalhar, estraçoar, fazer em pedaços; espedaçar; (pop.) estorcegar; p. espedaçar-se (pres. ind.: estrafego etc.)
- **PODERE** - s.f. - Longa túnica sacerdotal, entre os antigos, a qual descia até os pés; espécie de hábito talar. Pl. poderes. Compare poderes, do verbo poder e pl. do s.m. (poder, e puderes do v. poder).

Logo, a frase enigmática queria dizer que um indivíduo do povo mosco havia estraçalhado longas túnicas. Só então, com todas as fisionomias já aliviadas é que o professor deu início à sua aula, explicando a diferença entre significante e significado das palavras. Aí, lembrou-se de uma série de exemplos do cotidiano do aluno (como o caso de alguém, em dificuldades, gritar : "Socorro!" para alguém que não fale nossa língua, o grito por socorro, que é significante, não vai ter significado algum). Mas aí, nesse momento, todos os alunos estavam preparados e ávidos para ouvir o que ele tinha a dizer.

66

4.9.3 O aluno não deve receber nada "pronto"

O professor deve evitar "levar" para suas aulas, conceitos prontos, já terminados e determinados como verdades incontestáveis. Se a pessoa não participa da construção do conceito, como pode aceitá-lo, engoli-lo sem indigestão? Só se for para agradar ao mestre (ou também por comodismo: "Para quê interrompê-lo com dúvidas?

Todos sabem o quão encantador é acompanhar a preparação de um prato japonês, num quase ritual artístico: as finas fatias de filé de linguado são delicadamente entremeadas com as de salmão, delimitadas por lascas ornamentais de limão. Tudo é carinhosamente deitado sobre fios translúcidos de nabo e contornado por "sushis" coloridos, recheados com "uassabi", uma raiz forte. Percebe-se toda uma preocupação em se combinar cores, tom sobre tom. O acabamento é feito com potes ornamentais minúsculos de molho de soja, que vão incrementar ainda mais o sabor do prato. O prato, deliciosamente colorido e aromático, está pronto. Por último, o "ohashi" e saquê, um vinho de arroz , servido tanto gelado como quente. Tudo artisticamente ajeitado. Como se

fosse uma obra de arte. Se é saboroso, é outra conversa. Mas, a participação na construção do prato, é relevante.

No trabalho docente, resguardadas as proporções, as coisas funcionam mais ou menos assim. Se o aluno participar da construção do conceito, se ajudar a juntar as partes, terminará convicto e jamais esquecerá o que aprendeu.

4.9.4 Professor poliglota

Sabe-se muito bem que as pessoas podem ser: **visuais** (as que possuem maior facilidade para se comunicar através de imagens); **auditivas** (facilidade na audição); e **cinestésicas** (comunicam-se por meio da movimentação do corpo). É raro existir uma pessoa que seja exclusivamente um desses três tipos. O mais comum é o tipo visual-cinestésico e o menos encontrado é o auditivo puro (pessoas ligadas à música, na sua maioria). Quando se diz a forma como os três tipos se comunicam melhor, quer-se dizer que não só usam dessa peculiaridade para falar, como para aprender. Logo, em suas aulas, o professor deve ser um poliglota, isto é, usar as três linguagens em classe.

67

Os auditivos se dão bem com as aulas expositivas. Chegam a guardar dados e informações apenas ouvindo o professor falar. Já os visuais têm dificuldade em captar ou entender o que vier por meio da audição. O professor necessita acrescentar ao seu discurso, palavras-chave escritas ou apresentá-las através de projeções via retroprojektor ou outras formas. O visual precisa **ver** a fala do professor. Já os cinestésicos precisam de mais. Não lhes basta ver a fala escrita. Eles necessitam escrever também, acrescentar mais um dado qualquer ou rabiscar alguma coisa à margem do livro.

Logo, cabe ao professor preocupar-se em atender a esses três tipos, mesmo sem saber onde estão sentados os visuais, os auditivos e os cinestésicos. Portanto, o professor precisa:

- ♦ falar numa linguagem clara, objetiva, num tom de voz que possa ser ouvido por toda a classe, com boa modulação de voz, evitando agudos estridulações que lembram o som das arapongas e policiando-se com as repetições desnecessárias de palavras, como "não é ?" ou sabe?...", que certamente desviarão a atenção dos alunos do tema que está sendo tratado em aula.

Enquanto falar, deve projetar ou escrever no quadro de giz, as palavras-chave do tema a ser explicado. Poucas palavras, numa letra legível, obedecendo a uma certa ordem, para dar chance aos cinestésicos que têm compulsão por escrever mais um pouco, de acrescentar detalhes e explicações.

Além disso, recomenda-se também ao professor:

- ♦ procurar desenvolver os temas da disciplina de uma forma estimulante e divertida, pois isso irá contribuir para que se forme um clima de motivação em sala de aula;
- ♦ desenvolver sua competência interpessoal, usando humor, simpatia, entusiasmo, alegria e otimismo em busca de um bom relacionamento com os alunos, ajudando na formação de um clima harmonioso em classe. Isso vale não só para a sala de aula, mas para todos os momentos da vida. Com alto astral, talvez as pessoas não resolvam todos os seus problemas mas pelo menos a maioria deles. Ninguém gosta de conversar ou de conviver com pessoas lamurientas, pessimistas, paradas, medrosas, que vivem de mau

68

humor. Essas são características que o docente não pode deixar entrar com ele, em sala de aula. Dessa forma, toda a vez que o professor entrar na classe, os alunos sabem já de antemão que irão passar um tempo divertido, que terão tarefas agradáveis, dinâmicas e alegres fazendo com que o tempo voe. Algumas vezes, os alunos se espantam que a aula já tenha terminado;

- ♦ os problemas que surgirem na sua disciplina quaisquer que sejam deve ser transformados em obstáculos (transponíveis), sob a forma de desafios; nada mais animador do que ir em busca da resposta, de uma forma desafiadora;
- ♦ ouvir com atenção e respeito, toda e qualquer participação do aluno e mesmo que ela não tenha muito valor, o professor deve se empenhar em tirar as dúvidas, em orientar mais uma vez, sempre com boa vontade.

Todas essas recomendações parecem terem sido copiadas de algum livro de Metodologia de Ensino para 1º Grau. Será que o universitário aceitará bem esse tipo de aula e será que o professor não sentirá que a sua missão tão importante dentro do

magistério superior, ficou diminuída? Talvez ele fique se perguntando se, com todo o seu conhecimento científico, adquirido em tantos cursos de pós-graduação, não vai se sentir menos importante e menos valorizado frente à sua classe?

Para todas essas perguntas a resposta é **não**. Isso porque dentro daquele aluno universitário aliás, em todas as pessoas, não importa a idade ainda vive aquela criança que ele foi um dia. Basta um toque que ela desperta. É impossível negar a presença dessa criança que ainda mora no interior de todas as pessoas. Logo, discorrer sobre temas científicos de uma forma agradável, amena, alegre e divertida, não depõe, de forma alguma, contra o professor nem diminui em importância, o assunto estudado. Pelo contrário, cria um vínculo maior entre professor e aluno, e o que é mais importante, fortalece a confiança que este possa ter naquele.

Além disso, o professor precisa conhecer profundamente a disciplina que leciona, para transparecer segurança, firmeza e passar essa impressão aos alunos. Porém, diante de alguma resposta que ele desconheça, é perfeitamente válido que confesse naturalmente desconhecer ou conhecer mal o assunto, prometendo inteirar-se melhor dele para poder responder ao aluno na aula seguinte.

69

Plagiando o poeta maior, Vinícius de Moraes, ... que me perdoem os antipáticos, mas simpatia é fundamental. Nada como um sorriso para abrir portas com a maior facilidade. Todos sabem disso e que se deve sorrir até por economia de gasto com músculos do rosto; mas há pessoas que não aprenderam ainda a sorrir. Talvez porque a idéia de sorrir para todos possa parecer um pouco de fraqueza ou de humildade. E, no entanto, quanta grandeza há na humildade!

Cabe ao professor auxiliar a compreensão dos alunos pelos assuntos tratados, utilizando toda a sorte de recursos auxiliares como slides, filmes em vídeo, projeções de transparências, consultas à biblioteca, recomendação para assistirem a programas especiais de TV, lerem reportagens interessante relacionadas aos temas das aulas, visitas a locais que interessem à disciplina, discussões em grupo, debates em júri simulado sobre algum tema ou personagem histórico, estudos de caso, dramatizações, psicodramas e outras tantas formas.

Ao final de cada aula ou de cada unidade, vale então, como conclusão do assunto estudado, uma rápida aula expositiva, dando ênfase às palavras-chave, aos termos mais importantes e aos conceitos ou trechos que devem receber destaque.

O professor precisa estar sempre atento em tudo que à sua volta possa servir de material para suas aulas, desde um artigo lido em alguma revista enquanto espera a hora

no dentista, até filmes que estarão em cartaz e que poderão servir de motivo de discussões e debates em classe.

É importante que o professor não tema fugir do convencional. Afinal, as normas e regras existem para serem seguidas, **mas de uma forma flexível**. Segundo OECH (1999: 63): "*o pensamento criativo não é só construtivo. Pode ser destrutivo também. Frequentemente, é preciso quebrar um padrão para descobrir outro. Portanto, seja receptivo à mudança e flexível diante das normas*".

Desde os primeiros anos a escola vem impondo regras e normas que nunca chegam a ser questionadas. Há quase que uma determinação para que elas sejam obedecidas, sem contestações: todo céu deve ser pintado de azul, toda grama de verde, o sol, de amarelo. Os desenhos precisam ter contorno e depois não se pode pintar fora dele. Mas, recomenda-se que o desenho seja feito com muita criatividade.

Cabe ao professor analisar as normas pré estabelecidas, com bom senso, contestando as que achar que devem ser contestadas e até mudadas. Para isso, é preciso libertar-se do hábito de nunca quebrar normas. Se Copérnico não tivesse quebrado a regra

70

de que a Terra se encontra no centro do universo ou Colombo, de que a terra é redonda, continuaríamos acreditando nas mesmas coisas erradas, mas tidas como certas. "***Todo ato de criação é, antes de tudo, um ato de destruição***" (Picasso).

O professor precisa encorajar seus alunos a refletirem sobre assuntos que gostariam que fossem tratados em sala de aula, ou que poderiam servir de temas para futuras pesquisas e explorações. É preciso que se vá além das limitações do livro-texto, do contexto, da matéria da disciplina e do currículo, utilizando sempre recursos criativos, desde que com isso, esteja contribuindo para que a classe vença as dificuldades encontradas.

Cabe ao professor incentivar seus alunos a desenvolverem a sua imaginação, tentarem criar idéias imaginativas, soluções criativas para determinado problema ou tema proposto ou surgido em classe. Sempre que possível, não deixar passar a oportunidade de incentivar a aplicação de princípios para gerar novas idéias. Por exemplo, levar os alunos a pensarem em outros usos para determinados objetos, procurando sempre adaptar, modificar, substituir, combinar ou mesclar.

4.10 Competência interpessoal

Para se vencer na vida dizem alguns precisamos apenas de duas coisas muito importantes: ter a sorte de nascer de pais ricos ou então, de casar com mulher rica. É claro que se trata de uma brincadeira. O "vencer na vida" depende de uma série de fatores intrínsecos e extrínsecos, e o fato de se ser rico não significa necessariamente ser um vencedor. Em muitos casos, uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Na realidade, o mundo não é dos que cultuam riquezas e sim, dos ousados, dos corajosos, dos destemidos, dos que não temem se aventurar e estar abertos a novos interesses, mesmo que para isso, precisem quebrar normas e tabus.

No início do capítulo, foi fartamente abordado o tema "criatividade" que já provou, sem sombra de dúvidas, ser um componente muito importante para o sucesso do indivíduo, não só nas suas relações de trabalho ou em situações de competitividade como também, nos relacionamentos pessoais do dia a dia.

71

Entretanto, dando suporte à criatividade, há um outro componente também essencial e que tem a mesma força da criatividade, uma vez que auxilia o indivíduo a ter sucesso e facilidade de execução nos projetos de trabalho e de vida.

Sabemos que ser humano é um mecanismo extremamente complexo e em alguns aspectos ou setores, até meio misterioso que, muitas vezes, traduz-se como uma rede intrincada de feixes que se enroscam, deixando sem explicação uma porção de atitudes.

Há ocasiões que nem o próprio ser humano chega a se compreender. Muitas das nossas atitudes nos parecem incompreensíveis e corremos o risco de nem chegar a entendê-las.

Imagine-se então, a dificuldade de se tentar entender e manter um bom relacionamento com outros indivíduos, com os mesmos anseios e expectativas, dentro de um único espaço limitado, durante um prazo razoável de tempo,

Como conviver bem com "o outro" ? Como entender o outro e se fazer entender também ? Por que será que os outros não vêem as mesmas coisas que a gente vê, se a realidade é uma só? Por que é tão difícil trabalhar, sem misturar os problemas pessoais? Por que os outros interpretam de forma diferente o que se diz ou se pensa? Por que é tão difícil a convivência humana e os problemas advindos dela são tão complexos?

Pode-se arriscar um palpite: as pessoas convivem e trabalham com pessoas e agem exatamente como **pessoas**, ou seja, reagem às opiniões contrárias às suas, causam simpatia ou aversão, amam e odeiam, têm dificuldade de trabalhar os conflitos, as

rivalidades, as competições, os desafetos. Resumindo: **são pessoas perfeitamente normais.**

Tudo isso, ações e reações, interferências, indiferenças voluntárias ou involuntárias, intencionais ou não, sob a forma de comportamentos manifestos ou não-manifestos, verbais e não-verbais, entremeados de pensamentos, opiniões, sentimentos, reações físico-corporais ou mentais, constituem o que se pode chamar de **interação humana**, um processo bastante complexo e que faz parte constante do dia-a-dia dos indivíduos, dentro do intrincado processo de relacionamento interpessoal.

Na vida, tudo é **interação**. Mesmo o mais simples gesto, como um leve mexer de sobrancelhas, o levantar de ombros ou um minuto de completo silêncio e, principalmente, uma atitude de indiferença, traduzem a **interação humana**, pois em si, trazem um forte significado, já que comunicam algo aos outros. O simples fato de se perceber a presença do outro, já é interação.

72

A forma mais freqüente e mais utilizada pelos seres humanos é a que se faz por meio do processo de comunicação, seja verbal ou não-verbal. Pierre Weil e Roland Tompakow, em seu livro "**O CORPO FALA - A Linguagem Silenciosa da Comunicação não-verbal**" (1995), faz uma análise muito interessante sobre a linguagem não-verbal do corpo humano, dizendo que essa comunicação permite que de uma forma fácil, prática e divertida, os indivíduos possam lidar melhor consigo mesmos e com os outros.

As pessoas dizem muito mais coisas por meio de gestos, expressões do rosto, pelo modo como cruzam as pernas ou agitam as mãos do que por meio de palavras. Esse tipo de comunicação, faz parte de uma simbologia e que pode perfeitamente ser desvendada; basta que se observe atentamente a cena, o ambiente, o clima e as pessoas que participam da cena para que se possa "ler" frases perfeitamente claras, sem que ninguém tenha dito nenhuma palavra.

Deve-se ressaltar que é preciso mais do que ver: é preciso observar, perceber, analisar e traduzir a linguagem dos gestos para que se possa fazer a leitura. Assim, os braços cruzados, o movimento do corpo, o balançar de cabeça enquanto se conversa com outra pessoa, o cenho franzido ou os pés inquietos que se mexem continuamente evidenciam perfeitamente o que os indivíduos estão pensando.

Desvendar a linguagem dos sinais e entender a simbologia gestual, facilita a comunicação entre os indivíduos, permitindo-lhes manter um melhor relacionamento interpessoal.

Sabe-se muito bem que o desenvolvimento das relações interpessoais contribui de forma bastante eficaz, para a o aumento da comunicação pessoal, facilita o processo de interação dentro do grupo, proporcionando maior produtividade no trabalho grupal.

Dessa forma, em situações de trabalho, interações ou certos sentimentos, tais como comunicação, simpatia, cooperação, respeito, atração ou amizade podem desencadear uma reação em cadeia, da mesma forma e na mesma intensidade que fortalecem as interações. Do mesmo modo, sentimentos negativos de antipatia, rejeição, ou desprezo, podem provocar uma diminuição das interações, um afastamento, uma diminuição da comunicação o que irá refletir negativamente nas atividades desenvolvidas e ocasionar uma queda de produtividade.

O relacionamento interpessoal entre os indivíduos num grupo se faz por meio do ciclo **atividade - interação - sentimento**, que nada tem a ver com a competência técnica

73

de cada pessoa. Uma excelente competência teórica não significa, necessariamente, um bom desenvolvimento da competência interpessoal.

A competência técnica de uma pessoa pode ser aprimorada com estudos, cursos de capacitação, leituras, treinamentos ou reciclagens. Já a competência interpessoal, exige muito mais.

É muito comum observarem-se profissionais competentes, exímios teóricos em seu campo de ação e que no entanto, podem render muito pouco num trabalho com o grupo, por incapacidade de manter relacionamento interpessoal. Como cita MOSCOVICI (1997: 35):

O relacionamento interpessoal pode tornar-se e manter-se harmonioso e prazeroso, permitindo trabalho cooperativo, em equipe, com integração de esforços, conjugando as energias, conhecimentos e experiências para um produto maior que a soma das partes, ou seja, a tão buscada sinergia. Ou então tender a tornar-se muito tenso conflitivo, levando à desintegração de esforços, à divisão de energias e crescente deterioração do desempenho grupal para um estado de entropia do sistema e final dissolução do grupo. Relações interpessoais e clima de grupo influenciam-se recíproca e circularmente, caracterizando um ambiente agradável e estimulante, ou desagradável e adverso, ou neutro e monótono. Cada modalidade traz satisfação ou insatisfações pessoais e grupais.

O desenvolvimento da competência interpessoal é muito importante para a pessoa, tanto no seu trabalho individual, como principalmente em trabalhos de equipe, em que a liderança e a participação eficaz dependem muito do desenvolvimento interpessoal, não só do líder como de todos os membros do grupo. Só dessa forma é que se pode dizer que o trabalho foi produtor e que se alcançou a famosa e tão almejada **sinergia**.

4.10.1 Competência interpessoal - Onde e como se aprende?

Ninguém põe dúvida sobre a importância da competência técnica para todo e qualquer profissional dentro de cada área específica. Entretanto, somente algumas categorias profissionais, principalmente as relacionadas com vendas, magistério e atendimento ao público têm dado o verdadeiro valor a ela.

Mas afinal de contas, que competência é essa? Segundo MOSCOVICI (1997: 36), "*Competência interpessoal, é a habilidade de lidar eficazmente com relações interpessoais, de lidar com outras pessoas de forma adequada às necessidades de cada uma e às exigências da situação*".

74

Na realidade, a habilidade de se lidar com competência interpessoal, exige três fatores:

- ❖ observação constante e rigorosa para treinar a percepção da situação interpessoal, de suas variáveis relevantes e respectiva inter-relação;
- ❖ capacidade de resolver as situações-problema que venham a surgir, sem se correr o risco de haver regressões;
- ❖ habilidade em encontrar a solução certa, de modo a que as pessoas envolvidas continuem convivendo tão bem como quando começaram a resolver seus problemas.

Pode-se observar que o desenvolvimento da competência interpessoal depende, sobremaneira, da **percepção** e da **habilidade propriamente dita**.

Com relação ao treinamento da percepção, ele se dá por meio de um longo processo de crescimento pessoal, em que se exige autopercepção, auto-aceitação e autoconscientização, além de coragem e disponibilidade psicológica para aprender a trabalhar e receber **feedback**. Segundo VELA (1980 : 83),

Fedd-back é um termo ou vocábulo anglo-saxão, introduzido ao linguajar das experiências vivenciais para definir um processo muito importante na vida do grupo. A tradução para o português não é fácil. Foi traduzido por retroalimentação ou retroprovisão, observação interpretativa ou mecanismo de rebote. Usa-se principalmente nos sistemas eletrônicos e também ao tratar de mísseis espaciais, para denotar o mecanismo que regula os foguetes em seu vôo, e por sua vez envia informação ao míssil para que este siga sua marcha ou para que corrija mesma se estiver desviando-se da rota prefixada.

Em dinâmica de grupo, essa palavra tem sido empregada com diferentes sentidos, tanto em palestras, como em reuniões de grupos ou encontros. É verdade que nem sempre o termo é usado com a clareza e a profundidade que merece e o que tem sido visto algumas vezes, é uma certa rejeição ou antipatia, talvez por falta de esclarecimento de sua função.

Quando aplicado às relações interpessoais, o "feedback" serviria para ajudar outra pessoa ou pessoas de um grupo, a considerarem a possibilidade de mudança da própria conduta. Segundo VELA (1980), consiste em:

75

comunicar informação verbal ou não verbal a outra pessoa ou grupo sobre a maneira como sua conduta nos está afetando. Esta comunicação que oferecemos à pessoa logo que percebemos sua conduta ou reagimos a ela, poderá ser utilizada para entender esta conduta, para dar à pessoa maior consciência da maneira como sua conduta afeta os demais que a rodeiam e para estimular intercâmbios positivos na mesma, em seus sentimentos, atitudes, percepções.

Fazer "feedback", ou seja, informar a outra pessoa ou grupo de pessoas como se está percebendo sua conduta é uma forma de ajuda, pois oferece a oportunidade de indicar quão correta ou erroneamente estamos percebendo a mensagem que nos está sendo passada. Pode-se dizer que se trata de uma espécie de espelho ou prisma, através do qual vemos ou sentimos uma mensagem, indicando, por sua vez, se ela chegou até nós distorcida ou não, de acordo com o tipo do espelho empregado.

Oferecer "feedback" não é uma atividade fácil. Existem alguns critérios que devem ser observados, para que ele seja útil e efetivo. Assim, o "feedback" deve ser :

- **descritivo**, e não avaliativo. Quando apenas se descreve nossa reação ante determinada conduta, dá-se liberdade à pessoa ou grupo, de fazer ou não fazer uso da informação, se for conveniente. Se o "feedback" for dado sob forma avaliativa, a pessoa ou grupo reagirá de forma defensiva;
- **específico** e não geral. Ao se fazer um "feedback", deve ser especificada a situação ou o momento em que o fato foi observado. Evitar uma linguagem generalizada, como se a situação acontecesse sempre;

- **limitar-se ao comportamento que pode ser modificado.** Caso seja indicada alguma limitação sobre a qual a pessoa não tenha controle, o "feedback" será totalmente infrutífero e só conseguirá causar frustração;
- **solicitado e não imposto.** O "feedback" será muito mais produtivo e útil quando a própria pessoa solicita que o observador ofereça a informação;
- **feito na hora certa.** Ele terá muito mais efeito se for ofertado no momento certo, uma vez que oportuniza uma reformulação imediata da situação.

Não é fácil a tarefa de utilizar do "feedback ". A pessoa que dá a informação precisa ter o maior cuidado com a linguagem empregada e, principalmente, com o modo de dizê-la.

76

Em resumo, o *feed-back* *"é uma forma de oferecer ajuda, é um mecanismo corretivo para o indivíduo que deseja aprender quanta afinidade existe entre sua conduta e suas intenções"* (VELA,1980: 85).

De um modo geral, as pessoas mesmo gerentes ou executivos de alto nível têm certa dificuldade em receber "feedback", apesar de não quererem demonstrar essa fraqueza: torna-se difícil para a pessoa que não trabalhou bem essa deficiência, ouvir de "outro" qualquer opinião que lhe vai soar como um defeito seu.

Também não é menos difícil o fato de se dar "feedback", pois exige da pessoa que o faz , uma habilidade muito grande. Muitas vezes, o que pode ser uma crítica construtiva, uma orientação muito válida feita por alguém que está vendo a situação sob outro ângulo, soa como uma irônica e sarcástica censura.

Portanto, é preciso um treinamento especial, como já visto anteriormente, tanto para o processo de se receber como para se dar um "feedback", uma vez que ele evidencia carências importantes a serem trabalhadas e que impedirão o desenvolvimento interpessoal. Aliás, pode-se dizer que esses dois processos conjugados dar e receber "feedback" constituem o ponto crítico da competência interpessoal.

Para se trabalhar com situações interpessoais, também são necessárias algumas outras habilidades, tais com:

- **flexibilidade perceptiva e comportamental** , o que significa ter sensibilidade de enxergar a mesma situação sob vários ângulos e atuar de forma diferenciada, não-rotineira, sempre em busca de condutas alternativas de ação;

- **comportamento espontâneo**, ou seja, conseguir expor livremente idéias e sentimentos, o que nem sempre é possível ou saudável, no mundo "selvagem" dos negócios, pois na luta pela competitividade, "**ganha mais quem sabe mais do outro e menos revela de si...**" Entretanto, esse processo deteriora o ambiente organizacional, criando tensões, desconfianças e até crises mais ou menos sérias e desconfortáveis;
- **capacidade de lidar com conflitos**, o que exige uma difícil habilidade, que raras vezes é intuitiva nas pessoas, mas que pode ser trabalhada por meio de um treinamento especial adequado para isso. Entretanto, é, bom senso,

77

bom senso, espírito crítico, serenidade, capacidade de empatia (aprender a ver com os olhos dos outros), relacionamento próximo, experimentação e persuasão;

- **resistência a estresse**, o que significa poder trabalhar, independente da situação real do dia-a-dia e, principalmente, sem ser afetado pelas pressões, problemas e situações ocasionais com que se tem de conviver.

4.10.2 Aptidões

Para um relacionamento mais eficiente com as outras pessoas, é necessário também o desenvolvimento de algumas aptidões, não menos importantes, quais sejam:

- **saber ouvir:**

Esta é uma das aptidões essenciais para a eficácia do relacionamento humano e uma das mais importantes ferramentas de comunicação, mas que, no entanto, poucas pessoas possuem.

Será que somos capazes de repetir o que as outras pessoas nos dizem? Será que chegamos a ouvir tudo o que nós mesmos dizemos? O certo é que todos ouvem, mas poucos ouvem bem. Geralmente, nós costumamos ouvir os outros mas não os escutamos. Talvez o grande mal do mundo moderno, seja o pequeno número de ouvidos em relação a bocas que desejam desabafar. De outra forma, recomenda-se aos indivíduos que costumam viver desabafando suas mágoas e infortúnios a qualquer pessoa de quem se aproximam, que se limitem apenas às muito amigas, pois, dizem que está cientificamente comprovado que 80% das pessoas que escutam lamurientos queixosos, não estão nem

prestando atenção ao que ouve e os 20% restantes, torcem para que eles fiquem em situação bem pior, porque são desagradáveis e inconvenientes.

Entretanto, **saber ouvir** é uma arte. Não basta apenas escutar a voz de quem fala; é preciso interessar-se pelo que está sendo dito, procurar entender o problema que está sendo ventilado, tentar colocar-se no lugar da pessoa. No entanto, o que geralmente acontece é "filtrar" a mensagem, escutando apenas o que convém.

78

- **saber dialogar**

Deve-se ter muito cuidado ao se querer participar do problema da pessoa. Convém usar de parcimônia, muita discrição, sigilo e respeito pela situação em questão. Do que menos a pessoa precisa nesse momento é de "palpites" ou intervenções inconvenientes. Ela necessita de uma orientação totalmente imparcial para que, por si mesma, encontre a melhor solução para o problema. Portanto, deve-se ter cuidado ao escolher a mensagem adequada, a linguagem e os termos apropriados e, acima de tudo, o modo como a idéia vai ser transmitida e o sentimento que se quer passar para ela.

- **saber avaliar**

Outra tarefa também bastante difícil é fazer a avaliação de uma pessoa. Que aptidão precisa-se ter para **perceber o outro**? Fazer o conceito de uma pessoa também não deixa de ser uma arte. Daí a dificuldade e os cuidados necessários ao se querer avaliar alguém.

Há um ditado popular que diz que "a primeira impressão é a que fica", apesar de nem sempre ser a verdadeira. Isso, porque, segundo MINICUCCI (2000: 39), *"a primeira etapa na percepção de uma pessoa é formar uma impressão acerca da impressão que causa no observador. Por meio dessa impressão, dirigimos nosso comportamento interpessoal. Formamos uma impressão da outra pessoa, observando suas ações, sua voz, seus gestos, seus movimentos expressivos, o que ela diz, como reage a nossos comportamentos"*.

- **saber decifrar códigos**

Muitas vezes, a linguagem não verbal diz muito mais coisas que a nossa boca possa falar. É o que PIERRE WEIL e ROLAND TOMPAKOW (1995) tão bem expressam em seu livro **"O Corpo Fala - A Linguagem Silenciosa da Comunicação**

não-verbal". No comportamento interpessoal, os gestos do corpo formam palavras. Por exemplo: os braços cruzados à altura do tórax, dizem "não" a alguma coisa; os pés "ancorados" nos pés da cadeira onde se senta, dizem " não abdicó da minha posição"; o corpo inclinado para a frente traduz "interesse pelo que o outro está dizendo"; a mão sobre o ombro de outra pessoa demonstra desejo de "proteção ", mãos que "não param", rabiscam, mexem em tudo, denotam tensão, etc.

79

É preciso "saber ler" a linguagem dos sinais, para interpretar e esclarecer o entendimento interpessoal. *"Um gesto pode ser amplo ou curto, lento ou rápido etc. Para nós, os autores, a diferença entre a dança e as atitudes físicas de cada momento de todos nós é apenas isto: a linguagem é a mesma; só que uma se expressa em prosa corrente. A outra é poesia"*.

4.10.3 Uma conversa franca que funciona: dar e receber "feedback"

É muito mais comum do que se possa pensar, a existência de conflitos e mal-entendidos entre as pessoas ou grupos de pessoas. Manter a situação tentando ignorá-la, sem que se tome nenhuma providência é alimentar o conflito que, dia a dia, vai se tornando mais grave.

Muitas vezes, para que se possa resolver um problema de relacionamento interpessoal é necessário que haja um compromisso voluntário e genuíno de ambas as partes, ou, pelo menos, em alguns casos, da parte responsável ou interessada pelo perfeito relacionamento interpessoal. Esse trabalho deve envolver pelo menos três ações:

- identificar o **verdadeiro e real problema**, antes de ser tomada qualquer decisão;
- desfazer quaisquer **desacordos ou mal entendidos** entre as partes;
- arquitetar **um plano de ação** que ajude a alcançar as metas desejadas, **favorecendo aos dois lados**.

Para se resolver um problema de relacionamento interpessoal, podem ser utilizados vários instrumentos, mas um dos que mais efeitos positivos traz é a **reunião**

que precisa ser **planejada cuidadosamente** e exige um **excelente preparo psicológico e emocional da pessoa que vai conduzir a conversa**.

Trata-se de se procurar reunir as partes envolvidas, mas, na maioria dos casos, quando o clima estiver um pouco atritado, é recomendável que participem apenas os representantes dessas partes. Reunir um pequeno grupo de pessoas, num ambiente neutro,

80

passado algum tempo, com uma **pessoa bastante eficiente e treinada** para conduzir os assuntos que vão ser esclarecidos geralmente tem trazido resultados muito bons.

4.10.4 Estrutura da reunião

É necessário que antes da reunião (conversa ou entrevista não dirigida) em que se vai abordar o problema em questão, sejam estabelecidos os seus objetivos, os quais devem ser comunicados às partes que dela participarão.

A pessoa que irá coordenar os trabalhos, deve ter a preocupação de manter **um clima descontraído**, em que todos possam se sentir à vontade. Para isso, antes de mais nada, é recomendável alertar aos participantes da reunião que, para o bom funcionamento dela, é necessário que se pratiquem todas as normas do bom relacionamento e as regras apreendidas pelo texto sobre a necessidade do desenvolvimento da competência interpessoal. Sabe-se que na prática, não é muito fácil usar todas as recomendações apreendidas em teoria. No entanto, os treinamentos desses comportamentos ajudam a controlar uma reunião.

Iniciada a reunião, estabelecem-se as regras fundamentais para o sucesso do trabalho e conduz-se a conversa de uma forma construtiva, na qual o **coordenador terá um papel ativo**, conduzindo a conversa de forma amena para solucionar o problema. Deve-se começar pela avaliação dos comportamentos que precisam ser mudados e, sempre ouvindo as partes, solicitar sugestões para a solução do problema.

É importante dizer que, pela natureza sensível da reunião, devem ser tomados todos os cuidados para evitar quebra de sigilo e privacidade e de não permitir, sob hipótese alguma, que os sentimentos de rancor ou mágoa venham perturbar a clareza da discussão.

Além disso, é difícil a uma pessoa expor suas opiniões e conceitos sobre a outra parte, quando está magoada com ela. Há também a possibilidade de surgirem ataques

descontrolados de ambas as partes, durante a discussão. Daí a necessidade do controle permanente e seguro da pessoa que coordena a reunião, para amainar ressentimentos, desfazer idéias erradas, esclarecer dúvidas, fornecer mais informações etc.

É essencial que durante a conversa, a pessoa que coordenar o trabalho preste muita atenção em tudo o que estiver sendo dito e, principalmente, observe de forma atenta o

81

"feedback" comportamental que as pessoas estiverem passando. Além disso, deve deixar sua mente e escrivadinha limpas e suas mãos livres, para melhor poder se integrar no trabalho. Também deve estar preparado *"para ouvir coisas das quais pode não gostar nem querer, mas que podem ser valiosas"* (WEISS, 1994: 74).

Parece que a **disposição para ouvir** é o ponto crucial na resolução do problema. Atualmente, tem-se muitas bocas para desabafar e poucos ouvidos para ouvir os desabafos. Muitas vezes, a maioria das pessoas peca não porque não ouve, mas porque não sabe como ouvir. Quando se fala em **saber ouvir** não significa aceitar passivamente tudo o que a pessoa fala, sem contestar, o que pode gerar muitas incompreensões negativas. A escuta ativa do coordenador pode facilitar bastante o entendimento do que está sendo discutindo, desde que ele faça uso apropriado de perguntas, "feedback" informativo, comentários e pausas.

O coordenador pode manter o bom clima da reunião, não só com perguntas incentivadoras, como também, utilizando sinais de apoio como um aceno de cabeça, um *"sim, é claro.."* ou um *"estou entendendo..."*

Para facilitar, o coordenador pode utilizar ainda o **"feedback" informativo**, que consiste em usar **paráfrases**, ou seja, colocar as idéias de uma das pessoas, com as suas próprias palavras, verificando se está expressando corretamente o que ela está pensando. Seria mais ou menos dizer à pessoa o que acha que a ouviu falar: *"Se eu entendi bem, você está tentando me provar que..."*

Por meio de paráfrases também pode-se captar emoções ou sentimentos do outro: *"Vejo que você ficou magoado com a observação que eu fiz sobre o seu trabalho..."* Ou ainda, acalmar o fluxo da conversa para verificar o que está ocorrendo: *"Parece que não estamos falando sobre a mesma coisa; precisamos rever alguns pontos..."*

Finalmente, pode-se utilizar um instrumento de escuta, de extrema importância: o **silêncio sugestivo**, que realmente produz um efeito surpreendente. Esse instrumento consiste em criar um deliberado e profundo silêncio (nada tem a ver com o fato de se ficar em silêncio pela falta de palavras), que faz com que a outra pessoa entenda que se

quer que ela diga o que tem a dizer. Entretanto, não se deve usar esse instrumento com muita frequência para que ele não perca o valor do efeito.

Lidar com pessoas exige habilidades e aptidões, principalmente na função de mediador entre as partes, esclarecendo pontos de vista, usando um "feedback" eficaz,

82

principalmente na solução de diferenças e na busca de um plano que funcione para todo mundo.

Essa sistemática não funciona sempre e nem em todos os casos, pois não se pode transformar todo mundo num companheiro propenso a mudanças e nem todos aceitam mudar. Apesar disso, o coordenador da reunião tem a responsabilidade de manter o menor nível de antagonismo e de evitar conflitos, não esquecendo de dar a mesma oportunidade a ambas as partes para exporem seus sentimentos e orientá-las para um fim comum, dando-lhes várias sugestões.

4.10.5 A competência interpessoal na escola

Um dos problemas mais sérios que atinge as classes de nossas escolas é a falta do desenvolvimento da competência interpessoal, que atinge o corpo discente e, principalmente, o docente. Muitas vezes, o fato passa despercebido por ambos, como se fosse apenas falta de manejo de classe, dificuldade de controle da disciplina em sala de aula ou agressividade por parte do professor. No caso dos discentes, o quadro parece demonstrar casos de indisciplina, de descaso pelas aulas, etc.

Na realidade, pode se tratar de falta de desenvolvimento da competência interpessoal, que geralmente é descuidada ou jogada para segundo ou terceiro planos em se tratando de trabalho escolar.

A importância do relacionamento **professor-aluno** na escola é tão grande que não se pode admitir que um professor se permita acreditar na neutralidade de suas relações interpessoais, tanto dentro do ponto de vista ético como racional.

Sobre isso, DI NICOLA (apud RAYS,1999:151) cita que "*... é preciso fazê-lo, se não quisermos ficar aprisionados numa contextualização alienígena, bloqueando nossa percepção autônoma da realidade vivencial*"

O mundo das relações interpessoais, de que tratam a Psicologia Organizacional e a Psicologia Institucional, contém uma velha discussão sobre a questão da aquisição

da competência técnica e da competência interpessoal. É o que Rosani S. Szilagyi chama de **Pedagogia crítica das relações interpessoais** (apud RAYS,1999: 148).

83

Não se trata, de forma alguma, como muito bem o diz MARTINS (1997:53) de *"estabelecer uma competição de vaidades entre as escolas , mas sim em permitir o estudo transparente dos critérios que dão validade ao conhecimento científico"*.

A preocupação dos educadores está em estudar melhor as diferentes propostas e visões dos teóricos da educação, em função do significado didático-pedagógico das relações interpessoais. Dentro desse prisma, é da maior importância a visão *"da relação entre fatores psicológicos, sociológicos, pedagógicos e filosóficos da relação professor e aluno... A percepção vigente é de que o entremesclamento de atitudes, percepções, sentimentos, comportamentos, ou sua ausência, implicam necessariamente em uma Pedagogia crítica de Relações Interpessoais"* (RAYS, 1999: 149).

É incrível como ainda encontramos pessoas, e principalmente educadores, que não vêem a extrema importância do bom relacionamento em sala de aula. Chegam a propagar que "o aluno vem à escola para receber ensinamentos e para isso, não são necessários agrados do professor".

Não se trata de "receber agrados". O bom relacionamento entre professor e aluno pode causar milagres não só no comportamento do aluno como no seu progresso intelectual dentro da classe.

Foram presenciados muitos casos graves de indisciplina em que a única solução foi a aproximação relacional com o professor, que se transmitiu a todo o grupo, quase que por osmose.

Na verdade, o problema da grande maioria dos alunos que apresenta graves problemas de indisciplina, está no sentimento de isolamento emocional, o que provoca um desmoronamento na auto-estima.

Aliás, não se trata de um caso específico de **aluno**. O fenômeno é bem mais comum do que se possa imaginar. Basta lembrar dos casos de baixa-estima encontrados no dia-a-dia, até mesmo em nossa família: aquela tia idosa e viúva, que vive sozinha, cujos filhos já cresceram e se foram com suas novas famílias, sentindo-se só e abandonada, costuma chamar nossa atenção com uma infinidade de queixas sobre hipotéticas doenças e dores, mas que quase sempre são criadas intencionalmente. É essa é

a forma que ela encontra para receber algum carinho e atenção, mesmo que seja pintando um quadro de sofrimento, sob a forma de chantagem emocional.

84

Da mesma forma, o aluno-problema, como a "tia idosa", está desesperadamente gritando por socorro. A fórmula é simples, simples até demais. Basta apenas que se aprenda a decifrá-la.

Geralmente, e é claro que existem exceções, os professores que têm problemas graves de indisciplina em suas aulas, deveria rever com bastante carinho a forma como está se relacionando com os alunos, o modo como tem administrado suas aulas, o seu comportamento em dias de avaliações, enfim, a sua postura ética e pessoal.

Mas não se pode culpar apenas o professor pela situação que se apresenta. Segundo SAVIANI (1983), *"o professor é explorado para explorar: é dominado para dominar. É explorado na sua boa fé. Enquanto pensa que está colaborando com os outros, que está ajudando os seus alunos, tanto mais eficazmente ele está cumprindo a função de dominação"*.

O mesmo SAVIANI defende o professor quando diz que ele **deve** colocar o aluno como centro de todo o processo escolar. Entretanto, uma série de fatores como a precariedade ou ausência de condições materiais, classes muito grandes, salas diminutas para o número de alunos, falta de recursos auxiliares, carga horária pequena para cumprir o extenso programa etc., o deixam impotente para o que se lhe exige: a transmissão dos conteúdos fundamentais aos alunos, dos quais ele deve ter perfeito domínio e manter um bom relacionamento com a classe. Este último fator é o que apresenta maiores dificuldades, pois o professor não é preparado para enfrentar essa situação. Para ele, é extremamente difícil lidar com os relacionamentos pessoais, teme perder sua autoridade perante a classe, fica confuso entre o seu papel de educador e de transmissor de conhecimentos, revolta-se, desanima, busca apoio entre os colegas que também se encontram na mesma situação, vai levando suas aulas de qualquer jeito, adapta-se e, finalmente, se acomoda.

Realmente, ainda em nossos dias, poucos educadores são preparados para o desenvolvimento da competência interpessoal. A grande maioria dos docentes que cuida do relacionamento interpessoal em classe, geralmente faz mais por intuição, por sistemática própria que por terem sido treinados para isso. Infelizmente!

Por que será que ainda em nossos dias, investe-se tanta energia humana tão somente em competência técnica, em detrimento da competência interpessoal?

Alguns professores minimizam a importância de se estabelecer e manter um bom relacionamento humano dentro da sala de aula. Dão um destaque tão grande às

85

capacidades técnicas, que chegam a ignorar e desprezar o relacionamento interpessoal no seu trabalho docente. Justamente por isso, não chegam a entender porque seus alunos não têm nenhum entusiasmo por suas aulas, demonstrando atitudes de desinteresse pelos projetos propostos por ele, além de apresentarem constantemente problemas de indisciplina em classe.

Sem dúvida, está na hora de se deixar um pouco de lado a preocupação em saber coisas que já são por demais sabidas e tentar aprendê-las de uma outra forma, de um modo inteiramente novo e diferente, com muito mais sabor e só assim realmente **aprender**.

É verdade que o professor é tão vítima do sistema educativo quanto o aluno. Ele passa à sua turma, o que lhe foi passado pela estrutura hierárquica, autoritária e rígida do sistema educacional, que o preparou e pelo qual ele se rege.

SNYDERS (1978: 312) foi muito feliz ao se referir a essa situação:

É ambição da nossa pedagogia que os alunos tenham acesso a conteúdos verdadeiros e que, ao mesmo tempo, os interessem e sejam sentidos como um auxílio no seu próprio esforço para viverem e para conhecerem. E, então, o professor há de parecer-lhes também uma instância auxiliadora e não uma potência hostil. Para que os conteúdos proporcionem assim, ao aluno, elucidação, esclarecimento, explicação do que sente, a condição essencial é situarem-se em continuidade com a própria experiência".

Ao se querer dar atualmente um maior destaque à competência interpessoal, não se pretendeu desvalorizar a competência técnica nem colocá-la em dúvida, uma vez que o reconhecimento técnico é inquestionável. Um profissional deve ser competente em sua área específica de atividade.

O que se quer é que a importância do desenvolvimento do relacionamento interpessoal seja reconhecido e valorizado em todas as categorias e setores humanos, mesmo que, como nas palavras de MOSCOVICI (1999: 36) "em proporções diferentes". A questão é se estabelecer qual a proporção adequada para cada competência.

Talvez o aparente descaso pelo desenvolvimento da competência interpessoal se deva ao fato de ser muito mais difícil consegui-lo que o da competência técnica. Enquanto este pode ser feito em escolas, cursos, leituras, cursos de capacitações,

experiências, tele-conferências, cursos à distância, seminários, encontros, congressos, etc., a competência técnica baseia-se em idéias (ideologias), conhecimento, informações e atualizações . Enfim, sua missão é técnico-científica.

86

Além disso, a competência técnica é perfeitamente quantificada. Não deixa nenhuma dúvida, pois sua constatação inegável é feita por meio de títulos, troféus, certificados, declarações de frequência e outros que se mostram e se ostentam a qualquer momento, com muita facilidade e que provam que seus detentores são profissionais que estão aptos a lidarem adequadamente com **coisas**. O reconhecimento desses indivíduos implica basicamente em **status quo** e **salário**.

Já a competência interpessoal, que é a habilidade de se lidar eficazmente com relações interpessoais, de se viver e conviver com outras pessoas de modo adequado às necessidades de cada um e às exigências da situação, necessita de um treinamento específico, muito mais complicado e que exige do indivíduo um esforço bem maior, uma vez que sua missão implica em trabalhar com a questão humana (e não apenas técnico-científica).

Além disso, examina a qualidade e não apenas a quantidade e dificilmente se poderá comprovar o desenvolvimento dessa competência com certificados ou títulos. Apenas o exercício e o desempenho pessoal poderá fazer a comprovação dessa habilidade, que se torna bem mais trabalhosa, em virtude de lidar com pessoas e não apenas com coisas.

Na época atual, a maior preocupação dos educadores responsáveis pelos sistemas educacionais deveria ser a de criar, com a maior seriedade e urgência, novas teorias e comportamentos que valorizem a competência interpessoal, dentro de uma nova Pedagogia.

Os novos tempos exigem professores que saibam lidar adequadamente com **gente** e não apenas com **coisas**, e que tenham capacidade de trabalhar com grupos de forma dinâmica, de ter e de cultivar lideranças entre os alunos, de facilitar a comunicação em sala de aula e que também tenha muita facilidade em se comunicar com as pessoas, que saiba ouvir e entender o que os outros estão querendo transmitir ao falar, em ser hábil em dar "feedback" , em estar muito bem preparado e bem treinado para receber também um "feedback", em cultivar auto-percepção, autocrítica, em olhar os outros e o mundo e ter capacidade de enxergar as coisas sob vários aspectos, em ter facilidade no trato com as pessoas, em ter facilidade de conseguir harmonizar ambientes conturbados, em sugerir possíveis saídas para problemas aparentemente de difíceis soluções.

O ideal, sem dúvida, é que se possa ter professores que desenvolvam ambas as competências e que saibam trabalhar tanto os espaços intelectuais como as culturas afetivas, sem divisões nem fragmentações.

CAPÍTULO VI - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, em Curitiba, possui, neste ano, o seguinte número de alunos e docentes:

<u>ALUNOS</u>			
<u>SÉRIE:</u>	<u>ETAPA VERÃO:</u>	<u>ETAPA INVERNO:</u>	<u>TOTAL:</u>
PRIMEIRA	200	160	360
SEGUNDA	251	145	396
TERCEIRA	255	144	399
<u>TOTAL:</u>	706	449	1.155

PROFESSORES (três séries) : 52 (cinquenta e dois)

PARA A PESQUISA FORAM ANALISADOS:

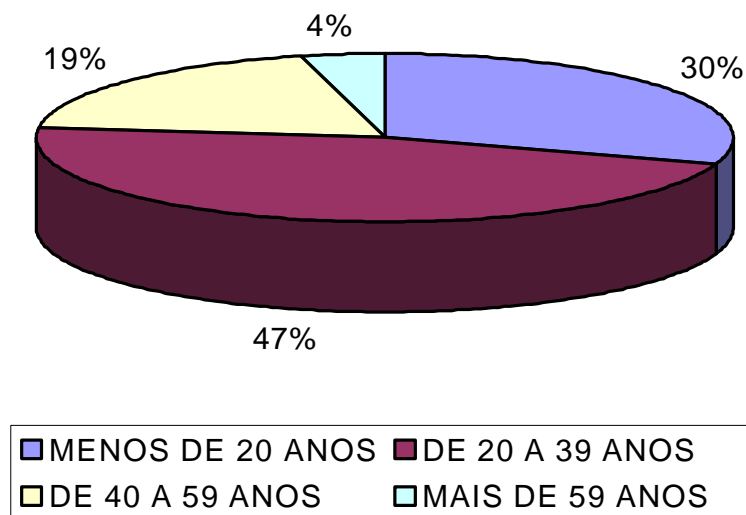
ALUNOS:..... 890

PROFESSORES: 52

VARIÁVEL: FAIXA-ETÁRIA DOS ALUNOS

- A) COM MENOS DE 20 ANOS:..... 30%..... 267
B) ENTRE 20 E 39 ANOS:..... 47%.....418
C) ENTRE 40 E 59 ANOS:..... 19%..... 169
D) MAIS DE 59 ANOS:..... 4%..... 36

VARIÁVEL: FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS



Daqui para a frente, para maior clareza do trabalho, ao se fazer referência às faixas etárias, estaremos utilizando as letras maiúsculas (A, B, C ou D) relacionadas a elas.

Como variável, foi escolhida "faixa etária", em virtude dela ser independente das séries do curso. Além disso, pode-se observar a diferença dos valores do corpo discente,

de acordo com a idade e, conseqüentemente, a evolução e o amadurecimento das respostas sobre o desempenho dos professores em sala de aula.

Com relação às respostas dos professores, foi analisada a visão docente sobre os vários tipos de alunos que se destacam de forma diferente em sala de aula e qual a relação que é feita entre os melhores alunos em classe como estudantes bem como o desempenho deles na vida futura.

ENTREVISTAS

Durante todo o tempo no cargo de coordenadora do curso de Pedagogia, costumamos receber diariamente, professores e alunos ou grupos de alunos que se dirigem à coordenação, sempre com alguma reivindicação, solicitações ou até mesmo para um simples bate-papo informal.

De qualquer forma, como costumamos manter com os alunos e professores um sistema bem liberal de relacionamento, nessas ocasiões geralmente são feitos depoimentos descompromissados, sobre vários assuntos e tipos de problemas que são enfrentados em sala de aula. Algumas vezes a atuação de professores ou de alunos em classe são elogiadas, outras, criticadas, ou ainda solicitam-se desde modificações na carga horária até a troca de carteiras de uma sala para outra. Como uma das funções da coordenação também é a de servir de mediadora entre os alunos e possíveis problemas que possam estar acontecendo ou vir a acontecer na instituição, procura-se ouvi-los sempre, por mais banais que sejam as reivindicações.

Na coordenação é utilizado o seguinte sistema: quando se trata de qualquer reivindicação apenas verbal a não ser em casos comprovadamente graves não se toma nenhuma providência. Aguarda-se que a reclamação ou reivindicação seja formalizada por escrito. Essa medida guarda uma certa coerência: das queixas que chegam à coordenação, muitas delas vêm acompanhadas de grande dose emocional, o que

nem sempre retrata um acontecimento real. Passado algum tempo (de minutos a uma semana, no máximo) tudo volta ao normal, as queixas são esquecidas, algumas delas nem tinham fundamento e a maioria dos casos acaba se resolvendo por si mesmos.

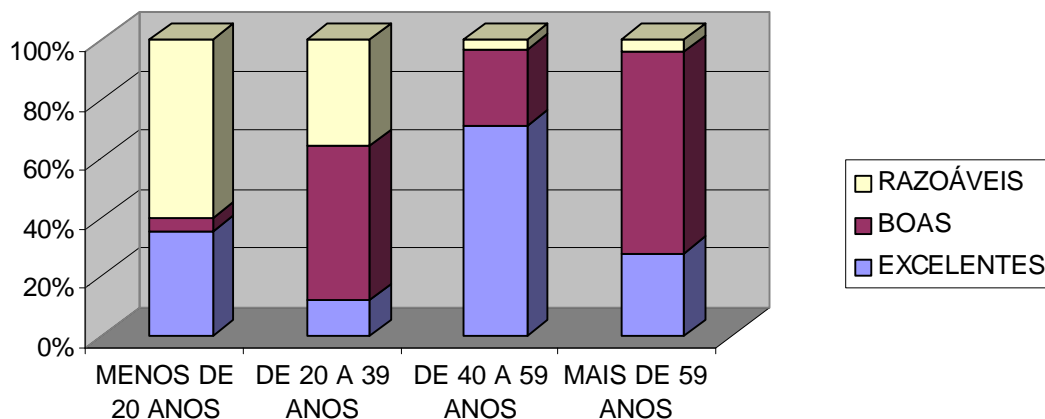
Por isso, a coordenação exige sempre, que quaisquer reivindicações ou reclamações sejam formalizadas por escrito. De qualquer forma, após toda conversa informal, entrevista individual ou em grupo, diretiva ou não-diretiva, que aconteça na coordenação, (algumas vezes até no corredor da faculdade), todos os dados considerados importantes são devidamente anotados para serem, posteriormente, analisados de uma forma geral ou como casos isolados.

Dessas entrevistas, foram anotados muitos dados que serviram, posteriormente, para a montagem de dois questionários aplicados nesta pesquisa, com relação a pontos positivos e negativos na personalidade e comportamento do professor e do aluno, além de alguns comentários com relação ao sistema da instituição.

ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 1
(PARA ALUNOS)

DE UM MODO GERAL, COMO VOCÊ CONCEITUA AS AULAS DE
SEU CURSO?

DE UM MODO GERAL, COMO VOCÊ CONCEITUA AS AULAS DO SEU CURSO?



RESPOSTAS DO GRUPO A (ALUNOS COM MENOS DE 20 ANOS)

EXCELENTES	35%	311
BOAS	5%	4
RAZOÁVEIS	60%	534

O grupo "A" (com menos de 20 anos), nos primeiros anos do curso é geralmente constituído por alunos imaturos com relação ao tipo de aulas em uma faculdade. A maioria acabou de sair de um segundo grau, onde, de certa forma, o estilo de aulas é bem diferente das que ele estará encontrando agora. Pode-se perceber perfeitamente que a maioria deles (60%) conceituou as aulas apenas como "razoáveis". O aluno do primeiro ano de um curso de faculdade, de um modo geral, deve merecer um cuidado especial, uma vez que, até o fim do primeiro semestre, ele apresenta sempre um comportamento de expectativa muito grande com relação à universidade e costuma comparar tudo o que acontece com a sua última escola, seus professores, etc. Parece ser um fenômeno que se costuma chamar, dentro da coordenação de Pedagogia, de "**saudosismo defensivo**": ele procura se defender de todos os problemas que precisa enfrentar, aconchegando-se num passado que ele julga mais acolhedor. Entretanto, esse fenômeno, de uma forma geral, deixa de ser observado no segundo semestre do primeiro ano, pois nessa época, o aluno já está mais ambientado em sua classe, já conseguiu formar o seu grupo, já se sente mais à vontade.

Por outro lado, pode-se observar que 35% dos alunos que estão ingressando na faculdade, consideraram as aulas como "excelentes". Trata-se de uma confirmação das expectativas de alguns alunos, que estão satisfeitos com o curso escolhido, adaptaram-se rapidamente ao grupo e vêm, com bastante otimismo, as suas aulas.

Só um grupo muito pequeno (5%) apresentou uma opinião mais equilibrada, ou seja, conceituando as aulas como boas.

RESPOSTAS DO GRUPO B (DE 20 A 39 ANOS)

EXCELENTES	12%	107
BOAS	52%	463
RAZOÁVEIS	36%	320

No grupo "B" de alunos (faixa etária entre 20 e 39 anos) aparece um outro quadro de respostas: a maioria (52%) classifica as aulas como "boas", em oposição aos que as rotularam como "razoáveis" (36%). Isso pode estar acontecendo porque se trata de alunos um pouco mais velhos (de 20 a 39 anos) ou por estarem no 2º ou 3º ano ou ainda, porque possivelmente já tenham cursado outra faculdade, o que faz com que sua visão sobre as aulas seja outra. Nessa faixa etária, o conceito de "excelente" para as aulas foi mais comedido (apenas 12%).

93

RESPOSTAS DO GRUPO C (DE 40 A 59 ANOS)

EXCELENTES	71%	632
BOAS	26%	231
RAZOÁVEIS	3%	27

Essas respostas são de alunos do grupo "C" (faixa etária de 40 a 59 anos) que, independentemente do ano cursado, em sua maioria (71%), classifica as aulas como "excelentes". Pode-se perceber que os alunos dessa faixa etária, pela própria idade e maturidade ou por estarem nos últimos anos do curso (o que não se pode afirmar, apenas supor), mostram-se menos rigorosos quanto às aulas recebidas. Apenas um grupo bastante

pequeno (3%) apontou a classificação de "razoáveis" para as aulas recebidas. Cabe aqui chamar a atenção para um fato muito comum entre os alunos: no último ano do curso, especialmente no último semestre, quando os alunos costumam fazer festas de confraternizações entre eles próprios e também com os professores, parece que se dá uma aproximação "mágica", que envolve a todos e, de repente, aqueles professores que foram bastante criticados, passam a ser vistos como "camaradas", "legais", "gente fina".

Não raro, nas solenidades de formatura, aqueles professores bastante criticados pelos alunos, nas séries iniciais, serão escolhidos para homenagens especiais.

RESPOSTAS DO GRUPO D (MAIS DE 59 ANOS)

EXCELENTES	28%	249
BOAS	68%	605
RAZOÁVEIS	4%	36

Para o grupo "D", vale as mesmas observações feitas para o grupo "C": observa-se que a maioria dos alunos também classifica como "excelentes" as aulas, seguindo-se os conceitos de "boas" e "razoáveis", com porcentagens semelhantes nos dois grupos ("C" e "D").

Em resumo, pode-se analisar as respostas dos alunos que tiveram a maior porcentagem, separadas pelos quatro grupos de faixas etárias, com relação às aulas do curso, como:

94

A) Razoáveis , mas há ainda muita coisa a melhorar.....	.60%
B) Boas, como o esperado.....	52%
C) Excelentes, acima do esperado.....	71%
D) Boas, como o esperado.....	68%

Pode-se perfeitamente observar que o aluno mais novo é mais exigente e faz críticas mais rigorosas. Várias são as causas dessas respostas:

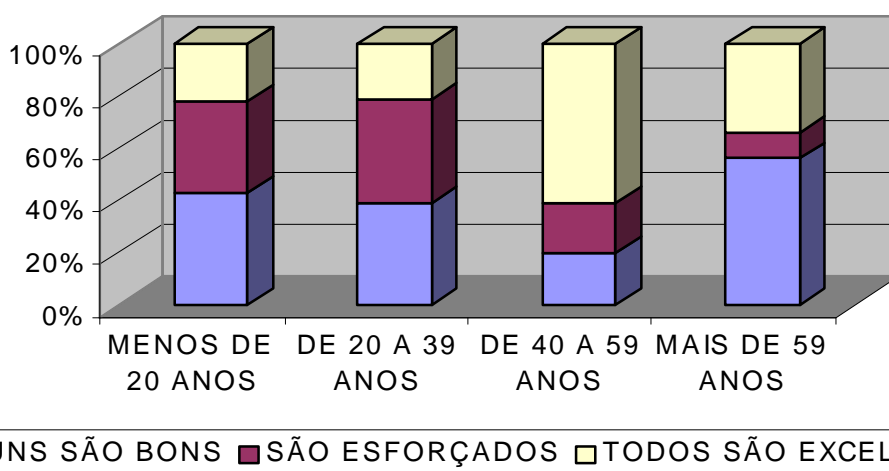
- impulsividade própria da juventude;
- imaturidade;
- falta de raízes na faculdade;
- falta de perfeito conhecimento do curso;
- curso feito por imposição de terceiros;

- grande número de disciplinas teóricas nas primeiras séries;
- dependência emocional com a instituição anterior.

Os alunos das demais faixas etárias foram mais comedidos em suas respostas (com exceção da "C", que deu a classificação "excelente", numa porcentagem de 71%).

**COM RELAÇÃO À ATUAÇÃO DOCENTE DO SEU CURSO, QUAL
O SEU CONCEITO?**

**QUANTO À ATUAÇÃO DOCENTE, QUAL O SEU
CONCEITO?**



95

RESPOSTAS DO GRUPO A (MENOS DE 20 ANOS)

ALGUNS SÃO BONS	43%	383
SÃO ESFORÇADOS	35%	311
TODOS SÃO EXCELENTES	22%	196

Pode-se observar que os alunos mais jovens (grupo "A"), quase sempre cursando os primeiros anos do curso, são sempre os mais exigentes com relação à atuação docente, como aconteceu com as respostas desse grupo na pergunta nº 1. Além disso, pode-se acrescentar como um motivo bastante provável da porcentagem das respostas desse item, outro fenômeno que é percebido com muita frequência na coordenação do curso: trata-se do que costuma-se chamar de **incompatibilidade dos primeiros tempos**. Acontece com

uma frequência espantosa: os professores que recebem severas críticas por parte dos alunos nos primeiros tempos, aos poucos, começam a ser vistos com outros olhos e com algum tempo de aula, já conseguem manter um nível muito bom de relacionamento. Parece que todos precisam de um certo tempo para se conhecerem melhor e mudarem radicalmente de opinião. Esse quadro também pode ser observado a partir da aproximação do término do curso. À medida que se estabelecem encontros informais entre alunos e professores, em reuniões festivas de comemoração de final do curso (ou de ano), os alunos passam a "ver" o professor de uma forma mais descontraída, como gostariam de vê-lo, em sala de aula. É nesses encontros que se pode constatar que o professor que mantém em sala de aula um ambiente muito rígido de disciplina, dificulta bastante essa aproximação. O ambiente descontraído (e não de indisciplina) em classe, facilita de forma surpreendente o relacionamento entre mestres e alunos.

RESPOSTAS DO GRUPO B (DE 20 A 39 ANOS)

ALGUNS SÃO BONS	39%	383
SÃO ESFORÇADOS	40%	356
TODOS SÃO EXCELENTES	21%	187

96

A avaliação das respostas do grupo "A" vale perfeitamente para as deste grupo, pois com pequenas alterações, se equivalem. Pode-se ver perfeitamente que é a menor porcentagem (21%) de alunos que considera os professores todos como excelentes, contra 40% conceituando os professores como "esforçados, apesar de deixarem transparecer falta de domínio do assunto tratado em classe". O grupo "B", apesar de mais maduro, ainda é bastante severo com relação à atuação docente.

RESPOSTAS DO GRUPO C (40 A 59 ANOS)

ALGUNS SÃO BONS	20%	178
SÃO ESFORÇADOS	19%	169
TODOS SÃO EXCELENTES	61%	543

Neste grupo, os alunos (na faixa etária de 40 a 59 anos), por maturidade ou experiências anteriores, ou ainda por já estarem no(s) último(s) anos do curso,

qualificaram os professores como "excelentes", numa porcentagem de 61%, que pode ser considerada significativamente alta. Essa qualificação ficou bastante distante das outras duas (20% e 19%), confirmando o que foi dito anteriormente, com relação à opinião dos alunos estar relacionada com a faixa etária e alguns outros motivos citados.

RESPOSTAS DO GRUPO D (MAIS DE 59 ANOS)

ALGUNS SÃO BONS	56%	498
SÃO ESFORÇADOS	10%	89
TODOS SÃO EXCELENTES	34%	303

No grupo "D", a maior parte dos alunos (56 %) foi mais exigente em relação à atuação didática e à direção dos trabalhos dos professores em classe. Este é um dado que deve sempre ser muito bem cuidado pelos docentes, uma vez que um bom procedimento didático em classe é de suma importância, principalmente no curso de Pedagogia, onde a pesquisa está sendo feita, quando os alunos precisam ver não só em teoria, mas principalmente na prática de seus próprios professores, um bom domínio didático. O que

97

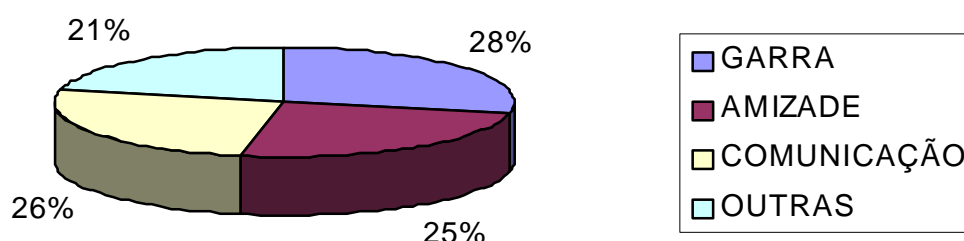
tem sido observado, nos atendimentos da coordenação, é que os alunos são bastante rigorosos quanto à atuação do professor em classe. Têm se queixado de aulas monótonas, sem dinamismo, sem inovações, cansativas e sem incentivo.

ENUMERE AS TRÊS QUALIDADES MAIS IMPORTANTES DE UM BOM PROFESSOR

RESPOSTAS DO GRUPO A (MENOS DE 20 ANOS)

GARRA	28%	249
AMIZADE	25%	222
COMUNICAÇÃO	26%	231
OUTRAS	21%	188

QUALIDADES MAIS IMPORTANTES DE UM BOM PROFESSOR PARA ALUNOS COM MENOS DE 20 ANOS



Parece que para o grupo "A" (menos de 20 anos), são importantes qualidades que evidenciam dinamismo, relacionamento interpessoal em classe, facilidade de comunicação e de transmitir os assuntos e temas de aulas. Além disso, é importante que se observem resquícios do que chamou-se anteriormente de **saudosismo defensivo**, ou seja, traços de lembranças de professores do passado, com os quais criaram, pelo convívio, laços de amizade. Pode-se perfeitamente sentir que esse grupo pede **dinamismo**

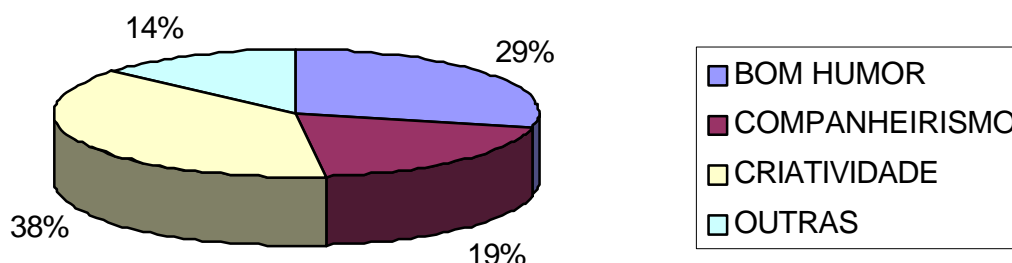
98

e **maior entrosamento com os professores** ou, pelo menos, liberdade de diálogo com eles, sem receio de serem tolhidos ou censurados.

RESPOSTAS DO GRUPO B (20 A 39 ANOS)

BOM HUMOR	29%	258
COMPANHEIRISMO	19%	169
CRIATIVIDADE	38%	338
OUTRAS	14%	125

QUALIDADES MAIS IMPORTANTES DE UM BOM PROFESSOR PARA ALUNOS DE 20 A 39 ANOS



Os alunos desse grupo nominaram a "criatividade" como a qualidade mais importante na atuação do professor, com uma porcentagem de 38% contra 29% que optou por "bom humor" e 19% para o "companheirismo".

Nesse grupo "B" (faixa etária entre 20 e 39 anos), alguns jovens apesar de estarem cursando a faculdade, já lutam no mercado de trabalho por um bom emprego ou por conservarem o que já têm. A **criatividade** é o que vai fazer a diferença. Daí , o rigor em exigir dos professores também, atitudes criativas e inovadoras. A rotina e os "mesmismos" não os atraem nem os entusiasma. É preciso que os docentes preocupem-se em ser dinâmicos, criativos e inovadores, permitindo apares de seus alunos, exigindo-lhes atitudes críticas e reflexivas, incentivando quebras de paradigmas. É claro que deve fazer parte desse quadro, a figura de um professor entusiasta e, sem sombra de dúvidas,

99

de constante bom humor. Daí, o porquê desse grupo ter apontado o **bom humor** com uma porcentagem bastante alta (29%) .

RESPOSTAS DO GRUPO C (40 A 59 ANOS)

RESPEITO	26%	231
ENTUSIASMO	21%	186

DINAMISMO	19%	169
OUTRAS	34%	304

O item "outras" alcançou a taxa de 34%, mas é composta de diversas respostas diferentes, motivo pelo qual não se pode analisá-lo como significativo. Como segunda porcentagem mais alta (26 %) , foi indicada a que se refere ao **respeito** pelos alunos. Com uma certa frequência, os alunos têm levado à coordenação, queixas quanto ao procedimentos de professores em classe, que evidenciam falta de respeito pelo aluno. É bem verdade que alguns professores também têm apresentado essa mesma queixa, se bem que em bem menor número. É preciso que ambos professores e alunos conscientizem-se de que uma coisa leva à outra.

A seguir, o item **entusiasmo** aparece com 21% de preferência, estando muito ligado ao item **dinamismo** (19%) como importantes qualidades no comportamento do professor em classe.

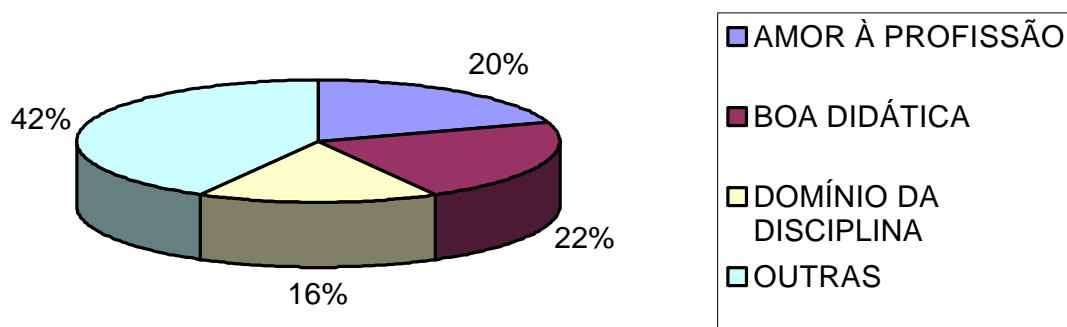
Pode-se verificar que não só os alunos mais jovens, mas todos, gostam de aulas dinâmicas e inovadoras e apreciam professores entusiastas, que os animam a prosseguir dessa mesma forma.

100

<u>RESPOSTAS DO GRUPO D (ACIMA DE 59 ANOS)</u>		
AMOR À PROFISSÃO	20%	178
BOA DIDÁTICA	22%	195
DOMÍNIO DA DISCIPLINA	16%	142

OUTRAS	42%	373
--------	-----	-----

QUALIDADES MAIS IMPORTANTES DE UM BOM PROFESSOR PARA ALUNOS COM MAIS DE 59 ANOS



Neste grupo "D" pode-se perceber perfeitamente que houve uma pequena diferenciação nos itens escolhidos. Nesta faixa etária (alunos com mais de 59 anos), descontando-se os 42 % relativos ao item **outras**, o citado em maior porcentagem é **boa didática** (22 %), seguido pelo **amor à profissão** (20 %) e **domínio da disciplina** (16 %).

Este grupo (alunos mais velhos e talvez o mais maduro de todos), está preocupado em receber ensinamentos que o capacite para atuar tendo sido orientado por uma boa didática, uma vez que vão usá-la em sua futura profissão, considerando ainda muito importante o "amor à profissão", isto é, a escolha certa de uma futura carreira.

101

Em relação à atuação docente, nas respostas dos grupos encontra-se um fenômeno curioso: tanto os alunos mais jovens como os mais idosos chegaram à mesma conclusão, ou seja, alguns professores são bons, mas precisam melhorar. Entretanto, com uma porcentagem de 61 %, o grupo "C" classificou a atuação docente como "excelente". O resumo abaixo esclarece melhor essas respostas:

A) Alguns professores são bons, mas há outros que precisam melhorar.....43%
--

B) Os professores são esforçados, mas algumas vezes mostram falta de domínio do assunto tratado em classe.....	40%
C Todos os professores são excelentes.....	61%
D) Alguns professores são bons, mas há outros que precisam melhorar.....	56%

Muitas podem ser as causas das respostas do grupo "C", acima:

- estar provavelmente no último ano do curso;
- já haver maior entrosamento com os professores da classe;
- ter maior conhecimento sobre o curso;
- já estar realizando um trabalho prático no campo profissional.

Em relação às qualidades do professor, pode-se observar que aparecem confirmados os quatro grupos selecionados anteriormente e levantados por meio dos depoimentos em entrevistas não dirigidas. Para a resposta dos dois últimos itens, não foram apresentadas qualidades nem defeitos para que os alunos fizessem opções; suas respostas podem ser resumidas no seguinte quadro:

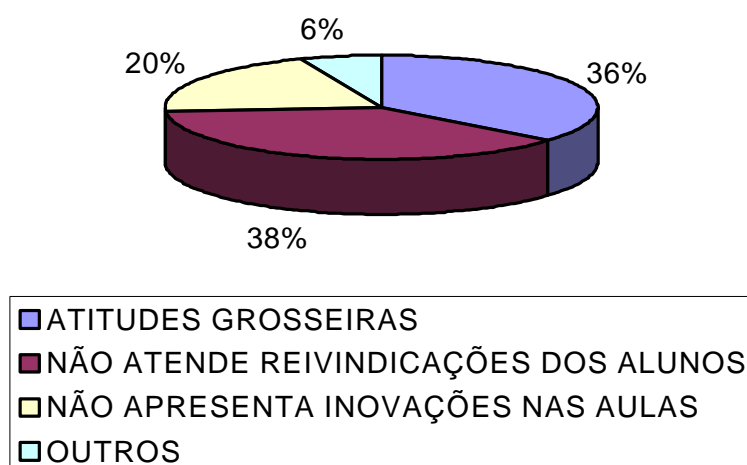
QUALIDADES:

- A) garra (28%) , comunicação (26%), amizade (25%), outras (21%);**
B) criatividade (38%), bom humor (29%), companheirismo (19%), outras (14%);
C) respeito (26%), entusiasmo (21%), dinamismo (19%), outras (34%);
D) didática (22%), amor à profissão (20%), domínio da disciplina (16%), outras (42%).

102

QUAIS OS PIORES DEFEITOS DE PERSONALIDADE OU DE ATITUDES NUM PROFESSOR

PIORES DEFEITOS NUM PROFESSOR PARA ALUNOS COM MENOS DE 20 ANOS



RESPOSTAS DO GRUPO A (MENOS DE 20 ANOS) :

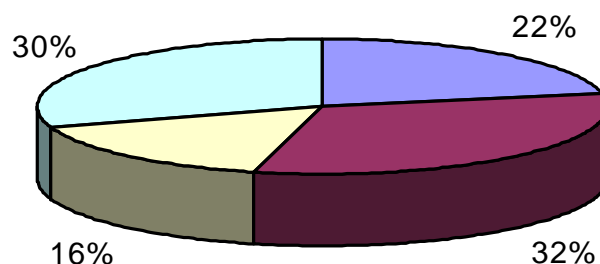
ATITUDES GROSSEIRAS	36%	
321		
NÃO ATENDE REIVINDICAÇÕES ALUNOS	38%	338
NÃO APRESENTA INOVAÇÕES NAS AULAS	20%	178
OUTROS	6 %	53

Parece que ao grupo dos alunos mais novos, importa bastante a atenção dos professores às suas dúvidas, reivindicações e reclamações (38%). Além disso, como já foi dito anteriormente, aluno ingressante na faculdade apresenta, de um modo geral, uma atitude até certo ponto imatura que evidencia uma necessidade da atenção do professor para os seus problemas. Após analisados, podem ser considerados de menor importância, pois na maioria das vezes, são criados pela própria insegurança do aluno.

103

Essa necessidade de atenção do aluno por parte do professor também pode ser sentida em outro item apontado; a alta porcentagem (36%) em relação às **atitudes grosseiras**, que evidencia o desejo do aluno querer ser tratado com mais amizade, mais carinho, sendo perdoado com mais frequência, recebendo maiores notas, ganhando mais uma oportunidade para melhorar sua nota, lembrando atitudes e hábitos de escolas de 2º grau (ou de 1º grau), pelas quais ele passou e cujas lembranças ainda o marcam.

PIORES DEFEITOS NUM PROFESSOR PARA ALUNOS DE 20 A 39 ANOS



■ AUTORITARISMO E PREPOTÊNCIA ■ FALTA DOMÍNIO DA DISCIPLINA	■ NÃO TEM CRIATIVIDADE ■ OUTROS
--	------------------------------------

RESPOSTAS DO GRUPO B (DE 20 A 39 ANOS):

AUTORITARISMO E PREPOTÊNCIA	22%	196
FALTA DE CRIATIVIDADE	32%	285
FALTA DE DOMÍNIO DA DISCIPLINA	16%	142
OUTROS	30%	267

O grupo "B" considera a **criatividade** (32%) como o fator mais importante na atuação do professor em classe. Em segundo lugar, segue-se o item **autoritarismo e prepotência** (22%) , que se traduz pela falta de perfeito entrosamento interpessoal, pela falta de uma melhor comunicação em classe, que pode ser considerada como uso indevido

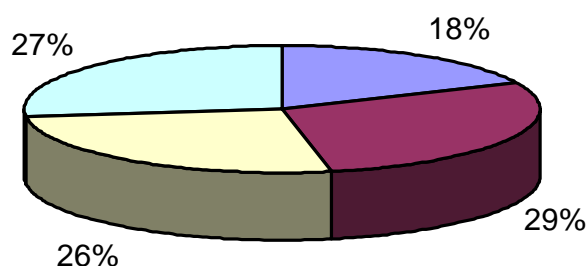
104

de autoridade, ou até mesmo , como insegurança do docente frente à classe. Para esse grupo, também é importante o perfeito **domínio da disciplina** lecionada que tem, em certo sentido, relação com o uso do **autoritarismo e prepotência**.

RESPOSTA DO GRUPO C (40 A 59 ANOS) :

DESPREPARO DIDÁTICO	18%	160
DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO	29%	258
INSEGURANÇA	26%	232
OUTROS	27%	240

**PIORES DEFEITOS NUM PROFESSOR, PARA
ALUNOS DE 40 A 59 ANOS**



■ DESPREPARO DIDÁTICO

■ DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO

■ INSEGURANÇA

■ OUTROS

Observa-se que dentre os alunos do grupo "C" (40 a 59 anos), o item **comunicação** mantém uma boa porcentagem na escolha (29%). Isso talvez seja devido à conscientização dos alunos dessa idade, sobre a importância primordial do relacionamento interpessoal no sucesso do indivíduo em sua carreira futura, levando em consideração a concorrência que, nos tempos atuais, é bastante rigorosa. Talvez esteja aí o motivo da indicação, em segundo lugar, com percentualidade 26%, do fator **insegurança**

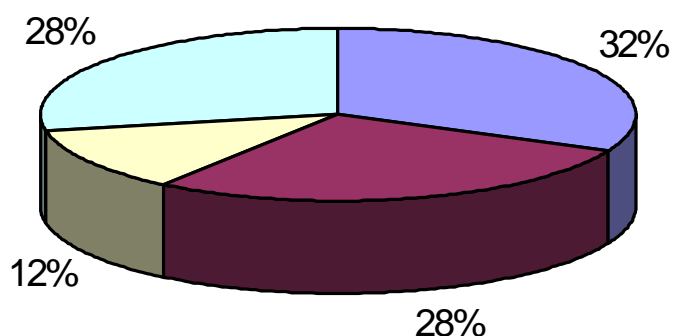
105

como um dos grandes defeitos apresentados. Para esse grupo, também foi importante (18%) o **desempenho didático** do professor.

RESPOSTAS DO GRUPO D (MAIS DE 59 ANOS)

DESATUALIZAÇÃO	32%	285
DESRESPEITO PELO ALUNO	28%	249
IRRESPONSABILIDADE	12%	107
OUTROS	28%	249

PIORES DEFEITOS NUM PROFESSOR, PARA ALUNOS COM MAIS DE 59 ANOS



Pelos resultados levantados, constata-se que a preocupação dos alunos mais velhos e possivelmente dos que estão nos últimos anos do curso, seja o perfeito preparo do professor quanto à **atualização dos seus conhecimentos**, por meio da educação.

106

continuada, cursos de reciclagem e outros. Parece que a evidência do preparo técnico do professor transmite ao aluno uma grande segurança, desencadeando respeito pela autoridade do mestre, o que pode perfeitamente ser constatado pelo fator apontado, com 12% de porcentagem para **irresponsabilidade**. Para o aluno, a falta de atualização do professor está sendo considerada como uma atitude irresponsável.

É claro que o item **respeito**, apontado por 28% das respostas é algo que se cria num ciclo vicioso. É preciso respeitar o outro para que se possa ser respeitado.

Resumindo o quadro sobre as deficiências apresentadas pelo professor, pode-se apresentar as seguinte respostas com as maiores porcentagens:

DEFEITOS:

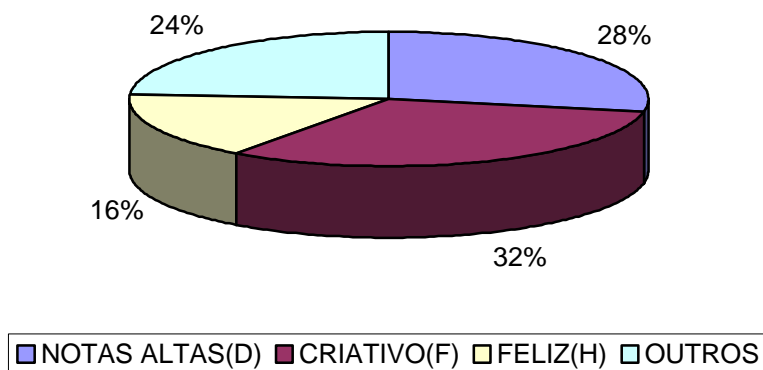
- A) atitudes grosseiras (36%);
 não atende às reivindicações dos alunos (38%);
 falta de criatividade (20%);
 outros (06%).
- B) autoritarismo e prepotência (22%);
 falta de criatividade (32%);
 falta de domínio da disciplina (16%);
 outros (30%);
- C) despreparo didático (18%);
 falta de comunicação (29%);
 insegurança (26%);
 outros (27%).
- desatualização (32%);
 desrespeito (28%);
 irresponsabilidade (12%);
 outros (28%)

QUESTIONÁRIO 2 (PARA ESTUDANTES DO III GRAU)

ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 2

**ASSOCIAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS QUE SE ESPERA DE UM
PROFESSOR AOS SEGUINTE CRITÉRIOS:
INDISPENSÁVEL - IMPORTANTE - INDIFERENTE**

**MELHORES ESCOLHAS COMO COLEGA, PARA
ALUNOS COM MENOS DE 20 ANOS**



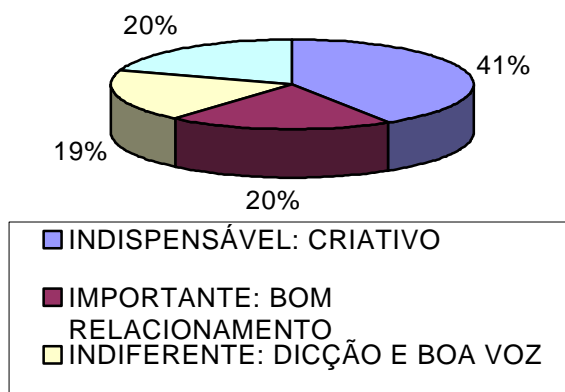
RESPOSTAS DO GRUPO A (MENOS DE 20 ANOS) :

INDISPENSÁVEL	SIMPATIA	22%	196
IMPORTANTE	VARIAR PROCEDIMENTOS	36%	320
INDIFERENTE	DICÇÃO E BOA VOZ	12%	107
OUTROS		30%	267

Para o grupo "A", o comportamento indispensável que se espera de um bom professor em sala de aula é a **simpatia**, tendo um percentual de 22%. Já como comportamento importante, mas não indispensável, foi apontado **variar os procedimentos** em sala de aula (36%) e como elemento indiferente, foi citada a **dicção e boa voz**, que também é um fator muito importante, mas diante dos outros que foram citados, conseguiu atingir apenas a 12% dos alunos.

Como nas respostas do questionário 1, esta faixa etária ainda defende a **simpatia** (relacionamento interpessoal) e a **variação de procedimentos em aula** (dinamismo).

COMPORTAMENTO QUE SE ESPERA DE UM PROFESSOR, EM SALA DE AULA, SEGUNDO ALUNOS DE 20 A 39 ANOS



RESPOSTAS DO GRUPO B (DE 20 A 39 ANOS) :

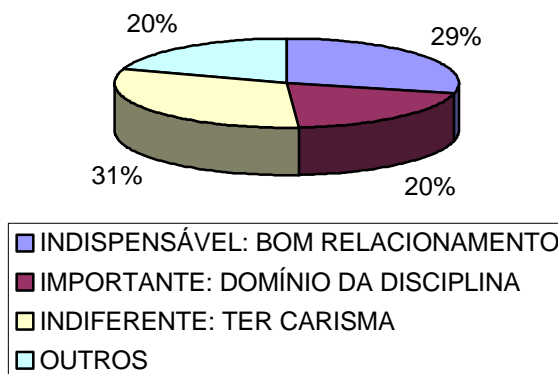
INDISPENSÁVEL	CRIATIVO	41%	365
IMPORTANTE	BOM RELACIONAMENTO	20%	178
INDIFERENTE	DICÇÃO E BOA VOZ	19%	169
OUTROS		20%	178

Para o grupo "B", com idade entre 20 e 39 anos, o elemento indispensável e com a maior porcentagem (41%) foi **criatividade**, seguido do **bom relacionamento** (20%), considerado como elementos importante.

109

Novamente para este grupo, a **dicção e boa voz**, apesar de também ser um fator importante para o sucesso da atuação didática do professor em sala de aula, foi considerado como indiferente.

**COMPORTAMENTO QUE SE ESPERA DE UM
PROFESSOR, EM SALA DE AULA, SEGUNDO
ALUNOS DE 40 A 59 ANOS**



RESPOSTAS DO GRUPO C (DE 40 A 50 ANOS)

INDISPENSÁVEL	BOM RELACIONAMENTO	29%	258
IMPORTANTE	DOMÍNIO DA DISCIPLINA	20%	178
INDIFERENTE	TER CARISMA	31%	276
OUTROS		20%	178

O terceiro grupo ("C") parece ter dado mais ou menos as mesmas respostas que os outros grupos, a não ser pelo item considerado indiferente: ter carisma. A literatura sobre o assunto algumas vezes tem citado o carisma como sendo um elemento muito importante para o domínio de grupos. Talvez o possa ser para grandes grupos, para multidões. Mas, em se tratando de grupos menores, como os de salas de aula, não há necessidade do professor exercer um poder carismático sobre os seus alunos. Pelo contrário, é preciso que o professor seja visto como humano, muito parecido com o grupo com o qual trata dos temas de aula e que permite apartes, contra-argumentações ou reivindicações. Isso seria muito difícil de ser feito, diante de uma pessoa carismática.

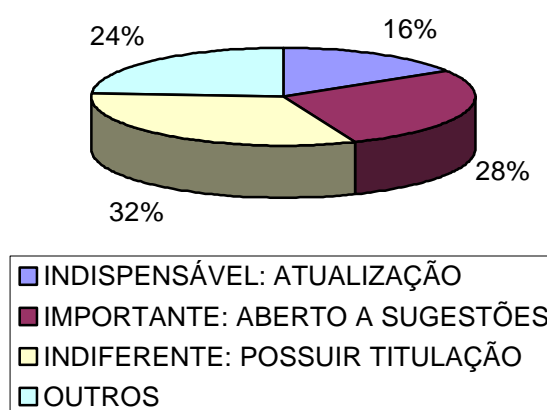
110

Para esse grupo, também é importante o **domínio da disciplina** pelo professor em suas aulas, sendo apontado por 20% dos alunos.

RESPOSTAS DO GRUPO COM MAIS DE 59 ANOS)

INDISPENSÁVEL 142	ATUALIZAÇÃO	16%	
IMPORTANTE	ABERTO A SUGESTÕES	28%	249
INDIFERENTE	POSSUIR TITULAÇÃO	32%	285
OUTROS		24%	214

**COMPORTAMENTO QUE SE ESPERA DE UM
PROFESSOR, EM SALA DE AULA, SEGUNDO
ALUNOS COM MAIS DE 59 ANOS**



No grupo "D", 16% dos alunos (faixa etária acima dos 59 anos), apontou como o elemento indispensável para o bom desempenho do professor em classe, o item **atualização** e como indiferente o fator **possuir titulação** (32%), o que denota que para os alunos, a "titulação" não significa necessariamente **atualização**. Para a classe, é seguramente mais importante um professor atualizado que titulado.

Para esse grupo, também é importante que o professor seja **aberto a sugestões**, o que pode ser entendido como o professor que pratica e desenvolve competência interpessoal.

111

Para a resposta deste questionário, foi ofertada uma relação de qualidades e comportamentos docentes aos quais seriam classificados como **indispensáveis**, **importante** ou **indiferentes**.

Resumindo os resultados, foram apontados pelos grupos, com maior porcentagem os seguintes comportamentos:

- **INDISPENSÁVEIS:** A) simpatia (22%);
B) criatividade (41%);
C) bom relacionamento (29%);
D) atualização (16%).
- **IMPORTANTES:** A) utilização de procedimentos variados (36%);
B) bom relacionamento (20%);
C) domínio da disciplina (20%);
D) abertura a sugestões (28%).
- **INDIFERENTES:** A) 30%
B) 20%
C) 20%
D) 24%

Pode-se observar que aparecem como importantes, dois itens relativos aos procedimentos didáticos. Os demais se referem à competência interpessoal.

ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO EXERCÍCIO 1
(PARA ALUNOS)

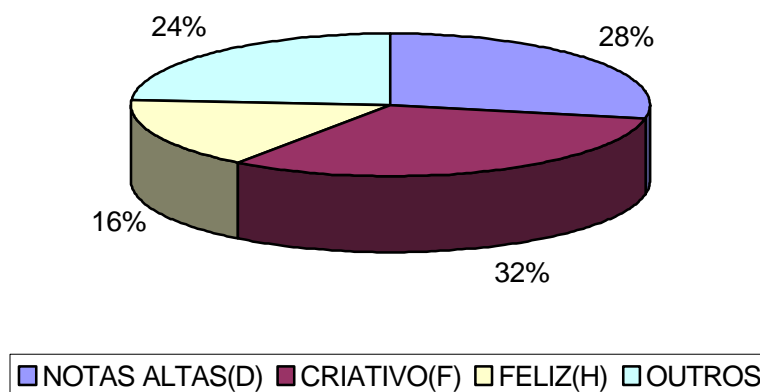
PRIMEIRA PERGUNTA : MELHORES TIPOS DE COLEGAS :

112

RESPOSTAS DO GRUPO A (MENOS DE 20 ANOS) :

NOTAS ALTAS (D)	28%	249
CRIATIVO (F)	32%	285
FELIZ (H)	16%	143
OUTROS	24%	213

MELHORES ESCOLHAS COMO COLEGA, PARA ALUNOS COM MENOS DE 20 ANOS



Este grupo é composto, em sua maioria, por alunos jovens e calouros ou então, pertencentes aos primeiros anos do curso, o que talvez tenha determinado suas escolhas. As porcentagens maiores foram para os colegas **criativos (32%)**, aqueles que possuem **notas altas (28%)** e os que demonstram um semblante **feliz (16%)**.

As pessoas criativas são fortes candidatas a assumirem lideranças no grupo em que estão, destacado-se dos demais por tomarem iniciativas ou proporem novas medidas. Talvez essa característica da criatividade tenha chamado a atenção dos alunos.

Além disso, para os alunos que estão iniciando um curso, impressiona também os que possuem **notas altas**, por poderem transmitir segurança e conhecimento.

Quanto à escolha do aluno do tipo **feliz**, talvez se deva ao fato de que qualquer pessoa e não apenas os alunos mais jovens preferirem a companhia de alguém que demonstre sinais de felicidade, que seja alegre, animado e de bem com a vida, ao

113

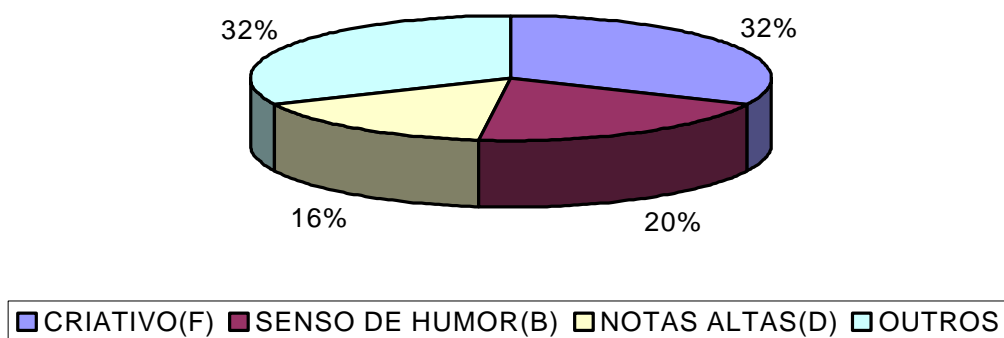
contrário das pessoas "amargas", que vivem reclamando e que, constantemente, cultivam pensamentos negativos

RESPOSTAS DO GRUPO B (20 A 39 ANOS)

CRIATIVO (F)	32%	285
SENSE DE HUMOR (B)	20%	178

NOTAS ALTAS (D)	16%	142
OUTROS	32%	285

**MELHORES ESCOLHAS COMO COLEGA, PARA
ALUNOS DE 20 A 39 ANOS**



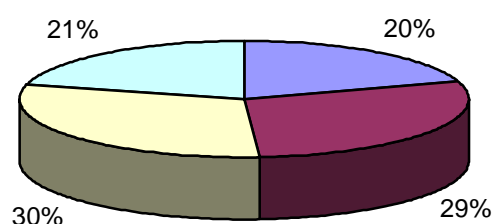
A opinião do grupo "B", com faixa etária entre os 20 e 39 anos, é um pouco parecida com a do anterior, isto é, valoriza o tipo **criativo (32%)** além do tipo que possui **senso de humor (20%)** e o que possui **notas altas (16%)**.

Parece que a criatividade é muito bem aceita, principalmente pelos jovens que costumam gostar de inovações, quebras de tabus, ousadia de seguir por outros caminhos. O tipo "feliz", apontado pelo grupo anterior, foi substituído por outro mais ou menos parecido: o tipo que possui **senso de humor**. Poucas pessoas gostam de conviver com indivíduos que vivem de mau humor. O aluno que possui **notas altas** também é valorizado neste grupo.

114

<u>RESPOSTAS DO GRUPO C (40 A 59 ANOS)</u>		
FELIZ (H)	20%	178
QUERIDO (J)	29%	258
CRIATIVO (F)	30%	267
OUTROS	21%	187

MELHORES ESCOLHAS COMO COLEGA, PARA ALUNOS DE 40 A 59 ANOS



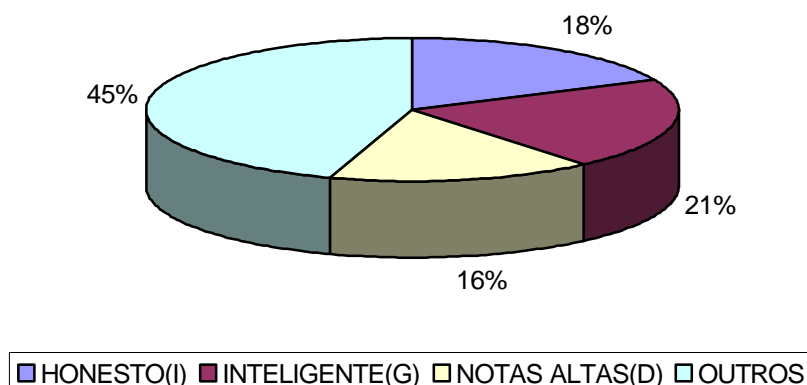
■ FELIZ(H) ■ QUERIDO(J) ■ CRIATIVO(F) ■ OUTROS

Mais uma vez, nesse grupo de alunos, o aluno com **criatividade (30%)** foi o mais indicado como colega, seguido do tipo **querido pelos professores (29%)**. Novamente o colega do tipo **feliz (20%)** é apontado também como um dos escolhidos. Pode-se pois constatar que as pessoas gostam de relacionamentos alegres e de conviverem com indivíduos que sejam otimistas e estejam de bem com a vida.

RESPOSTAS DO GRUPO D (MAIS DE 59 ANOS)

HONESTO (I)	18%	160
<i>INTELIGENTE (G)</i>	<i>21%</i>	<i>187</i>
NOTAS ALTAS (D)	16%	142
OUTRAS	45%	401

MELHORES ESCOLHAS COMO COLEGA, PARA ALUNOS COM MAIS DE 59 ANOS



Esse grupo de alunos, seja pela idade acima de 59 anos, por maturidade ou por já estar terminando o curso, apontara características bem interessantes para os seus prováveis colegas: **inteligência (21%)**, **honestidade (18%)** e **notas altas (16%)**. É evidente que para pessoas mais velhas, as pessoas com essas qualidades e características têm muito valor.

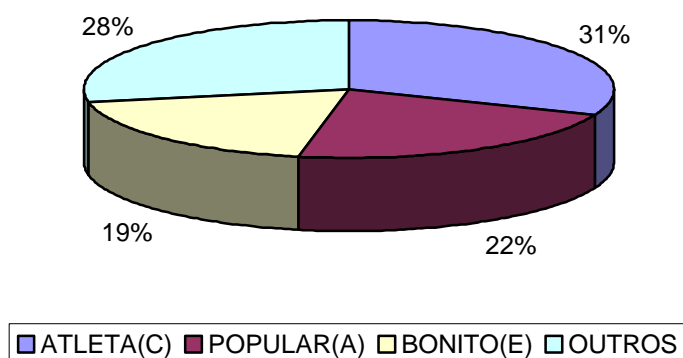
Acredita-se que esse grupo ("D") tenha citado o item **notas altas** para traduzir-se como o aluno que é bom estudante e, conseqüentemente, responsável.

SEGUNDA PERGUNTA: QUAIS OS TIPOS QUE GOSTARIA DE SER?

RESPOSTAS DO GRUPO A (MENOS DE 20 ANOS) :

ATLETA (C)	31%	275
POPULAR (A)	22%	196
BONITO (E)	19%	169
OUTROS	28%	249

IDENTIFICAÇÃO (TIPO QUE GOSTARIA DE SER), PARA ALUNOS COM MENOS DE 20 ANOS

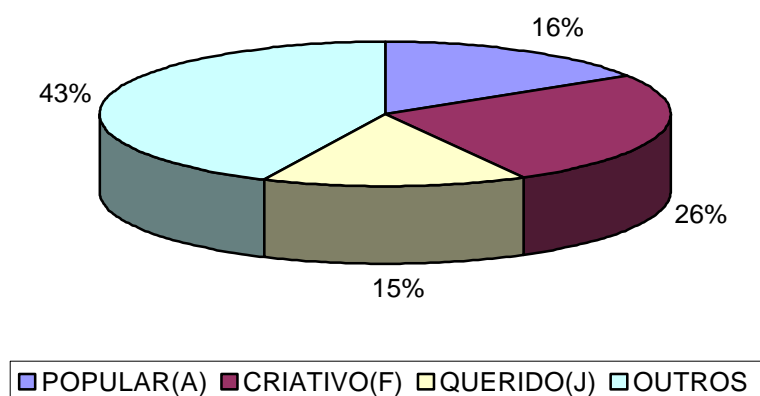


Pode-se perceber facilmente que, para os alunos mais jovens, possuir um corpo musculoso e **atlético**, **ser conhecido** em toda a faculdade e ter uma **bela aparência** é muito importante. Parece que nessa primeira faixa etária (menos de 20 anos), os valores estão muito ligados à aparência e ao desempenho pessoal no seu grupo. Esses dados apareceram porque foram respondidos de forma anônima pois, do contrário, o jovem (principalmente o rapaz) evitaria confessar essa sua preferência.

RESPOSTAS DO GRUPO B (DE 20 A 39 ANOS)

POPULAR (A)	16%	142
CRIATIVO (F)	26%	231
QUERIDO (J)	15%	134
OUTROS	43%	383

IDENTIFICAÇÃO (TIPO QUE GOSTARIA DE SER), PARA ALUNOS DE 20 A 39 ANOS

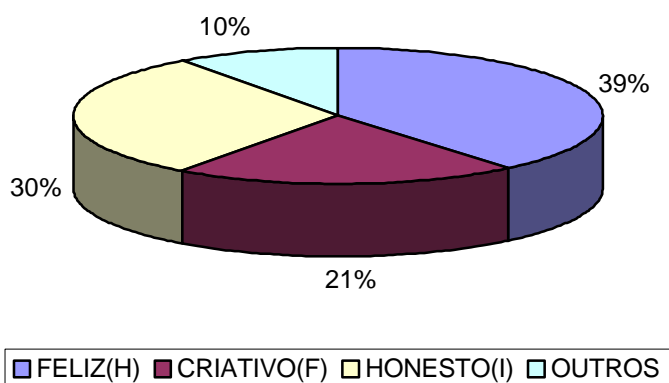


Os alunos do grupo “B” também mostram uma certa tendência para valorizar mais algumas características que os destaquem no grupo, do que propriamente que o ajudem a fazer um bom desempenho no seu curso. Os fatores apontados, como **popular (16%)** e **querido (15%)**, demonstram ainda uma necessidade de se projetarem além da sala de aula. A **criatividade (26%)**, caracteriza bem essa fase da vida, na qual encantam as atitudes inovadoras e as quebras de rotina

RESPOSTAS DO GRUPO C (40 A 59 ANOS)

FELIZ (H)	39%	347
CRIATIVO (F)	21%	187
HONESTO (I)	30%	267
OUTROS	10%	89

IDENTIFICAÇÃO (TIPO QUE GOSTARIA DE SER), PARA ALUNOS DE 40 A 59 ANOS

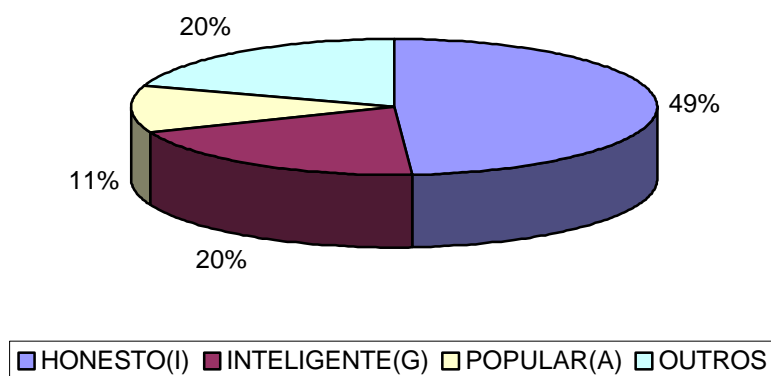


Como um sinal de amadurecimento, o grupo "C" incluiu o **tipo honesto (30%)** juntamente com o tipo **criativo (21%)** e o tipo **feliz (39%)**, já citados por outros grupos. Nessa fase, a honestidade já passa a ter um peso bem mais significativo substituindo os fatores relacionados ao sucesso pela aparência pessoal.

RESPOSTAS DP GRUPO D (MAIS DE 59 ANOS)

HONESTO (I)	49%	436
INTELIGENTE (G)	20%	178
POPULAR (A)	11%	267
OUTROS	20	178

IDENTIFICAÇÃO (TIPO QUE GOSTARIA DE SER), PARA ALUNOS COM MAIS DE 59 ANOS



Esse último grupo escolheu duas características bem de acordo com a maturidade da fase: **honestidade (49%)** e **inteligência (20%)**. Chama a atenção o fato de, sendo um grupo de mais idade, ter indicado o item **popularidade (11%)**. Isso talvez seja em virtude dos alunos que estão nessa faixa etária serem poucos em toda a faculdade, destacando-se naturalmente dos demais e, por isso mesmo, tornando-se populares entre os colegas.

Resumindo os resultados, no exercício número 1 (para alunos), pelas respostas, pode-se verificar que todos os grupos, com exceção do de mais idade, citam a **criatividade** como a qualidade que gostariam de ver em seus colegas de classe .

Com relação ao tipo de aluno que eles gostariam de ser, é interessante observar que os alunos mais jovens preocupam-se principalmente com a **aparência, popularidade e aceitação no grupo**, enquanto os alunos com mais idade preocupam-se com o aspecto **cognitivo e o caráter**.

EXERCÍCIO 2 (PARA PROFESSORES)

(Getzels e Jackson)

ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO EXERCÍCIO 2

(PARA PROFESSORES)

PRIMEIRA PERGUNTA: QUAIS OS TRÊS DE ALUNOS

PREFERIDOS PELO PROFESSOR EM SUA CLASSE

INTELIGENTE (G)	46%	23
NOTAS ALTAS (D)	31%	16
HONESTO (I)	14%	7
OUTRAS	9%	4

Pela maioria das respostas dos professores, a "classe dos seus sonhos" seria aquela em que só existissem alunos **inteligentes**, bastante estudiosos e, conseqüentemente, com **boas notas e honestos**. Na realidade, uma turma com somente esses tipos seria bastante fácil de se lidar. Pode-se até imaginar a cena: alunos silenciosos mas atentos, sempre prontos para receberem novas tarefas e dispostos a trabalhar, sem fazer quaisquer contestações. Parece que o aluno que tem mais idéias, que está sempre inventando novas maneiras de fazer as coisas, que costuma interromper a aula com perguntas para tirar muitas dúvidas e que nem sempre concorda com a opinião do professor, não é um tipo comumente bem aceito, pois é um aluno que requer muito mais do professor, que exige

uma aula bem preparada e que costuma ter um comportamento irrequieto. Isso nem sempre agrada a todos os professores, principalmente àqueles que não estão perfeitamente seguros em sua disciplina.

**SEGUNDA PERGUNTA: QUAIS OS TIPOS DE ALUNOS QUE O
PROFESSOR ACREDITA QUE TERÃO SUCESSO NA SUA VIDA
FUTURA**

CRIATIVO (F)	52%	26
INTELIGENTE (G)	26 %	13
POPULAR (I)	14%	7
OUTROS	8%	4

É interessante observar que o mesmo grupo de professores, diante de duas perguntas sobre um mesmo grupo de alunos, deu respostas bem diferentes. Enquanto o grupo preferido para se ter em sala de aula era o dos alunos **inteligentes**, os com **notas altas** e os **honestos**, e os que, segundo sua própria opinião teriam sucesso no futuro, seriam os **criativos**, os **inteligentes** e os **populares**.

Pode-se perceber que os professores fazem uma dicotomia entre a vida em sala de aula e a vida lá de fora, no futuro.

Na realidade, não se pode "preparar para a vida", sem treiná-lo para isso. Por isso é tão importante o professor incentivar a **criatividade** do aluno, provocar o seu espírito crítico, desafiar o seu pensamento reflexivo e estimular a sua fome de novos conhecimentos.

Só que fazer esse tipo de trabalho, ou seja, ministrar classes dentro desse espírito, requer uma preparação muito grande do professor, não só um profundo conhecimento da disciplina que leciona, como o de várias técnicas didáticas, além do desenvolvimento de sua capacidade de **relacionamento interpessoal** e, acima de tudo, muita **criatividade** em suas aulas.

Pode-se admitir que não é fácil realizar esse trabalho. Mas é altamente compensador. Além do que, é a forma mais segura de se conseguir a aprendizagem.

A pesquisa, realizada com 890 dos 1.155 alunos matriculados na época, nas três séries do curso de Pedagogia da Universidade Tuiuti do Paraná e com 50 dos 52 professores pertencentes ao quadro docente, trouxe a confirmação dos depoimentos e entrevistas não-diretivas, ou conversas informais, até mesmo no horário do intervalo, na sala de professores.

As respostas dos questionários e exercícios, permitem observar muita coisa interessante:

<p style="text-align: center;"><u>COM RELAÇÃO AO QUESTIONÁRIO 1 -</u> <u>CONCEITO DAS AULAS DO CURSO</u></p>
--

1º) Apenas o **grupo "C"** (faixa etária dos 40 aos 59 anos) deu a classificação de **excelente** para as aulas do curso. Geralmente, são alunos dos últimos anos do curso, os quais já tiveram oportunidade de se entrosarem com os seus professores, já estão numa fase de maior maturidade e suas expectativas vão sendo satisfeitas ao longo do curso. De um modo geral, para esse aluno as aulas são boas.

2º) O **grupo "A"** (faixa etária com menos de 20 anos) é aquele que, muitas vezes, está chegando à universidade, sem ter certeza de querer fazer o curso ou então, não tem uma idéia exata do que trata o curso no qual ele está matriculado. Além disso, a nova instituição parece-lhe totalmente diferente da que ele estava acostumado. Tudo para ele ainda é desconhecido e estranho. Ainda não chegou a criar raízes nem conseguiu um bom grupo de amigos. Além do que, geralmente continua ainda ligado à instituição de onde veio, carregando alguns costumes que, só com o tempo, conseguirá deixar. Por isso, ele raramente consegue ver com bons olhos o novo curso. As expectativas que ele traz são muito grandes e geralmente, não gosta do que encontra. Isso sem falar que o currículo das primeiras séries especialmente da primeira de quase todos os cursos apresenta disciplinas teóricas, que aparentemente não têm ligação direta com o curso e por isso mesmo, pode parecer desinteressante para o novo aluno.

Em relação às aulas, nas respostas dos grupos de alunos (com exceção do grupo "D", com alunos de mais idade, que citou **amor ao magistério, boa didática e domínio**

da disciplina), são citadas muitas qualidades que, se forem analisadas mais detalhadamente, podem ser agrupadas em apenas três grupos, quais sejam:

Grupo A: garra, amizade e facilidade de comunicação (**criatividade e relacionamento interpessoal**);

Grupo B: humor, companheirismo e criatividade (**relacionamento interpessoal e criatividade**);

Grupo C: respeito pelo aluno, entusiasmo, comportamento dinâmico (**relacionamento interpessoal e criatividade**);

Grupo D: amor à profissão, boa didática, domínio da disciplina (**ética e didática**).

3º) Em relação aos defeitos, pode-se observar a mesma situação:

Grupo A: atitudes grosseiras, não atende reivindicações dos alunos, não apresenta inovações (**relacionamento interpessoal e criatividade**);

Grupo B: autoritarismo e prepotência, não tem criatividade (**relacionamento interpessoal e criatividade**) e falta de domínio da disciplina;

Grupo C: falta de preparação didática, dificuldade de comunicação em classe e insegurança na transmissão do conteúdo (**relacionamento interpessoal**);

Grupo D: desatualização, irresponsabilidade e desrespeito pelo aluno (**relacionamento interpessoal**).

4º) No questionário 2 (para alunos), apareceu como **indiferentes** qualidades como "dicação de voz, carisma e titulação". Observe-se que, já como **indispensáveis** ou **importantes**, foram citados: "simpatia, bom relacionamento, abertura a sugestões (**relacionamento interpessoal**), criativo, variação de procedimentos (**criatividade**) e domínio da disciplina e atualização.

5º) No exercício 1 (para alunos), todos os grupos de alunos, com exceção do grupo "D", citam **criatividade** como uma das qualidades que gostariam de ver no colega.

6º) Nesse mesmo exercício, quando se trata de assinalar qualidades que gostariam de ter, os quatro grupos de alunos citam **criatividade e relacionamento interpessoal**.

7º) Com relação ao exercício 2 (para professores), é interessante observar que os tipos de alunos que os professores acreditam que vencerão lá fora, na vida futura, não são os mesmos que eles gostariam de ter em suas classes. Mesmo assim, dentre os dez tipos de alunos que eles gostariam de ter em sua sala de aula ou que eles acreditam que irão vencer, 50% são tipos relacionados à **criatividade ou relacionamento interpessoal**.

Pela análise da grande maioria das respostas dos questionários dos alunos, pode-se observar que eles desejam ser tratados com respeito e atenção (**relacionamento interpessoal**), por um professor que tenha conhecimento perfeito das regras e técnicas didático-pedagógicas e que se preocupe com o bom relacionamento em classe (**competência interpessoal**), além de ser, sem dúvida, inovador, dinâmico e desafiador (**tem criatividade**).

Finalmente, o que mais atenção chamou em toda a pesquisa, é que os próprios professores reconhecem que o aluno ideal para as suas salas de aula (obediente, passivo, atencioso, estudioso, cordata, que realiza somente aquilo para que é mandado) não será o tipo de pessoa que fatalmente triunfará na sua vida futura.

Será que os próprios professores já não se perguntaram por que não procuram treiná-los para fatos e coisas desconhecidas ao invés de amoldá-los para responder às mesmas perguntas que todos já sabem a resposta?

CAPÍTULO VII - CONCLUSÃO FINAL

Parece que os alunos de todos os cursos, com algumas poucas exceções, apresentam um comportamento parecido, variando apenas de acordo com pontos comuns, como por exemplo, a faixa etária, que foi a variável utilizada neste trabalho.

Os alunos mais jovens, que de uma forma geral são os que estão iniciando os estudos, mostram-se bastante rigorosos quanto ao conceito sobre as aulas do curso, em virtude de uma série de motivos, perfeitamente compreensível, descritos a seguir.

Os alunos do primeiro ano, na maioria bem jovem ainda (com menos de 20 anos), trazem hábitos e costumes oriundos da instituição escolar de 2º Grau na qual conviveram por alguns anos, hábitos e costumes estes que os acompanharão ainda por um certo tempo. Tudo lembra a "antiga" escola que costumam usar para fazer comparações. Além disso, ainda não houve tempo para criarem "raízes" na instituição atual e nem de conquistar amizades dentro do grupo. O ambiente de uma universidade é um pouco ou bastante diferente do de uma escola de 2º Grau.

Todos esses motivos levam o jovem estudante a não ver "com bons olhos" a nova escola e também a ser bastante rigoroso em relação a tudo, principalmente com as aulas do seu curso.

Já os alunos das outras faixas etárias, demonstraram um conceito bem mais ameno. São, provavelmente, alunos mais velhos, que já freqüentaram outras instituições superiores, que possuem mais maturidade e maior facilidade de adaptação a novos ambientes. O grupo "C" (com idade entre 40 e 59 anos) foi o que deu os melhores conceitos às aulas. Esse tipo de resposta já era esperado, pois o aluno dessa faixa etária é aquele que tem perfeita conscientização do curso que freqüenta, é o que executa com maior facilidade as tarefas, os trabalhos e leituras recomendados pelos professores, o que possui um alto grau de responsabilidade, o que tem perfeita consciência da necessidade de concluir o curso, e o que sabe da importância e do sacrifício de se investir financeiramente num curso universitário.

Com o tempo e o amadurecimento, mesmo os alunos mais jovens, passado o período de adaptação e de incertezas de que se falou anteriormente, aos poucos vão modificando a sua forma de pensar.

Da mesma maneira, em relação ao conceito sobre os professores, o aluno, em princípio, dá muito mais valor ao relacionamento interpessoal que ao conhecimento técnico que o professor possa possuir. Não se quer dizer com isso que o aluno não valorize o conhecimento teórico do professor, mas que, em primeiro lugar, é o desenvolvimento da competência interpessoal que mais o impressiona. Ele é capaz de perdoar com mais facilidade alguma deficiência teórica que de comunicação.

Nota-se portanto, que o aluno quer bons professores, capazes profissionalmente, titulados, profundos conhecedores da disciplina que lecionam, com experiência de sala de aula e que costumem pesquisar, mas que, por outro lado, também sejam acessíveis, que consigam comunicar-se facilmente com a turma e que tornem os conhecimentos claros e compreensíveis para os alunos. Segundo a pesquisa, é esse o tipo de professor mais respeitado e admirado pelos alunos.

Os alunos também cobram bastante a forma como o professor ministra as suas aulas, os procedimentos didáticos utilizados, as técnicas de incentivo em aula, a boa utilização dos recursos auxiliares, o manejo de classe, o controle do ambiente de disciplina na sala de aula, etc.

Além disso, fica muito clara para o aluno, a diferença entre o professor que ainda não tem o perfeito domínio didático mas que se esforça para alcançá-lo e aquele que ou por ignorar ou por não achar que isso seja importante não faz nenhum esforço para melhorar a sua atuação.

Ao observar-se os defeitos e as qualidades do professor apontados pelos alunos, verifica-se que aqueles se referem exatamente à ausência destas, ou seja, os defeitos são essencialmente a falta das qualidades.

Principalmente os alunos mais jovens apontam como qualidades, as relacionadas a **dinamismo, comunicação, relacionamento interpessoal e criatividade**. O domínio da disciplina, amor à profissão e qualidades didáticas vão aparecer somente com os alunos de mais idade.

O mesmo quadro se repete quanto às qualidades indispensáveis, importantes e indiferentes.

Para todos os grupos de alunos, à exceção do grupo de alunos mais velhos, as qualidades indispensáveis são: simpatia, criatividade e bom relacionamento, o que pode ser resumido em apenas duas: **criatividade e competência interpessoal**.

Com relação às qualidades importantes, encontram-se: utilização de procedimentos variados, bom relacionamento, domínio da disciplina e abertura a sugestões, sendo que duas delas se referem à **competência interpessoal**.

Interessante observar que como qualidades indiferentes, aparecem: dicção e boa voz (duas vezes), carisma e titulação. Convém ressaltar que "carisma" e principalmente "titulação", qualidades muitas vezes supervalorizadas principalmente na contratação de um professor, não chegam a impressionar aos alunos.

O **exercício 1** trouxe respostas bem interessantes: somente o grupo de alunos mais velhos gostaria de ter como colegas alunos inteligentes e honestos. Todos os demais grupos citaram as seguintes qualidades: notas altas (também citado pelo grupo "D"), criativo (3 vezes), feliz (2 vezes), com senso de humor e querido. Ficou evidente que as pessoas gostam de ter à sua volta, gente alegre, descontraída, de bem com a vida, feliz e também que sejam bons alunos.

O interessante é que no **exercício 2**, quando o aluno deve citar os tipos que gostaria de ser, aparecem tipos totalmente diferentes, não citados anteriormente, a não ser com pequenas exceções.

Para o aluno, foram apontados os seguintes tipos que ele gostaria de ser: atleta, popular (3 vezes), bonito, querido, criativo (2 vezes), feliz, honesto (2 vezes) e inteligente. Pode-se notar que a maioria dos alunos não escolheu para colega ideal, tipos de pessoas que na realidade ele gostaria de ser.

Talvez o resultado mais interessante seja o que se pode ver no **exercício 2 (para professores)**.

Esse exercício oferecia uma lista de dez tipos hipotéticos de alunos: os inteligentes, aqueles com notas altas, que demonstrem honestidade, os felizes, os que são queridos por todos, os que demonstram criatividade, os que possuem senso de humor, os que gostam de praticar esportes, os que são populares e os bonitos. Em primeiro lugar, entre os tipos ofertados, o professor deveria apenas três que ele gostaria e sentiria prazer em ter como aluno. Os tipos mais votados como preferidos pelos professores foram: **os inteligentes, os que costumam ter notas altas e os honestos**. Pode-se perfeitamente concordar que essas são excelentes qualidades para um aluno.

O interessante é que, já na segunda pergunta aos professores, sobre quais dos tipos ofertados anteriormente, os que ele acreditava terem chances de vencer na vida futura, o tipo **honesto** e o tipo **que consegue tirar notas altas** não foram então citados. Será que o próprio professor não acredita nos critérios usados para se avaliar o aluno nas escolas de nossos tempos? "Tirar notas altas" é um comprovante de que o aluno realmente conhece, sabe, aprendeu e apreendeu, enfim, construiu o seu "saber" e, acima de tudo, será capaz de usar esse "saber" para "saber fazer"?

Mas o que deixa maiores preocupações é a seguinte indagação: Será que a **honestidade** deixou de ser um elemento essencial na luta pelo sucesso, como meio de se atingir patamares cada vez mais altos em nossos tempos? O que está acontecendo com os nossos valores?

Os tipos de alunos que o professor acredita terem chances de vencer na vida foram os **criativos**, os **inteligentes** e os **populares**.

Interessante que não são os mesmos que ele gostaria de ter em suas aulas. Ou os nossos professores não estão preparados para trabalhar com tipos mais dinâmicos de alunos, que exigem mais do professor, que não se contentam com qualquer explicação mais simples, que nem sempre aceitam tudo o que lhes é transmitido principalmente se não tiverem liberdade de contra-argumentar ou então, são extremamente comodistas, não vendo necessidade alguma de modificar o seu modo "infalível" de "dar aulas" seja

ele qual for principalmente porque a sua didática e modo de agir foram-lhe outorgados, segundo o seu entendimento, por um título que ele conquistou a duras penas. De lá para cá, não viu mais necessidade de se atualizar.

Pela análise das respostas dos questionários e exercícios realizados, pode-se sentir que o aluno do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, não difere muito de alunos de outras faculdades: no início do, ele "agride" um pouco as aulas do seu curso e o próprio curso, em virtude de ainda não ter criado as raízes tão necessárias para uma boa adaptação e, principalmente, por ainda não ter tido tempo de "vestir a camisa" da sua nova escola, impedida pela ligação umbilical à sua antiga escola. Além disso, os primeiros tempos assustam porque o aluno se sente um pouco "perdido" nesse novo espaço, além e principalmente, por estar enfrentando uma fase de mudança, em que tudo é desconhecido e por isso mesmo, não agrada a ninguém.

Não se deve dar muito crédito aos conceitos e lamúrias iniciais. Eles só passam a ter valor depois de determinado tempo. Esse fenômeno é muito comum em qualquer nova instituição, escolar ou não escolar. Com o passar do tempo, pode-se perceber que o aluno, agora já enfronhado no ambiente da instituição, já fazendo parte da estrutura da escola, já pertencendo um pouco à história da universidade, começa a mudar o seu conceito.

Quanto às qualidades do professor, de um modo geral o aluno dá muito mais valor a comportamentos de criatividade, relacionamento interpessoal e ética do que a valores cognitivos. Para ele, a facilidade de comunicação com o professor e da abertura que este lhe oferece para que tal aconteça, é extremamente gratificante. Poder conversar abertamente e de forma descontraída com o professor tem um valor muito grande para o aluno. Ele sente liberdade de perguntar, de tirar todas as dúvidas e até de duvidar de conceitos defendidos pelo professor. Essa facilidade de comunicação proporcionada pelo professor tem um valor muito grande e é dessa forma que o aluno passa a gostar de estudar, a se interessar pelas aulas do professor e até a criar hábitos de estudo. O professor inteligente não vê nesse ambiente descontraído de sala de aula uma afronta à sua autoridade ou um desrespeito à figura do mestre. Pelo contrário, o aluno passa a ter um respeito muito maior pelo professor, quando ele percebe a segurança demonstrada, permitindo-lhe fazer argüições, contra-argumentações e dando-lhe liberdade de confessar que não concorda com as idéias do professor. Só um professor muito seguro de sua teoria, de sua técnica, do seu conhecimento e de sua inteligência é que aproveita essa

sede de "saber cada vez mais" dos seus alunos, para tornar as aulas mais interessantes e para criar um ambiente de motivação entre eles. Esse tipo de relacionamento é que prova a competência teórica do professor, do seu profundo conhecimento sobre a disciplina que leciona e da sua bagagem didático-pedagógica que, às vezes, fica escondida sob uma capa de pretensa superioridade. Todas as pessoas, mas principalmente o professor, não devem se esquecer de que pela simplicidade e humildade que se pode provar a grandeza de uma pessoa.

Como última observação sobre as respostas dos professores no **exercício 2**, convém tentar entender porque aparecerem algumas qualidades que eles acreditam que farão o aluno vencer na vida futura.

Não há dúvidas de que facilitarão o sucesso futuro qualidades como **criatividade**, **inteligência**, **honestidade**, **senso de humor** (talvez para se encarar com otimismo os maus momentos) e **felicidade** (entendida como estar de bem com a vida). Pelo fato de terem sido citadas outras qualidades é que se podem levantar algumas hipóteses. Foram apontadas qualidades como responsáveis pelo sucesso na vida futura as seguintes: **ser atleta** (talvez em virtude do desenvolvimento que se está dando ao esporte nos últimos tempos, pela saúde que o atletismo pode proporcionar principalmente às pessoas que possuem vida sedentária ou porque certos esportes acenam com salários ou prêmios milionários); **ser popular** (estariam os que apontaram essa qualidade associando o "ser popular", com figuras famosas, políticos, artistas, pessoas do governo? É mais fácil acreditar que a pessoa que tiver sucesso na vida pode vir a ser popular, conhecida, etc. e não o inverso. Fica aí a dúvida). Outra qualidade apontada foi **ser bonito** (talvez seja válida essa questão se estivermos falando de profissões como modelos fotográficos, artistas de cinema, pessoas que trabalham em televisão, enfim, indivíduos que dependem de sua imagem para vencer). Interessante que não foi citado, em nenhuma vez, a qualidade **talento**.

O mais importante dessa pesquisa talvez tenha sido que, embora se tenha citado inúmeras vezes o termo **criatividade** e **relacionamento pessoal**, ainda existe muito pouco conhecimento sobre o tema.

Quanto à criatividade, a maioria das pessoas não conhece totalmente o assunto, ainda guarda muitos tabus sobre ela, acredita que praticá-la é muito trabalhoso, que esse tipo de coisa só deve ser praticada por artistas, profissionais da arte e que só uns poucos privilegiados nascem com esse dom.. Por isso mesmo, já se acostumaram a agir da forma

como foram doutrinados a vida inteira, acostumaram-se com a rotina, praticando mesmices, sem se perguntarem sobre a validade de agirem assim.

A maioria dos profissionais ainda não percebeu totalmente a extrema importância de praticar o desenvolvimento da competência interpessoal, que pode não só contribuir para facilitar a vida, abrir as portas para o sucesso, ajudar no relacionamento interpessoal, na perfeita comunicação, nos relacionamentos descontraídos. Talvez até grande parte deles tenha consciência disso, mas ache trabalhoso ou desnecessário no seu campo de atuação. Enganam-se, pois esse tipo de desenvolvimento é importante em todos os campos de ação e até mesmo nas tarefas mais simples do dia a dia.

Ora, se a **criatividade** é um fator que não é privilégio de uns poucos escolhidos e pode ser exercitada e praticada por qualquer pessoa e o desenvolvimento da **competência interpessoal** também é facilmente treinada, e se esses dois fatores são elementos imprescindíveis para o bom desenvolvimento do trabalho docente e que, em consequência disso, pode-se ter uma excelente repercussão no processo ensino-aprendizagem, por que tantos professores ainda relutam em ceder a essas táticas, que são muito fáceis de serem manejadas e que têm um efeito tão produtivo?

Todos os professores que procuram ser criativos em seu trabalho docente e que mantêm com os seus alunos, um bom relacionamento, conseguem ter como consequência, uma aprendizagem muito mais eficaz.

Depois deste trabalho de pesquisa, ficam ainda algumas indagações: Será que alunos de cursos de outras áreas do conhecimento também têm o mesmo comportamento que os de Ciências Humanas ou para eles, a criatividade ou a competência interpessoal não são tão importantes para o processo ensino- aprendizagem.?

Nesse sentido, a presente pesquisa pode servir para lançar uma semente em busca de novos estudos, em outras áreas do conhecimento, para se pesquisar mais sobre o mesmo tema, tratado sob outros pontos de vista.

Sendo ela uma pesquisa descritiva, pode servir de incentivo para que, num estudo mais aprofundado sobre o tema, procure-se capacitar o professor para melhorar o seu desempenho didático-pedagógico, por meio de um treinamento com exercícios, simulações, estudos de caso ou dramatizações, para que ele possa trabalhar mais eficientemente com criatividade e procurar desenvolver a sua competência interpessoal, que acreditamos ser um pouco mais difícil, em virtude da complexidade de se lidar com o controle emocional.

Entretanto, o mais importante é reforçarmos o inquestionável **poder** e a responsabilidade do professor perante seus alunos. Suas palavras, seus gestos, seu pensamento, sua forma de agir e a filosofia que ele defende têm uma enorme influência sobre o aluno. O professor é um exemplo vivo para a sua classe. Por isso, há necessidade de se tomar o maior cuidado com a imagem que ele possa estar passando, às vezes até inconscientemente, aos nossos alunos.

Todo cuidado é pouco.

Sabe-se que os conceitos bons ou ruins dos alunos sobre algumas disciplinas devem ter, com toda certeza, algum professor, num passado longínquo, responsável por ele. O professor tem o dom de deixar marcas indeléveis ou profundas na personalidade dos seus educandos que podem acompanhá-los por muito tempo.

Resta-nos almejar que todas as marcas deixadas sejam as melhores possíveis e que sirvam para nortear, da melhor forma possível, o futuro de suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Eunice Soriano de, **A gerência da criatividade**, São Paulo : Makron Books, 1997.
- _____. **Como desenvolver o potencial criador**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1999.
- _____. **Criatividade**. Brasília : Editora da Universidade de Brasília, 1995.
- ALVES, Rubens. **Entre a ciência e a sapiência : O dilema da educação**. São Paulo : Loyola, 1999.
- _____. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo : Ars Poética, 1995.
- AYAN, Jordan. **Aha! dez maneiras de libertar o seu espírito criativo e encontrar grandes idéias**. São Paulo: Negócio, 1998.
- BARROS, Aidil de J. Paes de, et al ., **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.
- BECKER, Lauro da Silva et al., **elaboração e apresentação de trabalhos de pesquisa**. Blumenau : Acadêmica, 1999.
- BERSTEIN, Basil. **A estrutura do discurso pedagógico**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1996.
- BIONDI, Aloysio. os nós da educação. **Revista Educação**. São Paulo. v.213, p.54-55, jan/99.
- BODEN, Margareth A. (Org). **Dimensões da criatividade**. Porto Alegre : ARTMED, 1999.
- BONO, Edward de. **Criatividade levada a sério**. São Paulo : Pioneira, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al., **Criatividade e novas metodologias**. São Paulo : Papirus, 1995.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1988.
- CHAPMAN, Elwood N. **Atitude, o mais valioso de todos os seus bens**. Rio de Janeiro : Qualitymark, 1996.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. São Paulo : Papirus, 1997.
- DAVENPORT H. & PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**. São Paulo: Campus, 1998.

DREIFUSS, René A. **A época das perplexidades : Mundialização, Globalização e planetarização : Novos Desafios.** Petrópolis, RJ : Vozes, 1996.

DRYDEN Gordon & VOS, Jeannette. **Revolucionando o aprendizado.** São Paulo : Makron Books, 1996.

DUALIBI, R. & SIMONSEN, H. **Criatividade e marketing.** São Paulo : Gráfica Ex-ente, 1999.

EVANS, R. & RUSSEL, P. **O empresário criativo.** São Paulo : Cultrix, 1990.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa.** Campinas, SP : Papirus, 1995.

____ (Org.) **Práticas interdisciplinares na escola.** São Paulo : Cortez, 1996.

FOSTER, Jack. **Como ter novas idéias.** São Paulo : Futura, 1997.

FRANCO, Marcelo A. **O ensaio sobre as tecnologias digitais da inteligência.** São Paulo : Papirus, 1997.

FRITZEN, Silvino José. **Relações humanas interpessoais.** Petrópolis, RJ : Vozes, 1990.

GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do ensino superior.** São Paulo : Atlas, 1994.

HELLER, Robert. **Como se comunicar bem.** São Paulo : Publifolha, 1999.

HERSEY, P & BLANCHARD H. **Psicologia para administradores de empresa,** SPEPU, 1986.

KALINKE, Marco Aurélio. **Para não ser um professor do século passado.** Curitiba, Gráfica Expoente, 1999.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana.** Belo Horizonte : Autêntica, 1999.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Criatividade, personalidade e educação.** São Paulo : Papirus, 1997.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações.** São Paulo : Atlas, 1994.

MIEL, Alice. **Criatividade no ensino.** São Paulo : Ibrasa, 1993.

MINICUCCI, Agostinho. **Relações humanas : Psicologia das Relações Interpessoais.** São Paulo : Atlas, 2000.

MIRANDA, José L.C & GUSMÃO, Heloísa Rios. **Projetos & monografias.** Niterói, Intertexto, 1999.

- _____. **Como escrever um artigo científico.** Niterói : EDUFF, 1997.
- MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento interpessoal.** Rio de Janeiro : José Olympio, 1997.
- MÜLLER, Mary Stela & CORNELSEN, Julce Mary. **normas e padrões para teses, dissertações e monografias.** Londrina : UEL, 1995.
- OECH, Roger Von. **Um chute na rotina.** São Paulo : Cult. Edit. Associados, 1997.
- _____. **Um "toc" na cuca.** São Paulo : Cult. Edit. Associados, 1998.
- PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada.** Porto Alegre : ARTMED, 2000.
- PREDEBON, José. **Criatividade : abrindo o lado inovador da mente.** São Paulo : Atlas, 1997.
- _____. **Criatividade hoje: Como se pratica, aprende e ensina.** São Paulo : Atlas, 1999.
- RAYS, Oswaldo Alonso (Oeg). **Trabalho pedagógico : Realidades e perspectivas.** Porto Alegre : Sulina, 1999
- ROBBINS, Speechen P., **Comportamento Organizacional,** Rio de Janeiro, Editora L.T.C., 1999
- SANTOS, Neri dos. **Gestão estratégica do conhecimento.** Apostilas do PPGE/UFSC : 1998.
- SILVA, Edna Lúcia da & MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração da dissertação.** Florianópolis : UFSC/ PPGE/ LED , 2000.
- SVEIBY, Karl Erik. **A nova riqueza das organizações.** São Paulo : Campus, 1998.
- UNESCO. **Declaracion mundial sobre la educación superior en el siglo XXI: Vision y Acción.** Paris, 9/10/98.
- VELA, Jesús Andrés. **Técnicas e práticas das relações humanas.** São Paulo : Loyola, 1980.
- VIANNA, Marco Aurélio R. & VELASCO, Sérgio Duarte. **Muda tudo.** Ver. Profissão: Mestre. PR, Humana Editorial Ltda, mar/2000.
- WEIL, Pierre & TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala.** Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

- WEISS, Donald. **Como se relacionar bem no trabalho.** São Paulo : Nobel, 1994
- _____. **Convivendo com gente difícil.** São Paulo : Nobel, 1993.

ANEXOS

136

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO 1

**ESTE É UM QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES DE III GRAU.
VOCÊ NÃO DEVE SE IDENTIFICAR. QUEREMOS APENAS SABER A SUA
FAIXA-ETÁRIA:**

MENOS DE 20 ANOS	
DE 20 A 39 ANOS	
DE 40 A 59 ANOS	
MAIOS DE 59 ANOS	

MARQUE COM UM "X" NA RESPOSTA CONVENIENTE

1 - DE UM MODO GERAL, COMO VOCÊ CONCEITUA AS AULAS DO SEU CURSO?

- () EXCELENTES, ACIMA DO ESPERADO;
 () BOAS, COMO O ESPERADO;
 () RAZOÁVEIS, MAS HÁ AINDA MUITA COISA A MELHORAR.

2 - QUANTO À ATUAÇÃO DOCENTE, QUAL O SEU CONCEITO:

- () TODOS OS PROFESSORES SÃO EXCELENTES: TÊM ÓTIMA DIDÁTICA E DIRIGEM BEM OS TRABALHOS EM CLASSE;
 () ALGUNS PROFESSORES SÃO BONS, MAS HÁ OUTROS QUE PRECISAM MELHORAR O SEU MANEJO DE CLASSE;
 () OS PROFESSORES SÃO ESFORÇADOS, MAS ALGUMAS VEZES DEIXAM TRANSPARECER FALTA DE DOMÍNIO DO ASSUNTO TRATADO EM CLASSE.

3 - ENUMERE, EM ORDEM DECRESCENTE DE IMPORTÂNCIA (DA MAIS IMPORTANTE À MENOS IMPORTANTE, AS TRÊS QUALIDADES DE UM BOM PROFESSOR.

- A)
 B)
 C)

4 - SEGUNDO O MESMO CRITÉRIO DA PERGUNTA "3" , PARA VOCÊ, QUAIS OS TRÊS PIORES DEFEITOS , NUM PROFESSOR?

- A)
 B)
 C)

QUESTIONÁRIO 2 - ESTUDANTES DO III GRAU

**VOCÊ NÃO DEVE SE IDENTIFICAR NEM CITAR NOME DE PROFESSORES
OU QUALQUER PESSOA ENVOLVIDA NAS RESPOSTAS DO
QUESTIONÁRIO**

**DÊ CONCEITOS, DE ACORDO COM OS CRITÉRIOS ABAIXO
ESPECIFICADOS, A COMPORTAMENTOS QUE SE ESPERA DE UM
PROFESSOR, EM SALA DE AULA:**

INDISPENSÁVEL (A)

IMPORTANTE (B)

INDIFERENTE (C)

- | | |
|--|------------|
| 1 - TER DOMÍNIO PERFEITO DA DISCIPLINA QUE LECIONA | () |
| 2 - DEMONSTRAR SIMPATIA, BOM HUMOR, ENTUSIASMO | () |
| 3 - DAR ATENDIMENTO ÀS REIVINDICAÇÕES DOS ALUNOS | () |
| 4 - POSSUIR TITULAÇÃO ADEQUADA (MESTRE OU DOUTOR) | () |
| 5 - SABER A RESPOSTA DE TODAS AS PERGUNTAS | () |
| 6 - VARIAR OS PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS NAS AULAS | () |
| 7 - DEMONSTRAR CONTROLE DE DISCIPLINA EM CLASSE | () |
| 8 - APLICAR, NA PRÁTICA, A TEORIA QUE TRANSMITE | () |
| 9 - TER COMPORTAMENTO ÉTICO | () |
| 10 - POSSUIR BOA DICÇÃO E VOZ MODULADA | () |
| 11 - SER CRIATIVO E APRESENTAR INOVAÇÕES EM CLASSE | () |
| 12 - MANTER BOM RELACIONAMENTO COM OS ALUNOS | () |
| 13 - SER CLARO E OBJETIVO AO TRATAR DOS TEMAS | () |
| 14 - PERMITIR SUGESTÕES OU CONTRA-ARGUMENTAÇÕES | () |
| 15 - TER CARISMA | () |
| 16 - MANTER-SE ATUALIZADO | () |

138

ANEXO 3

EXERCÍCIO 1 (PARA ALUNOS)

(Baseado em exercício de GETZELS e JACKSON)

**LEIA A LISTA ABAIXO, COM A DESCRIÇÃO DE DEZ ALUNOS HIPOTÉTICOS,
CADA UM EXEMPLIFICANDO UMA QUALIDADE PESSOAL DESEJÁVEL**

ALUNO A - é o mais popular da escola e se dá bem com todos os colegas;

ALUNO B - é o que tem mais senso de humor na escola;

ALUNO C - é o melhor atleta da escola e é bom em todos os esportes;

ALUNO D - é o que sempre ganha notas altas em todas as matérias e gosta de estudar;

ALUNO E - é o considerado mais bonito da escola;

ALUNO F - é o que tem mais idéias para inventar novas formas de fazer as mesmas coisas;

ALUNO G - é o mais inteligente da escola;

ALUNO H - é o que parece ser o mais feliz de todos, sem se preocupar com pequenas coisas;

ALUNO I - é o mais honesto de toda a escola, em quem todos podem confiar;

ALUNO J - é o mais querido por todos os professores.

ESCREVA, NA COLUNA DA ESQUERDA , OS TRÊS TIPOS DE ALUNO QUE GOSTARIA DE TER COMO COLEGA E, NA DA DIREITA, OS TRÊS TIPOS QUE VOCÊ GOSTARIA DE SER (SEMPRE EM ORDEM DECRESCENTE DE PREFERÊNCIA)

COLUNA DA ESQUERDA

COLUNA DA DIREITA

- | | |
|----------|----------|
| 1) | 1) |
| 2) | 2) |
| 3) | 3) |

ANEXO 4

EXERCÍCIO 2 (PARA PROFESSORES)

(Baseado em exercício de GETZELS e JACKSON)

LEIA A LISTA ABAIXO, COM A DESCRIÇÃO DE DEZ ALUNOS HIPOTÉTICOS, CADA UM EXEMPLIFICANDO UMA QUALIDADE PESSOAL DESEJÁVEL.

ALUNO A - é o mais popular da escola e se dá bem com todos os colegas;

ALUNO B - é o que tem mais senso de humor na escola;

ALUNO C - é o melhor atleta da escola e é bom em todos os esportes;

ALUNO D - é o que sempre ganha notas altas em todas as matérias e gosta de estudar;

ALUNO E - é o considerado mais bonito da escola;

ALUNO F - é o que tem mais idéias para inventar novas formas de fazer as mesmas coisas;

ALUNO G - é o mais inteligente da escola;

ALUNO H - é o que parece ser o mais feliz de todos, sem se preocupar com pequenas coisas;

ALUNO I - é o mais honesto de toda a escola, em quem todos podem confiar;

ALUNO J - é o mais querido por todos os professores.

ESCREVA, NA COLUNA DA ESQUERDA , OS TRÊS TIPOS QUE VOCÊ GOSTARIA DE TER COMO SEU ALUNO E, NA DA DIREITA, OS TRÊS TIPOS QUE VOCÊ ACREDITA TEREM CHANCES DE SEREM BEM SUCEDIDOS , NA VIDA FUTURA (SEMPRE EM ORDEM DECRESCENTE DE PREFERÊNCIA) .

COLUNA DA ESQUERDA

COLUNA DA DIREITA

- | | |
|----------|----------|
| 1) | 1) |
| 2) | 2) |
| 3) | 3) |

140

ANEXO 5

DADOS COLHIDOS NAS ENTREVISTAS NÃO DIRETIVAS:

QUALIDADES DO PROFESSOR , APONTADAS PELOS ALUNOS:

- ❖ ACEITA CRÍTICAS DE SEUS ALUNOS;
- ❖ APRESENTA BOA LÍNGUAGEM;
 - COMPORTAMENTO DEMOCRÁTICO;
 - COMPORTAMENTO DINÂMICO;
 - COMPORTAMENTO ÉTICO;

- **COMPORTAMENTO MADURO;**
- **TITULAÇÃO PARA O CARGO;**
- **ADERÊNCIA PARA LECIONAR A DISCIPLINA;**
- **TOLERÂNCIA;**
- ❖ **ATENDE AOS INTERESSES DO GRUPO;**
- ❖ **COSTUMA ESCLARECER AS DÚVIDAS DOS ALUNOS;**
 - **EXIGIR O CUMPRIMENTO DOS DEVERES;**
 - **FACILITAR A APRENDIZAGEM**
 - **FAZER ASSOCIAÇÃO DA AULA COM A REALIDADE;**
 - **FAZER BOA UTILIZAÇÃO DO TEMPO;**
 - **INCENTIVAR A PESQUISA DOS ALUNOS;**
 - **PESQUISAR;**
 - **USAR ENERGIA CONTROLADA;**
 - **UTILIZAR TÉCNICAS VARIADAS NAS SUAS AULAS;**
 - **VARIAR O TIPO DE AVALIAÇÃO UTILIZADO NAS PROVAS;**
- ❖ **CULTUA A PONTUALIDADE;**
- ❖ **DEMONSTRA AUTORIDADE DE FORMA BRANDA;**
 - **BOM SENSO;**
 - **CLAREZA E OBJETIVIDADE NAS EXPLICAÇÕES;**
 - **COMPANHEIRISMO;**
 - **COMPREENSÃO;**
 - **CRIATIVIDADE;**
 - **DEDICAÇÃO;**
 - **ESPONTANEIDADE;**
 - **FLEXIBILIDADE A MUDANÇAS;**
- **FRANQUEZA;**
- **HUMILDADE, NÃO SUBSERVIÊNCIA;**
- **ORGANIZAÇÃO NO SEU DESEMPENHO;**
- **PACIÊNCIA;**
- **PRATICIDADE;**
- **RESPEITO PELO ALUNO;**
- **RESPONSABILIDADE;**
- **SEGURANÇA;**
- **SENTIMENTO DE AMIZADE;**
- **SIMPATIA;**
- ❖ **DESPREZA COMPORTAMENTOS PRECONCEITUOSOS;**
- ❖ **MANTÉM O CONTROLE DA DISCIPLINA EM CLASSE;**

- ATUALIZAÇÃO CONSTANTE;
- BOM HUMOR;
- BOM RELACIONAMENTO COM A CLASSE;
- DIÁLOGO COM O ALUNO;
- ENTUSIASMO;
- EQUILÍBRIO ;
- OS PROBLEMAS PESSOAIS LONGE DA SALA DE AULA;
- ❖ PERMITE PARTICIPAÇÕES DO GRUPO;
- ❖ POSSUI BOM MANEJO DE CLASSE;
 - FACILIDADE DE TRANSMITIR OS CONCEITOS;
 - TREINAMENTO DIDÁTICO;
- ❖ PREOCUPA-SE COM A INCENTIVAÇÃO NAS AULAS;
 - COM A AVALIAÇÃO DOS ALUNOS;
 - COM O PLANEJAMENTO;
 - EM ORIENTAR OS TRABALHOS DOS ALUNOS;
- ❖ PROCURA FAZER "FEED-BACK" DURANTE AS AULAS;
 - RESPONDER A TODAS AS PERGUNTAS
- ❖ VALORIZA A SUA PROFISSÃO;
 - A BOA ORALIDADE;
 - A BOA APARÊNCIA;
 - AS PESSOAS QUE TÊM GARRA;
 - AS PESSOAS QUE TÊM INICIATIVA;
 - ATOS DE SOLIDARIEDADE;
 - OS PEQUENOS AVANÇOS E CRESCIMENTOS DO ALUNO;

DADOS COLHIDOS NAS ENTREVISTAS NÃO DIRETIVAS

<h4>DEFEITOS DO PROFESSOR APONTADOS PELOS ALUNOS</h4>
--

- ❖ APRESENTA ATITUDES GROSSEIRAS COM OS ALUNOS;
 - ATITUDES DE PREGUIÇA OU DESÂNIMO;
 - DIFICULDADE EM SE RELACIONAR COM A CLASSE;
 - INSEGURANÇA AO EXPOR O ASSUNTO DAS AULAS;
- ❖ COSTUMA MANTER MAU HUMOR;

- REAGIR COM MÁ VONTADE A TODA PERGUNTA DO ALUNO;
- SER ANTIPÁTICO ;
- SER LAMURIENTO E QUEIXOSO;
- TER UMA BOA DESCULPA PARA AS SUAS FALTAS ;
- SER IMPONTUAL ;
- FALTAR ÀS AULAS , SEM AVISAR À TURMA, COM ANTECEDÊNCIA;
- SER EXTREMAMENTE EXIGENTE ;
- MANTER UM AMBIENTE "PESADO" EM SALA DE AULA;
- FAZER DISCRIMINAÇÕES;
- FAZER MAU USO DO TEMPO;
- USAR RÓTULOS, COM OS ALUNOS;
- UTILIZAR SARCASMOS E DEBOCHES;
- USAR SEMPRE OS MESMOS MODELOS (AULA, PROVA ETC.)
- ❖ DEMONSTRA COMPORTAMENTO DE ALHEAMENTO À TURMA;
 - COMPORTAMENTOS MERCENÁRIOS;
 - DESATUALIZAÇÃO;
 - DESCONTENTAMENTO COM A ESCOLA;
 - DESINTERESSE PELO CURSO OU PELA DISCIPLINA QUE LECIONA;
 - DESORGANIZAÇÃO;
 - FALTA DE BOM SENSO;
 - IMPACIÊNCIA;
 - DESATENÇÃO;
 - INTOLERÂNCIA E IMPACIÊNCIA;
- INSENSIBILIDADE ÀS REIVINDICAÇÕES DA TURMA;
- IRRESPONSABILIDADE;
- INFLEXIBILIDADE;
- FALTA DE PLANEJAMENTOS NAS SUAS AÇÕES;
- ❖ MINISTRA AULAS MONÓTONAS E CANSATIVAS;
- ❖ MANTÉM MÉTODOS DESATUALIZADOS;
- ❖ MISTURA SEUS PROBLEMAS PESSOAIS COM OS ASSUNTOS DA AULA;
- ❖ NÃO ACEITA OPINIÕES E / OU CONTRA-ARGUMENTAÇÕES;
 - ADMITE DIÁLOGO EM CLASSE;
 - APRESENTA INOVAÇÕES;
 - DEMONSTRA SENSO CRÍTICO;
 - DEMONSTRA CRIATIVIDADE;
 - DOMINA O CONTEÚDO DAS DISCIPLINAS;

- MANTÉM MOTIVAÇÃO EM SUAS AULAS;
- POSSUI DIDÁTICA;
- TRABALHA COM TÉCNICAS DINÂMICAS;
- RECONHECE SUAS FALHAS E/OU ERROS;
- REVÊ DÚVIDAS NOS ASSUNTOS DE AULA;
- VARIA OS MÉTODOS DE AVALIAÇÃO;
- TEM BOA ORALIDADE;
- ❖ TEM ATITUDES DE AUTORITARISMO E PREPOTÊNCIA;
- ATITUDES DE DESRESPEITO PELO ALUNO;
- DIFICULDADE EM SE EXPRESSÃO, DURANTE AS AULAS;
- DIFICULDADE DE MANTER AUTORIDADE EM CLASSE;
- DIFICULDADE PARA AVALIAR OS ALUNOS;

144

ANEXO 7

DADOS COLHIDOS NAS ENTREVISTAS NÃO DIRETIVAS

**ITENS ABORDADOS COM MAIOR FREQUÊNCIA PELOS PROFESSORES
SOBRE ALUNOS, ESCOLA E SISTEMA INSTITUCIONAL**

COM RELAÇÃO AOS ALUNOS:

- ❖ ALUNOS COM DIFICULDADE DE SE CONCENTRAREM NA AULA;
- ❖ TURMAS INDISCIPLINADAS , DE UM MODO GERAL;
- ❖ TURMAS COM UM LÍDER NEGATIVO , QUE AFETA A TODA A CLASSE;
- ❖ TURMAS COM GRUPOS DE LÍDERES RIVAIS;

- ❖ GRUPOS DE ALUNOS QUE COSTUMAM SE DEGLADIAR EM CLASSE;
- ❖ ALUNOS TOTALMENTE DESINTERESSADOS PELO CURSO;
- ❖ ALUNOS COM A FAMOSA "SÍNDROME DA NOTA DEZ";
- ❖ RECUSA OS ALUNOS DE FAZEREM LEITURAS FORA DO PERÍODO DA AULA;
- ❖ TODAS AS TAREFAS PASSADAS PELOS PROFESSORES SÃO RECEBIDAS COM RECLAMAÇÕES;
- ❖ ATITUDES DE DESRESPEITO DO ALUNO PELO PROFESSOR, EM SALA DE AULA;
- ❖ ALUNOS QUE FAZEM TAREFAS DE OUTRAS DISCIPLINAS, DURANTE A AULA;
- ❖ ATITUDES IRÔNICAS OU AGRESSIVAS PARA COM A CLASSE OU O PROFESSOR;
- ❖ ALUNOS COM MUITA DIFICULDADE EM FAZER PESQUISAS, PLANEJAMENTOS ETC.;
- ❖ ALUNOS QUE PERTURBAM O ANDAMENTO DAS AULAS, COM CONVERSAS, INTERRUPÇÕES DESNECESSÁRIAS ETC.;
- ❖ ALUNOS QUE FALTAM EXCESSIVAMENTE ÀS AULAS E EXIGEM DO PROFESSOR O ABONO DAS SUAS FALTAS;
- ❖ ALUNOS QUE ENTRAM E SAEM DA SALA, DURANTE A AULA, SEM O MENOR RESPEITO PELO PROFESSOR OU PELOS COLEGA;

145

- ❖ ALUNOS QUE RECLAMAM , NÃO QUERENDO ACEITAR A NOTA RECEBIDA NAS PROVAS OU TRABALHOS;
- ❖ TENTATIVAS DE FALSIFICAR ASSINATURAS EM TRABALHOS.

COM RELAÇÃO À ESCOLA OU SISTEMA INSTITUCIONAL:

- ❖ POUCO TEMPO PARA SE TRABALHAR OS TEMAS DE ALGUMAS AULAS ;
- ❖ CARGA HORÁRIA MUITO PEQUENA PARA SE TRABALHAR TODA A DISCIPLINA;
- ❖ SALÁRIO DESINCENTIVADOR;
- ❖ SALÁRIO EM DEFASAGEM COM O DE OUTRAS INSTITUIÇÕES DO MESMO TIPO;
- ❖ ACERVO DA BIBLIOTECA INSUFICIENTE;
- ❖ FALTA DE ESPAÇO PARA O PROFESSOR REALIZAR SUAS PESQUISAS;

- ❖ OS PRAZOS EXIGIDOS DO PROFESSOR PELA INSTITUIÇÃO NÃO COINCIDEM COM OS QUE A INSTITUIÇÃO DEVE CUMPRIR COM RELAÇÃO AO PROFESSOR;
- ❖ FALTA DE UM ESPAÇO DE DESCANSO (COM MOBILIÁRIO ADEQUADO) PARA PROFESSORES QUE FICAM NA INSTITUIÇÃO, AGUARDANDO O PRÓXIMO HORÁRIO DE AULAS;
- ❖ CANTINA CONDIZENTE COM O NÚMERO DE PESSOAS QUE CONVIVEM NO CAMPUS;
- ❖ FALTA DA CONSTRUÇÃO DE UM RESTAURANTE PARA PROFESSORES E UNIVERSITÁRIOS;
- ❖ PROVIDÊNCIAS , JUNTO AOS ÓRGÃOS DA URBS , PARA A MELHORA E O AUMENTO DE ÔNIBUS , DURANTE OS HORÁRIOS DE MAIOR MOVIMENTO;
- ❖ FALTA DE UM AMBULATÓRIO MÉDICO (COM A PRESENÇA DE UM PROFISSIONAL CAPACITADO) , FUNCIONANDO EM TODOS OS TURNOS , PRINCIPALMENTE NO DA NOITE, ONDE HÁ O MAIOR NÚMERO DE ALUNOS;
- ❖ FALTA UM PLANO DE SAÚDE PARA FUNCIONÁRIOS E PROFESSORES.